



**CENTRO EDUCACIONAL TEOLÓGICO
DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS
NO BRASIL**



TEOLOGIA SISTEMÁTICA III

Curso Básico em Teologia



CETADEB – Centro Educacional Teológico das Assembléias de Deus no Brasil

Rua Antônio José de Oliveira, 1180

Bairro São Carlos - Cx. Postal 241

86800-472 – Apucarana – PR

Fone/Fax: (43) 3426-0003

Celular TIM: (43) 9960-0910 / (43) 9924-0708 / (43) 9960-8886

Celular Vivo: (43) 9133-3953 / (43) 9157-1462

Celular Oi: (43) 8455 4830 / (43) 8455 4831 / (43) 8455 4832

E-mail: contato@cetadeb.com.br

Site: www.cetadeb.com.br

Aluno(a): _____

TEOLOGIA SISTEMÁTICA III

Anjos, Homem, Pecado e Salvação

***Pr Ciro Sanches Zibordi
(Compilado)***

Copyright © 2010 by Ciro Sanches Zibordi

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados a Denobi e Acioli Empreendimentos Educacionais.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade do autor.

4ª Edição – Mar/2013

DIRETORIAS E CONSELHOS

Diretor

Pr Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora

Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo

Pr Daniel Sales Acioli – Apucarana-PR

Pr Perci Fontoura – Umuarama-PR

Pr José Polini – Ponta Grossa-PR

Coordenação Teológica

Pr Genildo Simplício – São Paulo-SP

Dc Márcio de Souza Jardim – Guaíra-PR

Assessoria Jurídica

Dr Mauro José Araújo dos Santos – Apucarana-PR

Dr Carlos Eduardo Neres Lourenço – Curitiba-PR

Dr Altenar Aparecido Alves – Umuarama-PR

ABREVIACÕES

- a.C. – antes de Cristo.
ARA – Almeida Revista e Atualizada
ARC – Almeida Revista e Corrigida
AT – Antigo Testamento
BV – Bíblia Viva
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
c. – Cerca de, aproximadamente.
cap. – capítulo; caps. – capítulos.
cf. – confere, compare.
d.C. – depois de Cristo.
e.g. – por exemplo.
Fig. – Figurado.
fig. – figurado; figuradamente.
gr. – grego
hb. – hebraico
i.e. – isto é.
IBB – Imprensa Bíblica Brasileira
Km – Símbolo de quilometro
lit. – literal, literalmente.
LXX – Septuaginta (versão grega do AT)
m – Símbolo de metro.
MSS – manuscritos
NT – Novo Testamento
NVI – Nova Versão Internacional
p. – página.
ref. – referência; refs. – referências
ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1Pe 2.1ss, significa 1Pe 2.1-25).
séc. – século (s).
v. – versículo;
vv. – versículos.
ver - veja

NOSSO CREDO

-  Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo. (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
-  Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2Tm 3.14-17).
-  Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
-  Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
-  Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
-  No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).
-  No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).

-
-  Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pe 1.15).
 -  No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
 -  Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1Co 12.1-12).
 -  Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatara sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).
 -  Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).
 -  No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
 -  E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil - CGADB

SUMÁRIO

LIÇÃO I – A CRIAÇÃO	9
ATIVIDADES – LIÇÃO I	21
LIÇÃO II – A DOCTRINA DOS ANJOS - ANGELOGIA	23
ATIVIDADES – LIÇÃO II	56
LIÇÃO III – A DOCTRINA DO HOMEM - ANTROPOLOGIA	57
ATIVIDADES – LIÇÃO III	95
LIÇÃO IV – A DOCTRINA DO PECADO - HAMARTIOLOGIA.....	97
ATIVIDADES – LIÇÃO IV	138
LIÇÃO V – A DOCTRINA DA SALVAÇÃO – SOTERIOLOGIA	141
ATIVIDADES – LIÇÃO V	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173

Anotações:

Lição I

Criação

A

A CRIAÇÃO

Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra, pois puseste a tua glória sobre os céus!... Quando vejo dos teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste.

INTRODUÇÃO

As palavras acima foram pronunciadas pelo salmista Davi, extasiado com a grandeza da criação (Sl 8.1,3-5). Da mesma forma, Jó, o patriarca, exclamou: “*Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas sobre ele o teu coração, e cada manhã o visites, e cada momento o proves?*” (Jó 7.17,18).

Ainda que, no seu tempo, não dispusesse de modernos meios tecnológicos para contemplar as estrelas e o Universo, Davi se sentia deslumbrado ante a glória de Deus, revelada através da sua criação. Ao ver os astros, incluindo o Sol, a Lua e as estrelas, ele, reconhecendo a pequenez do ser humano ante a majestosa visão dos horizontes do espaço sideral, fez a pergunta que muitos ainda hoje fazem: “Que é o homem mortal?”

I - OS DIAS DA CRIAÇÃO

Há uma parte da Teontologia que trata da obra da criação, dos decretos divinos e da providência. O que a Bíblia ensina sobre o planejamento, a origem e a manutenção de todas as coisas no Céu e na Terra? É desse assunto que nos ocuparemos a partir de agora, o qual envolve governo e preservação de todas as criaturas de Deus.

Deus criou o Universo do nada, *ex nihilo*. É o que ensina a Bíblia. A narrativa do primeiro capítulo de Gênesis deve ser entendida à luz do contexto bíblico. E o ponto de partida da criação é: “No princípio, criou

Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). O verbo hebraico *bārā’*, “criou”, “denota o conceito de ‘iniciar alguma coisa nova’ em certo número de passagens”. Trata-se, pois, de um termo essencialmente teológico.

Tal verbo é empregado somente com referência à atividade de Deus, exceto em outras construções ou graus do verbo hebraico — estrutura peculiar às línguas semíticas, que altera o seu significado. Essa idéia do *fiat* divino é apoiada em toda a Bíblia. Deus trouxe o Universo à existência do nada e de maneira instantânea, pela sua soberana e livre vontade.

Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu (Sl 33.9).

Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente (Hb 11.3).

Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder, porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas (Ap 4.11).

A *creatio ex nihilo*, da teologia judaico-cristã, está em franca oposição a todo o sistema panteísta; e contrariava, desde o período da Grécia antiga, o pensamento grego, pelo qual se defendia a idéia da eternidade da matéria — esta é antibíblica e, portanto, inaceitável aos judeus e cristãos.

Desde o surgimento do darwinismo a narrativa da criação tem sido reavaliada e reinterpretada por muitos teólogos. Hoje, a origem do mundo, conforme o relato de Gênesis é interpretada e reinterpretada por diversos sistemas teológicos e filosóficos tendenciosos.

O primeiro versículo da Bíblia revela a origem do Universo, sem explicar detalhadamente como e quando isso aconteceu. Trata-se da criação original. O relato dos dias da criação é interpretado por alguns como períodos de mil anos cada; outros procuram associá-los às supostas eras geológicas; ainda outros os definem como dias literais de restauração, haja vista o Universo ter vindo à existência “no princípio” (Gn 1.1).

Muitos tentam adaptar o darwinismo à Bíblia; defendem a *creatio ex nihilo* seguida da evolução, nas longas eras geológicas, ajustando-as aos dias mencionados em Gênesis 1.5 a 2.3. O termo hebraico *yôm*, “dia”, e seu correspondente grego *hēmera* às vezes indicam certo período: “eis aqui agora o dia da salvação” (2Co 6.2); nem sempre denotam, na Bíblia, dia literal, de 24 horas.

A palavra “dia” é “cercada de muitos temas teológicos relacionados à soberania de Deus”, como lemos em Salmos 90.4 e 2Pedro 3.8: “Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite”; “Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia”.

Para alguns teólogos, haveria certa correspondência entre os supostos seis períodos geológicos e a narrativa do livro de Gênesis, seguindo, em linhas gerais, aos mesmos estágios. Os chamados dias da criação seriam, nesse caso, “dias da recriação” ou “restauração”. Isso é a chamada teoria do intervalo.

Entretanto, o contexto bíblico mostra que o Universo apareceu perfeito, o que chamamos de “Terra original”. Onde localizar o antigo habitat do querubim ungido, mencionado em Ezequiel 28.12-16? O que dizer da queda de Lúcifer, citada em Isaías 14.12-14? Em que momento não havia chuva na Terra (Gn 2.5,6)? Deus teria criado a Terra caótica?

Segundo a teoria em apreço, as passagens bíblicas acima falam da Terra em seu estado original, quando Deus a criou “no princípio” (1.1), pois, em seguida, o texto sagrado registra: “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1.2).

A Palavra de Deus afirma que Deus não criou a Terra vazia: “o Deus que formou a terra e a fez; ele a estabeleceu, não a criou vazia” (Is 45.18). No hebraico, “sem forma e vazia” é *tôhû wābôhû*. O profeta Isaías empregou o termo *tôhû*, que significa “confusão, espaço vazio, sem forma, nada, nulidade, vacuidade, vaidade, deserto, caos”. E o profeta Jeremias usou a mesma expressão de Gênesis 1.2: “Observei a terra, e eis que estava assolada e vazia; e os céus, e não tinham a sua luz” (Jr 4.23).

Ainda segundo a teoria em análise, a Terra “tornou-se” ou “veio a ser” sem forma e vazia, o que nos levaria a admitir — se tal interpretação estiver correta — que “não pode, portanto, haver qualquer objeção gramatical contra traduzir Gênesis 1:2: ‘E a terra veio a ser vazia e deserta...’

Teria, pois, havido — conquanto a Bíblia não assevere isso de maneira clara — uma catástrofe universal que transformou a Terra original num caos. Teria, ainda, havido um período de tempo que não se pode calcular entre Gênesis 1.1 e 1.2.

De acordo com a mesma interpretação, é possível que o referido caos tenha resultado da queda de Lúcifer. Essa era a teoria propagada por pioneiros da Assembléia de Deus, como Lars Eric (Eurico) Bergstén e N. Lawrence Olson, que se baseavam em passagens como Isaías 14.12-14:

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.

A Vulgata Latina usa o termo *lúcifer*, “portador de luz”, em lugar de “estrela da manhã”. Daí Lúcifer ter se tornado um dos nomes de Satanás. O Senhor Jesus falou de sua queda: “Eu via Satanás, como raio, cair do céu” (Lc 10.18). De acordo com a teoria defendida pelos teólogos pentecostais Olson e Bergstén, o relato seguinte trata de restauração, pelo mesmo poder da Palavra que “criou os céus e a terra”.

II - A ORIGEM DO HOMEM

No primeiro dia, Deus trouxe a luz à existência (Gn 1.3). No segundo, criou a expansão ou o firmamento — hb. *rāqîa'* (Gn 1.6-8). No terceiro, “disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca” (Gn 1.9).

Essa porção seca, que Deus chamou de Terra (v.10), foi criada naquele momento ou já existia submersa nas águas, tendo sido criada “no princípio”? O apóstolo Pedro afirma que a Terra “foi tirada da água e no meio da água subsiste” (2Pe 3.5).

No terceiro dia, surgiram os continentes com os seus relevos e a vegetação (Gn 1.9-13). Os corpos celestes — o Sol, a Lua e as estrelas — apareceram no quarto dia (Gn 1.14-19). As aves e os animais marinhos, no quinto (Gn 1.20-23). Os animais terrestres, no sexto (Gn 1.24, 25). E, finalmente, Deus fez o homem, também no dia sexto:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou (Gn 1.26,27).

A raça humana teve a sua origem em Deus, através de Adão: “O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente” (1Co 15.45); “de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra” (At 17.26).

Adão, o primeiro homem, foi criado no sexto dia como a coroa de toda a criação; ele recebeu de Deus a incumbência para administrar a Terra e a natureza. O ser humano não é meramente um animal racional, mas um ser espiritual, criado à imagem e semelhança de Deus.

O homem recebeu diretamente de Deus o sopro em suas narinas: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gn 2.7). Em Salmos 8.3-5, a Bíblia revela que o homem foi feito um pouco menor do que os anjos:

Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste.

Portanto, não há, nas Escrituras Sagradas, nada que apóie o darwinismo e as suas várias interpretações. O homem e os animais surgiram na Terra da mesma forma como eles são hoje.

O ser humano, criado à imagem, conforme a semelhança de Deus teve uma origem especial. Se analisarmos o primeiro capítulo do livro de Gênesis, o livro das origens, observamos que o Criador, ao fazer uso de sua divina inteligência e do seu poder absoluto, soberano, fez surgir o universo *ex-nihilo* — ou seja, a partir do nada.

A criação do Universo e da Terra. Em tempos de um passado longínquo, alguém chegou a acreditar que a Terra era um imenso plano, nas costas de um elefante, que, por sua vez, firmava-se nas costas de uma tartaruga gigantesca...

Os egípcios criam que o planeta era apoiado sobre cinco colunas. Eram vislumbres das grandes perguntas: “Como tudo começou?” e “O que é o Universo?” Mas o Gênesis começa com a expressão: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Essa é a origem do Universo, incluindo o pequeníssimo planeta Terra.

Para que situemos o homem no plano divino da criação, vale a pena lembrar o que foi criado, em cada dia:

- 1) No dia primeiro, Deus criou a luz cósmica, fez separação entre a luz e as trevas, e criou o dia, e a noite (Gn 1.1-5); Ele disse “Haja luz. E houve luz” (Gn 1.3); foi o sobrenatural *fiat lux*, que fez acender a primeira energia luminosa do Universo.
- 2) No segundo dia, Deus fez “uma expansão no meio das águas” — provavelmente águas em estado gasoso, acima e abaixo da expansão — e criou os céus (Gn 1.6-8).
- 3) No terceiro dia, Ele juntou “as águas debaixo dos céus num lugar” e fez aparecer “a porção seca”, chamando-a de Terra; e ao “ajuntamento das águas”, chamou mares; naquele mesmo dia da criação, o Senhor ordenou que a terra produzisse “erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto que esteja nela sobre a terra” (Gn 1.9-13).
- 4) No quarto dia, o Senhor criou os luminares para “sinais e para tempos determinados”; dois grandes luminares, o Sol, para iluminar o dia, e a Lua, para alumiar a noite; e fez também as estrelas (Gn 1.14-19).
- 5) No quinto dia, Deus determinou que as águas produzissem répteis, e que as aves voassem no céu; fez também as grandes baleias, a partir das águas (Gn 1.20-23);
- 6) No sexto dia, o Criador determinou que a terra produzisse “alma vivente conforme sua espécie; gado e répteis, e bestas-feras da terra conforme a sua espécie” (Gn 1.24,25).

Até aqui, resumimos, segundo a Bíblia, a origem do Cosmos, ou do Universo, incluindo o pequenino planeta Terra, cuja criação foi a partir do nada, o que corrobora o texto de Hebreus 11.3: “Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente”.

De fato, quando olhamos para uma parede, pensamos que ela é perfeitamente sólida, impenetrável. No entanto, sob a lente de um poderoso microscópio eletrônico, poder-se-á constatar que ela está cheia de buracos, e mais: que as partículas não estão em repouso, estáticas, mas em pleno movimento — as moléculas, formadas de átomos, com seus elétrons e nêutrons, e partículas subatômicas, estão se movimentando como universos em dimensão micro.

Ao contrário do que dizem os cientistas materialistas, em sua presunção e vanglória, o mundo e o homem não surgiram por acaso, como lemos em Atos 17.24-26:

O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens.

Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas; e de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação.

Diz, ainda, a Palavra de Deus, em Salmos 33.6-9:

Pela palavra do Senhor foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito da sua boca. Ele ajunta as águas do mar como num montão; põe os abismos em tesouros. Tema toda a terra ao Senhor; temam-no todos os moradores do mundo. Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu.

Continuando nossa observação acerca do relato da criação, verificaremos que a criação do homem foi diferenciada da de todos os outros seres e elementos da natureza.

Ele não foi feito a partir do nada, mas a partir das substâncias já existentes, como frisamos a seguir, e de um modo distinto da criação dos outros seres e das coisas.

A criação do homem. Ainda no dia sexto da criação Deus disse:

Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra (Gn 1.26-28).

Enquanto os outros seres foram criados sob o impacto do fiat (“faça-se”) de Deus, o homem teve criação de modo bem diferente. Deus — hb. Elohim, expressão plural de El — concretizou o seu projeto para criar um ser especial, de forma especial, nos atos da criação.

Assim, Ele, em conjunto com os outros componentes de sua Unidade, que se consubstanciam na Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), de modo solene e majestático, disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (v.24).

A criação do homem foi o coroamento da criação de Deus:

Assim, os céus, e a terra, e todo o seu exército foram acabados. E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera (Gn 2.1-3).

Deus, então, “descansou”, isto é, terminou a sua obra, a criação de todas as coisas.

III – QUE É O HOMEM?

Que é o homem? Que ser é esse? De onde ele veio? Para onde vai? Essas são algumas perguntas que inquietam aqueles que se debruçam sobre a realidade à sua volta. A essas perguntas e, principalmente, à primeira, há muitas respostas.

Os filósofos, em sua maioria absoluta, formada por materialistas, ateístas ou pretensos agnósticos, respondem que o homem é apenas um “animal que pensa” — ou fruto da evolução aleatória das espécies. Eles atribuem a existência do ser humano ao acaso, como se fosse descendente de um animal irracional. Este teria evoluído de um microorganismo unicelular que povoava as águas dos mares.

Pascal, a exemplo de Davi, mas com outra visão, indagou: “Que é o homem diante do infinito”? E ampliou a sua indagação:

Afinal que é o homem dentro da natureza? Nada, em relação ao infinito; tudo, em relação ao nada; um ponto intermediário entre o tudo e o nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas quanto o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve.

Platão (428 a.C.) afirmava que o homem é “um bípede sem penas”. Mas outro filósofo, que gostava de criticá-lo, matou um galo, o depenou e saiu pelas ruas dizendo: “Eis o homem de Platão”. Francisco de Carvalho, em uma música, diz: “Que bicho é o homem, de onde ele veio para onde vai? De onde ele veio para onde vai? Onde é que entra, de onde é que sai?”

Muitos cientistas e filósofos têm a idéia de que o homem pertence ao reino animal, e isso tem levado inúmeras pessoas a se considerarem parte do mundo zoológico. Dizem os cientistas: “falando fisicamente, o homem é um animal especializado. Sua especialização se baseia em três direções principais: 1. A postura ereta. 2. O polegar oposto.

3. O grande desenvolvimento da posição cerebral pré-frontal”.

Descartes supervalorizava a consciência, admitindo que ela fosse o âmago ou a essência do ser. Foi ele quem disse: “Penso. Logo, existo”. “Protágoras, de Abdera, dizia, segundo o testemunho de Platão, que ‘o homem é a medida de todas as coisas’. Em outras palavras: não existe verdade absoluta, mas tão-somente opiniões relativas ao homem...” Aqui vemos as raízes do humanismo, que, hoje, predomina na mentalidade pós-moderna. J. Huxley dizia que “o homem é um macaco um pouco melhorado, e às pressas”.

A ciência moderna é ainda mais presunçosa, arrogante e materialista acerca da origem e da natureza do homem. Com mais sofisticação do que os antigos filósofos, os cientistas de hoje são preconceituosos e fechados ao debate quanto à origem do homem, com total desrespeito à idéia de um ser criado à imagem e semelhança de Deus.

Essa é a visão do materialismo científico. Seus questionamentos e afirmações absurdas resumem-se a três perguntas filosóficas, que, ao longo dos séculos, incomodam e desafiam a compreensão do homem diante da grandeza do Universo: “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?” Eles buscam responder à pergunta sobre o ser humano, sua origem, seu ser e seu destino.

A antropologia humana exalta a teoria da evolução das espécies, por meio do acaso e da chamada “seleção natural”. A Antropologia Bíblica fundamenta-se na Palavra de Deus, que afirma categoricamente: “No princípio, criou Deus os céus e a terra... E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.1,26a). Esse é o ponto de partida, diante do qual o cristão, que crê na revelação divina, jamais fugirá diante dos argumentos humanos, materialistas, contrários à fé em Deus.

IV - IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...” (Gn 1.24b). O verbo “fazer”, na primeira pessoa do imperativo, no plural, denota que o Criador não estava sozinho, na criação do homem. A compreensão humana não alcança a grandeza daquele momento único e singular, totalmente distinto de todo processo criador dos demais seres.

Apesar disso, pode-se entender que, num ponto do planeta, no Oriente, no sítio do jardim do Éden ou do Paraíso, o Deus Pai, o Deus

Filho e Deus Espírito Santo se reuniram solenemente para fazer surgir o novo ser que haveria de revolucionar toda a criação. Por um momento, de modo positivo; por muitos séculos, de modo negativo. Mas, de qualquer forma, ali estava a reunião solene da Trindade para criar o homem à imagem e semelhança de Deus!

Em Gênesis 1.26-30, encontramos o homem feito à imagem de Deus: 1) um ser espiritual apto para a imortalidade, v.26b; 2) um ser moral que tem a semelhança de Deus, v.27; 3) um ser intelectual com a capacidade da razão e de governo, vv.26c,28-30.

Acima vemos a interpretação do que é ser imagem e semelhança de Deus encontrada no *Comentário Beacon*, editado pela CPAD.

O homem foi feito para ser dominador da natureza. E não poderia ser de modo diferente. Deus fez o ser humano à sua imagem, conforme a sua semelhança, para ser governante dessa “pequena parte do Universo”; para dominar sobre as criaturas viventes, criadas antes dele. O salmista Davi disse que Deus fez o homem pouco menor que os anjos e lhe deu, no início, domínio sobre toda a criação (Sl 8.5-8).

Esse era o plano original de Deus para com o ser humano: ser representante de Deus, com autoridade sobre toda a criação. Como veremos adiante esse plano foi prejudicado pela Queda, transtornando todo o Universo.

O homem à imagem de Deus. Diante da grandeza e da nobreza originais conferidas ao ser humano, o que viria a significar o homem à imagem de Deus? As respostas a essa questão não são completas. Há quem diga que a imagem de Deus no homem seria física. Ou que essa imagem seria a postura reta, ou vertical, do esqueleto humano.

Não se deve sequer ocupar espaço e tempo com esse argumento, pois Deus, sendo espírito (Jo 4.23), não projetaria imagem física no homem. As questões sobre a imagem de Deus no homem têm suscitado muitas discussões, desde que os teólogos começaram a se debruçar sobre o estudo acerca da criação e, em especial, do ser humano.

Os chamados pais da igreja entendiam que a imagem de Deus no homem seria o conjunto de características morais e espirituais que o levam a ser santo. Mas houve quem entendesse que tais características também seriam corporais. Irineu e Tertuliano faziam distinção entre imagem e semelhança, considerando a primeira como os aspectos corporais, e a segunda como as características espirituais.

Orígenes e Clemente de Alexandria discordavam dessa afirmação; antes, diziam que a imagem se referia às características próprias do ser humano, enquanto a semelhança dizia respeito às qualidades providas de Deus — não inerentes ao ser humano. Já Pelágio via na imagem somente a capacidade de raciocínio que o homem desenvolvia, podendo valer-se do livre-arbítrio.

Já os escolásticos concordaram em muitos aspectos com os pais da igreja, mas ampliaram o conceito de imagem de Deus, incluindo a idéia de intelecto, razão, liberdade; a semelhança seria o sentimento de justiça provida do Criador. A imagem de Deus seria algo concedido ao homem de modo natural, e a semelhança, uma espécie de dom sobrenatural, que controlaria a natureza inferior do homem.

Os reformadores, em geral, não faziam distinção entre a imagem e a semelhança de Deus no homem; eles entendiam que a justiça original faria parte da *imago Dei*, na condição original do ser humano.

A imagem conforme a semelhança de Deus. A discussão teológica sobre o significado da imagem de Deus, ou a *imago Dei*, não tem um consenso efetivo. Há divergências entre os teólogos. De início, no Gênesis, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (1.26); no versículo seguinte, lemos: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (v.27).

Notemos que o texto bíblico de Gênesis 1.27 não repete a expressão “imagem, conforme a nossa semelhança”. Parece-nos razoável entender que o ponto central, ou a idéia-chave, do relato bíblico é o registro de que o homem (o ser humano) foi feito “à imagem de Deus” (v.26). A passagem deixa claro que tanto o homem como a mulher foram criados à “imagem de Deus”. Com essa expressão, entendemos que o Gênesis demonstra qual é a natureza original do homem — ele foi criado à imagem de Deus.

A semelhança tem caráter explicativo, indicando a conformidade pela qual aquela imagem de Deus foi impressa no ser criado. Ou expressa o modo ou o modelo daquela imagem. Não há necessidade, pois, de se estudar as duas palavras “imagem” e “semelhança”, separadamente, buscando significados complexos para cada uma delas.

V - A CRIAÇÃO DOS ANJOS

Antes da criação do mundo nada existia a não ser o próprio Deus. “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.1-3). O Verbo “é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele” (Cl 1.17).

Após o sexto dia da criação, nenhuma nova criatura foi feita. “Assim, os céus, e a terra, e todo o seu exército foram acabados. E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito” (Gn 2.1,2).

Não se pode precisar a época exata em que os anjos foram criados, mas é provável que tenha se dado juntamente com a criação dos céus (Gn 1.1). Pode ser que tenham sido criados por Deus imediatamente após a criação dos céus e antes da criação da terra, pois sabemos que eles já existiam antes da fundação da terra e da criação do homem.

Onde estavas tu quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência. Quem lhe pôs as medidas, se tu o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam? (Jó 38.4-7).

As estrelas da alva (estrelas personificadas) e os filhos de Deus (anjos) são descritos como expressando imensa alegria pela grandeza da terra enquanto observavam Deus construí-la. Eles estavam lá, mas Jó não estava (*Comentário Bíblico Beacon*, CPAD).

ATIVIDADES – LIÇÃO I

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1)  Disse Davi: “Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas sobre ele o teu coração, e cada manhã o visites, e cada momento o proves?”.
- 2)  Deus trouxe o Universo à existência do nada e de maneira instantânea, pela sua soberana e livre vontade.

- 3)  A raça humana teve a sua origem em Deus, através de Adão, o primeiro homem.
- 4)  O verbo “fazer”, na primeira pessoa do imperativo, no plural, denota que o Criador não estava sozinho, na criação do homem.
- 5)  Em Gênesis 1.26-30, encontramos o homem feito à imagem de Deus: 1) um ser espiritual apto para a imortalidade; 2) um ser moral que tem a semelhança de Deus; 3) um ser intelectual com a capacidade da razão e de governo.
- 6)  Após a criação do mundo nada existia a não ser o próprio Deus e após o sexto dia da criação, nenhuma nova criatura foi feita.

Anotações:

[illegible]

Lição II

A Doutrina dos Anjos Angeliologia

A DOUTRINA DOS ANJOS:

ANGELOLOGIA

I – O QUE É ANGELOLOGIA

Angelologia é o tratado acerca dos anjos; é o estudo, a doutrina sobre os seres angelicais. Embora seja um estudo cativante, é também um dos mais difíceis da teologia sistemática. Karl Barth — teólogo protestante suíço (1886-1968) que deixou o mais extenso material sobre a doutrina em apreço —, em sua obra

Church Dogmatics, descreveu o tópico dos anjos como “o mais notável e difícil de todos”.

Há inúmeros registros de anjos nas páginas da Bíblia Sagrada. Não obstante, a descrição dos anjos é sucinta e objetiva nas Escrituras quanto a sua origem, identidade, natureza e seus ofícios. Basta verificarmos nos tratados de teologia sistemática para constataremos um espaço relativamente pequeno se compararmos com as outras doutrinas fundamentais.

O teólogo, filósofo e monge dominicano Tomás de Aquino, nascido na Itália (1224-1274), conhecido como o doutor angélico, tentou fazer uma abordagem completa sobre os anjos, em 1215. Naquela época, milhares de pessoas queriam ouvir grandes professores. E o povo estava grandemente interessado em anjos. Assim, em quinze palestras proferidas em uma semana, Aquino tentou transmitir tudo o que sabia sobre os anjos. E respondeu também às perguntas feitas pelo auditório.

Mais tarde, as palestras de Aquino foram escritas, tornando-se a base de sua obra-prima *Suma Teológica*, a mais brilhante especulação sobre anjos já escrita. Ele tomou como base não apenas a Bíblia, mas também a cultura e a tradição de sua época, valendo-se do argumento de que as Escrituras não respondem a muitas indagações sobre os anjos.

Quem dera pudéssemos escrever tudo sobre anjos. Todavia, temos de admitir que muitos fatos sobre eles não podem ser amplamente compreendidos. As Sagradas Escrituras contam-nos aquilo que precisamos saber sobre eles, mas deixam muitas perguntas sem resposta. Quando não encontramos soluções definitivas, devemos nos abster de especular.

Como seres humanos, somos limitados no entendimento dos seres sobrenaturais ou celestiais. Nenhum cientista jamais ganhará um Prêmio Nobel por pesquisa feita no âmbito dos anjos. Espíritos não podem ser pesados nem medidos. Aparelhos científicos não são aplicáveis ao estudo de seres celestiais. Métodos científicos aplicam-se a coisas terrenas, mas não a espirituais.

Onde é possível encontrar informação sobre os anjos? Os relatos de experiências que pessoas tiveram com anjos são uma das fontes de informação sobre os anjos. Entretanto, como há seres celestiais que são agentes secretos de Deus e também há os do Diabo, por essa razão, precisamos tomar muito cuidado ao fazer deduções fundamentadas apenas em nossas observações e experiências. Sobre anjos, a fonte de informação mais confiável é a Bíblia Sagrada, que tem muitíssimas referências a seres angelicais.

Um dos mais proeminentes filósofos americanos, Mortimer J. Adler, editor da obra Os Grandes Clássicos do Mundo Ocidental, publicado pela Enciclopédia Britânica, em 1943, afirmou que os anjos são um assunto mais fascinante que a ficção científica ou a idéia de seres extraterrestres.

Ao pregar uma mensagem sobre anjos, o renomado pastor norte-americano Billy Graham, mostrou-se surpreso pela escassez de literatura existente sobre o assunto. Foi então que resolveu escrever o livro Anjos, Agentes Secretos de Deus, no ano de 1975. De lá para cá, o interesse pelos anjos, aumentou extraordinariamente.

II - O PERIGO DO CULTO AOS ANJOS

O interesse por anjos tem tomado as páginas das revistas internacionais mais lidas no mundo, bem como nos best-sellers da literatura mundial. Na revista americana Time, edição de 27/12/1993, página 58, em sua reportagem de capa, está escrito: "Se existe alguma coisa semelhante a uma idéia universalmente aceita, comum às culturas e através dos séculos, a crença nos anjos é a que mais se aproxima disso".

Essa citada revista semanal, ao destacar que dentre os dez livros mais lidos no seguimento religioso, cinco versavam sobre anjos. O artigo dizia, ainda, que a crescente fascinação pelos anjos era mais popular do que teológica, uma vez que as pessoas, pela primeira vez na vida, estavam descobrindo razões das mais diversas, para obterem respostas sobre os anjos.

Em decorrência dessa “febre” de anjos, o movimento Nova Era passou a explorar esse assunto com ênfase ocultista, disseminando suas heresias através da venda de livros, imagens de anjos, cursos, seminários e palestras sobre o assunto. A expressão “Os anjos estão voltando” é vista como mais um modismo da indústria esotérica que explora a credence alheia, ressuscitando velhas superstições.

Desde a década de 1960 um fenômeno hoje conhecido como “onda mística” vem crescendo. Primeiro como um movimento de contracultura, contestando os valores materialistas estabelecidos pelo sistema, e depois como uma busca pelo verdadeiro significado da existência humana. Influenciado pelas filosofias e religiões orientais este movimento cresceu e envolveu o mundo.

Kenneth Copeland — um dos mais bem-sucedidos mestres do movimento Confissão Positiva —, formado no Centro de Treinamento Bíblico Rhema, fundado por Kenneth Hagin, na cidade de Tulsa, Oklahoma (Estados Unidos), afirmou: “quando você usa a Palavra de Deus em nome de Jesus, eles [os anjos] estão obrigados a seguir suas ordens”.

Há uma mensagem de alerta na Palavra de Deus quanto aos espíritos enganadores, para a qual devemos atentar: *“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios”* (1Tm 4.1).

Infelizmente, o mundo não tem consultado os teólogos compromissados com a Palavra de Deus acerca dos anjos. E o assunto tem sido tratado por pessoas que não possuem autoridade para tal. Será que aqueles que afirmam conhecer tão bem o mundo angelical possuem habilidades e conhecimento sadio sobre os anjos? Tais pessoas podem inferir valor naquilo que não conhecem?

III - QUEM SÃO OS ANJOS

Em hebraico, a palavra “anjo” é *malakh*; em cuneiforme mesopotâmico, *malaku*; em árabe, *malak*; em grego, *aggelos*. No grego clássico, o termo tinha o significado de “mensageiro”, razão pela qual os tradutores da Septuaginta utilizaram a palavra para traduzir o hebraico

mal(e)ak ou *mal'akh*, cujo significado primário era o mesmo. Da forma latina provém o termo português “anjo”, do século XV, precedido de uma forma arcaica *angeo*. Derivado importante para o uso do termo “anjo” é Angelologia, tratado sobre anjos, na linguagem teológica.

Aggelos é usada poucas vezes no Novo Testamento para mensageiros humanos (Lc. 7.24; 9.52; Tg 2.25; Lc 9.52). Na maioria das vezes, a palavra refere-se aos mensageiros de Deus que habitam o mundo celeste e assistem em sua presença. *Aggelos* é empregada tanto para anjos de Deus quanto para os anjos maus. A palavra “anjo” é aplicada nas Escrituras como uma ordem de seres sobrenaturais ou celestiais, cuja atividade é agir como mensageiros de Deus aos homens e como agentes que executam a sua vontade.

A existência dos anjos. Entre os persas a crença em anjos foi bastante proeminente, ao ponto de alguns estudiosos sobre o assunto afirmarem que os judeus herdaram desse povo a doutrina acerca dos seres angelicais. No entanto, a Bíblia Sagrada revela a presença de anjos desde o início, principalmente na história dos judeus.

Desde a antiguidade havia aqueles que não acreditavam na existência de anjos: “Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito” (At 23.8a). Da mesma forma, nos dias hodiernos, há muitas pessoas que não somente duvidam, mas negam a existência dos anjos, principalmente do Diabo.

Todavia, há muitos textos na Bíblia Sagrada que afirmam e provam definitivamente que os anjos existem:

Bendizei ao Senhor, anjos seus, magníficos em poder, que cumpris as suas ordens, obedecendo à voz da sua palavra. Bendizei ao Senhor, todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que executais o seu beneplácito (Sl 103.20,21).

O texto bíblico em apreço mostra que os anjos existem para servir a Deus de cinco maneiras:

- 1) Para bendizer ao Senhor (em adoração e culto).
- 2) Para cumprir a suas ordens (em relação às atividades na Terra).
- 3) Para obedecer à voz da Palavra de Deus (quando ela é dita através dos santos na Terra).
- 4) Para ministrar em nome de Deus a favor dos santos.
- 5) Para fazer o que agrada a Deus (porque as suas hostes estão sob o seu comando).

Em Colossenses 1.16, o apóstolo Paulo afirma com clareza que Jesus Cristo é o Criador deles — referidos no texto paulino como coisas invisíveis, tronos, dominações, principados e potestades (cf. Ne 9.6). A palavra “anjo” aparece 292 vezes em 35 livros da Bíblia. Como essa palavra é um termo comum usado para designar qualquer mensageiro, somente na leitura do contexto é que se pode saber se a referência diz respeito a um mensageiro humano ou a um enviado por Deus.

Além disso, há também outros termos usados para designar os seres angelicais como querubins, serafins, espíritos ministradores, sentinelas, filhos de Deus, carros de Deus, santos, estrelas da alva, tronos, potestades, dominações, autoridades, corpos celestiais e milagres. Isso sem contar que alguns eruditos incluem os 24 seres vivos e quatro anciãos de Apocalipse 4.6-10 nessa contagem.

A crença na existência e doutrina dos anjos está fundamentada na Bíblia Sagrada, a maior autoridade sobre o assunto, principalmente nos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos.

A rebelião dos anjos sob a liderança de Lúcifer já havia acontecido no Céu (Is 14.12-15; Ez 28.12-19; 2Pe 2.4; Jd v.6). Que os anjos não existem desde a eternidade é mostrado pelos versículos que falam de sua criação (Ne 9.6; Sl 148.2,5; Cl 1.16). Os anjos foram criados diretamente por Deus. O Salmo 148 afirma: “Louvai-o, todos os seus anjos... pois mandou Ele e logo foram criados”.

IV - A NATUREZA DOS ANJOS

São criaturas. Os anjos não constituem meramente forças físicas ou morais, mas são seres espirituais distintos, isto é, seres imateriais e incorpóreos, criados por Deus (Sl 148.2-5; Cl 1.16,17; 1Pe 3.22). Na Palavra de Deus encontramos um imenso exército dele (Sl 68.17; Mt 26.53; Hb 12.22; Ap 5.11).

A posição protestante clássica está refletida na resposta à pergunta dezesseis do Catecismo Maior de Westminster, que nos diz o seguinte:

Deus criou todos os anjos, como espíritos imortais, santos, excelentes em conhecimento, grandes em poder, para executar os seus mandamentos e louvarem o seu nome, todavia sujeitos a mudança.

Os anjos foram criados numa única vez, simultaneamente (Cl 1.16), por essa razão são imutáveis, não podendo aumentar, nem diminuir o seu número, conforme afirmou o Senhor Jesus: "... pois na ressurreição, nem se casam nem se dão em casamento; mas serão como os anjos no céu" (Mt 22.28-30). Em Lucas 20.36, Jesus ensinou que, uma vez criados, os seres celestiais jamais morrem.

Em razão dos anjos serem criaturas, consequentemente recusam a adoração (Ap 19.10; 22.8,9). Em contrapartida, a Bíblia Sagrada proíbe terminantemente que o homem os adore (Cl 2.18).

SÃO INCORPÓREOS

À luz de Hebreus 1.14 — "Não são, porventura, todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" —, os anjos são descritos como sendo espíritos. Eles não estão limitados às condições físicas e materiais, pois são capazes de aparecer e desaparecer a qualquer momento, além de se movimentarem de forma muito rápida (Dn 9.21).

Que os anjos são incorpóreos está claro em Efésios 6.12: "a nossa luta não é contra a carne nem sangue, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (cf. Sl 104.4; Hb 1.7,14; At 19.12; Lc 7.21; 8.2; 11.26; Mt 8.16; 12.45). Os anjos não têm corpos materiais, "pois um espírito não tem carne e nem ossos" (Lc 24.39) e são invisíveis (Cl 1.16).

Por não possuírem corpo, os anjos não têm alma. Precisamente porque os anjos não são almas, mas apenas espíritos é que eles não podem possuir a mesma essência rica que o homem, cuja alma é o ponto de união em que se encontram o espírito e a natureza.

Quanto à natureza e à corporeidade dos anjos, as opiniões dos eruditos divergem extremamente. O Dr. William Cook afirmou:

No Antigo Testamento o salmista os chama de espíritos: "Fazes a teus anjos ventos [espíritos]" (Sl 104.4). E no Novo Testamento eles são chamados pelo mesmo termo: "Não são todos eles espíritos ministradores?" (Hb 1.14). Contudo, é preciso fazer uma pergunta: "Os anjos são tão espirituais a ponto de serem absolutamente imateriais como Deus? Ou estarão revestidos de uma refinada estrutura material?" As opiniões, tanto dos antigos como dos modernos estão muito divididas neste assunto.

Atanásio, Basílio, Gregório, Niceno, Cirilo e Crisóstomo defendiam que os anjos eram absolutamente imateriais; mas Clemente Alexandrino, Orígenes, Cesário e Tertuliano, entre outros pais da igreja, achavam que estes seres benditos estavam revestidos de uma refinada estrutura material.

O termo “espírito” que lhes é aplicado não decide absolutamente por si mesmo a questão; pois, como essa palavra, tanto no hebraico quanto no grego, é um termo material indicando vento, ar ou hálito, pode sem violência ser aplicado tanto a um espírito puro quanto a uma natureza material refinada.

É verdade que, no aparecimento dos anjos aos homens, eles assumiram uma forma humana visível. Este fato, entretanto, não prova a sua materialidade; pois os espíritos humanos no estado intermediário, embora desincorporados, têm em seu relacionamento com o corpo aparecido em forma humana material: como Moisés, no Monte da Transfiguração, também Elias foi reconhecido como homem; e os anciãos que apareceram e conversaram com João no Apocalipse, também tinham forma humana (Ap.5.5; 7.13).

Mas tais aparições não podem absolutamente decidir. Teologicamente não há nenhuma incongruência ou improbabilidade de uma natureza material refinada. O céu sem dúvida é adequado para habitação de tais seres. Enoque e Elias foram levados ao céu em corpo e alma pela transladação; a humanidade glorificada de nosso Senhor está entronizada ali; e os anjos, embora revestidos de uma estrutura material, podem habitar na presença divina esplendorosa... Mas, como existe uma lei de adaptação, a grosseira materialidade da “carne e sangue” não pode penetrar naquela região de bem-aventurança.

Deduzimos, então, que os anjos estão revestidos de uma natureza que exclui tudo o que envolve a possibilidade da deterioração e qualquer relacionamento com os apetites e desejos animais.

Segundo Charles Hodge, ficou decidido no Concílio reunido de Nice, em 784, que os anjos possuíam corpos compostos de éter ou luz; opinião baseada em Mateus 28.3 e Lucas 2.9, além de outros que se referem à sua aparência luminosa, bem como à glória que os acompanha.

Já o Concílio de Laterano, em 1215, decidiu que os anjos eram incorpóreos, decisão essa aceita pela Igreja. A Bíblia Sagrada, a inerrante Palavra de Deus, não lhes atribui nenhuma espécie de corpo, portanto, nada diz sobre a substância desses espíritos angélicos.

Entretanto, pelo fato de serem seres espirituais, os anjos podem assumir forma humana que pode tocar e ser tocada, bem como comer alimentos sólidos como os três anjos que apareceram a Abraão (Gn 18.1-8).

Semelhante experiência teve Ló, seu sobrinho: “E vieram os dois anjos a Sodoma à tarde, e estava Ló assentado à porta de Sodoma; e vendo-os Ló, levantou-se ao seu encontro e inclinou-se com o rosto à terra... E porfiou com eles muito, e vieram com ele, e entraram em sua casa; e fez-lhes banquete, e cozeu bolos sem levedura, e comeram...Aqueles homens porém estenderam as suas mãos e fizeram entrar a Ló consigo na casa, e fecharam a porta”.

SÃO IMORTAIS.

Como espíritos puros (imateriais e incorpóreos), os anjos não estão sujeitos à morte. A imortalidade dos anjos está ligada ao sentido de que os anjos bons não estão sujeitos à morte. Jesus deixou claro que os anjos não morrem quando estava ensinando aos saduceus que os santos serão semelhantes aos anjos, após a ressurreição.

E, respondendo Jesus, disse-lhes: Os filhos deste mundo casam-se, e dão-se em casamento; mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dos mortos, nem hão de casar, nem ser dados em casamento; porque, já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição (Lc 20.35-36).

Como já mencionado, os anjos, por serem seres imortais, têm existência eterna.

SÃO NUMEROSOS.

A Bíblia Sagrada ensina que o número de anjos é muito grande. Consequentemente, não é possível determinar quantos anjos foram criados. A Palavra de Deus sempre se refere a eles através de números metafóricos, indicando grande quantidade, mas em nenhuma parte há um número exato. Eles são descritos como multidões “que nenhum homem poderia contar”.

São do doutor Arno Clemens Gaebelein estas palavras: “Quão vasto é o número deles, somente o sabe aquele cujo nome é “Jeová Sabaote”, o Senhor dos Exércitos”.

Passemos em revista o testemunho bíblico acerca do número dos anjos: Leia-se *Dt 33.2; 1Rs 22.19; Jó 25.3; 2Rs 6.17; Mt 26.53; Lc 2.13; Ap 5.11.*

SÃO SERES DOTADOS DE PERSONALIDADE E INTELIGÊNCIA.

Os anjos são seres pessoais. É o que se depreende da leitura de Lucas 1.19, que diz: “Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus”. O texto mostra claramente que este anjo tinha plena consciência de sua existência e de sua personalidade.

Os anjos são também seres emotivos (Jó 38.7). Possuem conhecimento e sabedoria (2 Sm 14.20) e, apesar de serem espíritos, são racionais; prestam adoração inteligente (Sl 148.2); contemplam a face de Deus com entendimento (Mt 18.10); são conscientes de suas limitações (Mt 24.36); sentem alegria quando um pecador se arrepende de seus pecados (Lc 15.10); têm ciência de sua inferioridade em relação a Cristo, o Filho de Deus (Hb 1.4-14); anelam perscrutar as coisas do Reino de Cristo (1Pe 1.12).

Além disso, são mansos, não retêm ressentimentos pessoais, nem injuriam seus opositores (2Pe 2.11); são reverentes: a atividade mais elevada executada por eles é a adoração (Ap.7.11); são santos (Ap.14.10) e leais; apesar da rebelião que houve nos Céus, os anjos eleitos permaneceram fiéis ao Senhor. Quanto à sua inteligência, leia ainda Daniel 10.14 e Apocalipse 17.7.

Os anjos, segundo o consenso da maioria dos eruditos das Sagradas Escrituras, excedem em muito a sabedoria e a inteligência do homem. Em sua Teologia Elementar, Bancroft assevera:

Sem dúvida, os anjos foram criados espíritos inteligentes, cujo conhecimento teve início em sua origem, continuando a se ampliar até os nossos dias. As oportunidades de observação que os anjos têm, e as muitas experiências que, nesse sentido, conforme podemos supor devem ter tido, juntamente com as revelações diretas da parte de Deus, devem ter-se adicionado grandemente ao acúmulo da sua inteligência original.

Além de sabedoria e inteligência, os anjos têm vontade própria e poder de decisão (*Is 14.12-14; Jd v.6*).

Há também algumas coisas que eles não compreendem plenamente, como os *sofrimentos* de Cristo e a nossa salvação: “... coisas para as quais até os anjos desejam atentar” (1Pe 1.12).

Apesar da sua refinada inteligência, os anjos não possuem o atributo exclusivo de Deus que é a onisciência. Eles não conhecem os pensamentos dos corações, pois esse conhecimento é próprio, exclusivo de Deus, como diz o profeta Jeremias: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração” (Jr 17.9,10).

V - CATEGORIAS DE ANJOS

Da tradição pós-bíblica popular ou rabínica entre os judeus, e dos comentários da Patrística, surgem idéias controversas com relação à divisão hierárquica dos anjos em nove grupos, resultantes da soma das cinco classes citadas pelo apóstolo Paulo: principado, poder, potestade, domínio e tronos (Ef 1.21; Cl 1.16) e mais os anjos, arcanjos, querubins e serafins.

Ao que tudo indica, foi Cirilo de Jerusalém o primeiro a introduzir essa concepção da Angelologia da teologia cristã do Oriente, seguido, no Ocidente, por Gregório Magno.

R. N. Champlin sugere a comparação de Efésios 1.21 com Romanos 8.38 e Colossenses 1.16, para explicar os vários níveis de poderes angelicais e espirituais:

Alguns intérpretes não acreditam que Paulo realmente defendia a doutrina de vários graus de poder angelical, mas que meramente tomou por empréstimo essa expressão de crenças correntes em sua época, sobretudo dos judeus e dos gnósticos, a fim de ilustrar que, sem importar o nome que usemos, sem importar o poder que mencionemos, Cristo está acima de todos.

Champlin também afirmou:

O mais provável é que Paulo não estivesse procurando arranjá-los em patentes hierárquicas, conforme faziam os gnósticos. O primeiro capítulo da Epístola aos Efésios e o trecho de Filipenses 2.10 reconhecem muitas dimensões de existência espiritual, muitos níveis de poder espiritual. A lista de seres espirituais, em Efésios 1.21, diz “principados”, “potestades”, “poderes” e “domínios”, embora não na mesma ordem. Falta aqui a categoria dos “poderes”, da Epístola aos Efésios, ao passo que na Epístola aos Efésios não temos os “tronos”.

A epístola aos Efésios também acrescenta “todo o nome que se possa referir”, e que a presente Epístola [Colossenses] não contém. Lucas

observações mostram que, de modo geral, as designações são as mesmas, embora haja algumas diferenças tanto quanto à designação como quanto à ordem em que os “aeons” são situados. Assim sendo, apesar de concordar que tais poderes existem, Paulo não procura alistá-los na ordem de sua suposta autoridade.

Quando a Bíblia Sagrada se refere a principados (Ef 3.10), potestades (Cl 2.10), tronos (Cl 1.16) e domínios (Ef 1.21; Cl 1.16), não alude a espécies de anjos, mas simplesmente à diversificação dos níveis de autoridade desenvolvidas pelos seres angelicais. Diante da diversidade da classificação angelical por renomados teólogos e autores, optamos pela divisão clássica mais aceita pela doutrina pentecostal, seguida da especificação de outros anjos.

Para tanto, citaremos o comentário do pastor Waldomiro Francisco, de seu livro *A Doutrina dos Anjos e Demônios* (CPAD): “Os anjos são seres de várias ordens; não são raças; mas sim uma companhia (1Rs 22.19)”. Seria melhor, nesse caso, empregar-se “exército”, como se encontra no texto citado, em lugar de “companhia”. Todavia, o que importa é o esclarecimento de que os anjos não constituem uma raça.

Prosseguindo, o autor citado afirma:

A Bíblia em geral parece sugerir que entre os anjos existem aqueles que detêm mais glória, o que se deve mais propriamente a existência de diferentes classes (Ef 1.21; Cl 1.16). Dentre os que mais se destacam, temos aqueles que são tidos como simplesmente anjos; em seguida, na hierarquia angelical, arcanjos, serafins e querubins...

5.1 – OS ANJOS

Anjos são seres espirituais criados, dotados de juízo moral e alta inteligência, porém desprovidos de corpos físicos (Sl 103.20; Hb 2.20; Mt 28.2; Sl 8.5). A Bíblia Sagrada somente menciona especificamente o nome de três anjos: Miguel, Gabriel e Lúcifer — este último com a ressalva de, que por causa de seu pecado, tornou-se Satanás. Sobre ele abordaremos quando tratarmos da demonologia.

Gabriel, cujo nome tem origem no hebraico que quer dizer “homem de Deus” ou “herói de Deus”. Significa, também, “o poderoso”, evidenciando o que o nome sugere. A Palavra de Deus em nenhum lugar menciona que Gabriel é um arcanjo. Ele aparece nas Sagradas Escrituras quatro vezes, como porta-voz de Deus ou como revelador do propósito divino.

A **primeira** menção a Gabriel encontra-se registrada em Daniel 8.15-27, em que ele fala ao profeta Daniel a respeito do fim dos tempos. A **segunda** diz respeito à mais incomparável revelação escatológica (as setenta semanas). A **terceira** refere-se ao seu aparecimento a Zacarias, anunciando o nascimento de João Batista: “Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te estas alegres novas” (Lc 1.19). A **quarta** diz respeito ao anúncio do nascimento de Jesus a Maria: “No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem... a virgem chamava-se Maria” (Lc 1.26,27).

5.2 – O ARCANJO

A palavra “arcanjo” (hb. *arkaggelos*) significa “anjo principal”. O prefixo “arc” sugere tratar-se de um anjo chefe, principal ou poderoso. Na Bíblia Sagrada, mais precisamente em 1 Tessalonicenses 4.16, aparece a menção de apenas um arcanjo: Miguel. Seu nome em hebraico significa: “Quem é como Deus?”, talvez para representar uma resposta a Lúcifer, cujo coração se elevou dizendo: “Serei semelhante ao Altíssimo” (Is 14.14). Assim, Miguel acrescentado do vocábulo “arcanjo” denota que nenhum ser criado pode ser “semelhante a Deus”.

O fato de a Bíblia Sagrada mencionar somente um arcanjo é prova de que a sua doutrina não se deriva de uma Angelologia babilônica ou persa, como afirmam alguns, nas quais encontramos sete arcanjos em vez de um.

O livro apócrifo de Enoque menciona o nome de sete arcanjos, a saber: Uriel, Rafael, Raquel, Saracael, Miguel, Gabriel e Remiel. Severino Pedro da Silva afirmou: “a cada um deles [arcanjos] Deus entregou uma província sobre a qual reinassem. A autoridade de Miguel seria sobre a melhor porção da humanidade e sobre o caos”.

Nas Escrituras, Miguel é descrito como: o arcanjo (Jd v.9); o líder das hostes angélicas no conflito com Satanás e os seus anjos maus (Ap 12.7); um dos primeiros príncipes (Dn 10.13); “vosso Príncipe” (Dn 10.21); e o grande Príncipe, “defensor dos filhos do teu povo” (Dn 12.1).

5.3 – Os QUERUBINS

Querubim origina-se do hebraico *querub*, cujo significado é “guardar”, “cobrir”. Parece que os querubins constituem uma categoria elevada de anjos relacionados com os propósitos retributivos e redutores

de Deus para com o homem (Gn 3.24; Êx 25.22). No hebraico, *queruvim* é um vocábulo correlato com um verbo acadiano que significa “bendizer”, “louvar”, “adorar”. Os querubins estão diretamente ligados à santidade de Deus e à sua adoração (Êx 25.20,22; 26.31; Nm 7.89; 2 Sm 6.2; 1Rs 6.29,32; 7.29; 2Rs 19.15; 1 Cr 13.6; Sl 80.1; 99.1; Is 37.16; Ez 1.5-26; 9.3; 10.1-22; 11.22).

Myer Pearlman, ao mencionar que os querubins são descritos como tendo rostos de leão, de homem, de boi e de águia, afirmou: “isto sugere que representam uma perfeição de criaturas — força de leão, inteligência de homem, rapidez de águia, e serviço semelhante ao que o boi presta”. Tal simbolismo relaciona-os imediatamente com as criaturas viventes da visão de João (Ap.4.6-5.14).

O título querubim indica uma posição elevada e santa, bem como da sua responsabilidade, uma vez que está intimamente relacionada com o trono de Deus. Além do que, pelo fato de serem defensores do caráter de Deus.

As criaturas viventes (ou querubins) parecem ser seres reais da ordem angélica. Os querubins ou seres viventes não são idênticos aos serafins (Is 6.2-7). Aqueles parecem relacionar-se com a santidade de Deus ultrajada pelo pecado, os serafins, com a impureza do povo de Deus. A passagem de Ezequiel é altamente figurativa, mas o efeito foi a revelação da glória Shequináh do Senhor ao profeta. Tais revelações estão invariavelmente ligadas com novas bênçãos e serviços.

Os querubins receberam a missão de guardar a entrada do jardim do Éden, como guardiães da santidade de Deus (Gn 3.24). As Sagradas Escrituras dizem que Deus está entronizado acima dos querubins, ou que Ele viaja com os querubins por carro (Sl 18.10; Ez 10.1-22).

Havia dois querubins de ouro sobre a arca da aliança, com suas asas estendidas por sobre a arca. “Ali, virei a ti e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel” (Êx 25.22; cf. vv.18-21).

5.4 – Os SERAFINS

O vocábulo “serafim” origina-se da raiz hebraica *saraph*, que quer dizer: “consumir como fogo”. Significa, pois, “ardente”, “flamejante” ou “nobre”. Os serafins são mencionados somente em Isaías 6.2-7. Pouco se sabe acerca deles. Acredita-se que constituem a ordem mais elevada de

anjos e que a característica que os distingue é um ardente amor a Deus. No texto em apreço, aparecem acima do trono do Senhor, clamando e proclamando os atributos da santidade do Senhor dos Exércitos.

No *Comentário Bíblico Beacon*, editado pela CPAD, lê-se a seguinte explicação a respeito dos serafins:

Além dos seus rostos e pés reverentemente cobertos, as asas e vozes dos serafins estavam em perfeita prontidão para cumprir a sua missão e cantar em um antifônico coro a sua tríplice expressão de santidade ao Senhor dos Exércitos. O padrão de serviço deles é reverência, prontidão e júbilo; e é o que mais apropriadamente condiz com Aquele cujo "majestoso esplendor enche toda a terra!" (Moffat). Não é de estranhar que os fundamentos dos umbrais das portas do Templo se moviam e começavam a encher-se com a fumaça da Shekinah celestial!

O relato bíblico parece associar os serafins à adoração a Deus, como condutores dessa adoração. Nesse pensamento, seriam uma ordem angelical que existe justamente com essa finalidade.

5.5 - SERES VIVENTES

Seres vivos é um título que representa esses anjos, manifestando a plenitude da vida divina, sua atividade incessante e permanente participação na adoração a Deus. Para alguns eruditos, como já vimos, os seres vivos que circundam o trono de Deus, citados em Ezequiel 1.5-14 e Apocalipse 4.6-8, são identificados como querubins (Ez 10.20).

Wayne Grudem declarou:

Com os seus semblantes de leão, boi, homem e águia, representam os seres mais poderosos de partes diversas de toda a criação divina (animais selvagens, animais domesticados, seres humanos e pássaros) e adoram a Deus continuamente: "Não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir" (Ap 4.8).

5.6 - ANJOS DAS NAÇÕES

Em sua classificação dos anjos, o escritor Myer Pearman inclui os anjos das nações. Baseando-se em Daniel 10.13,20, ensina que cada nação tem seu anjo protetor, o qual se interessa pelo bem-estar dela. O autor assim se expressou:

Era tempo de os judeus regressarem do cativeiro (Dn 9.1,2), e Daniel se dedicou a orar e a jejuar pela sua volta. Depois de três semanas, um anjo apareceu-lhe e deu como razão da demora o fato de que o príncipe, ou anjo da Pérsia, havia-se oposto ao retorno dos judeus. A razão talvez fosse por não desejar perder a influência deles na Pérsia. O anjo lhe disse que a sua petição para o regresso dos judeus não tinha apoio a não ser o de Miguel, o príncipe da nação hebraica (Dn 10.21). O príncipe dos gregos também não estava inclinado a favorecer a volta dos judeus (Dn 10.20). A palavra do Novo Testamento “principados” pode referir-se a esses príncipes angélicos das nações; e o termo é usado tanto para os anjos bons como para os maus (Ef 3.10; Cl 2.15; Ef 6.12).

5.7 - ANJOS ELEITOS

Todos os anjos foram criados igualmente bons e santos. No princípio, todos os anjos estavam em estado de provação, no qual tinham a capacidade de pecar e a de não pecar. Todavia, alguns deles pecaram e, por essa razão, “Deus não poupou a anjos quando pecaram” (2Pe 2.4).

Outros não pecaram, mas guardaram o estado original em que foram criados. Por isso, eles “agora estão confirmados em sua santidade, são incapazes de pecar; são anjos santos (Mt 25.31) e fruem eterna alegria e comunhão com Deus (Mt 18.10), o que devem exclusivamente à bondade de Deus”.

A Bíblia Sagrada se refere a esses anjos bons como eleitos (1Tm 5.21).

Segundo Pearlman, os anjos eleitos são provavelmente aqueles que permaneceram fiéis a Deus na rebelião de Satanás.

5.8 - ANJOS COM DESIGNAÇÕES ESPECÍFICAS

Existem anjos que somente são conhecidos através do serviço que realizam. Vejamos alguns deles:

- 1) Anjos de juízo (Gn 19.13; 2 Sm 24.16; 2Rs 19.35; Sl 78.49; Ez 9.1,5,7).
- 2) Anjo destruidor (1 Cr 21.15).
- 3) Anjo vigilante (Dn 4.12,23).
- 4) Anjo do Concerto (Mt 3.1).
- 5) Anjo das águas (Ap 16.5).
- 6) Anjos do vento (Ap 7.1).
- 7) Os sete anjos (Ap 8.2).
- 8) Anjo do abismo (Ap 9.11).

9) Anjo que “tinha poder sobre o fogo” (Ap 14.18).

10) Anjo do altar (Ap 16.7).

5.9 - ANJO DO SENHOR

Nos textos mais primitivos do Antigo Testamento, a proteção de YHWH (Jeová ou Javé) em favor de Israel é personificada na expressão “Anjo de Javé” (Gn 16.7-14; 18.2; 21.17-19; 22.11-14; 31.11-13; Êx 3.2-6). Este anjo, que algumas vezes aparece como “o Anjo de Deus” ou como “o meu anjo”, é representado como um ser celestial enviado por Deus para tratar com os homens como seu agente pessoal e porta-voz.

A expressão “Anjo do Senhor” é mencionada na Bíblia Sagrada mais de cinquenta vezes no Antigo Testamento. Em algumas passagens, a expressão aponta apenas para algum ser angelical, criado. Todavia, em outras citações, referem-se à presença de Jeová. Contudo, outras vezes, quando algum anjo parece ser identificado com Deus, não se tenciona mais do que mostrar que esse anjo estava agindo e falando como representante de Deus.

Em muitas citações bíblicas ele é virtualmente identificado com Deus, como extensão da personalidade divina, e fala não meramente em nome de Deus, mas fala como o próprio Deus, na primeira pessoa do singular. Vejamos alguns exemplos. Seu primeiro aparecimento foi a Agar (Gn 16.7; 21.17).

Outros aparecimentos incluíram pessoas como Abraão (Gn 22.11,15), Jacó (Gn 31.11-13), Moisés (Êx 3.2), todos os israelitas durante o êxodo (Êx 14.19). Mais tarde, apareceu em Boquim (Jz 2.1,4); a Balaão (Nm 22.22-36); a Josué (Js 5.13-15), como o príncipe do exército do Senhor; a Gideão (Jz 6.11); a Davi (1 Cr 21.16); a Elias (2Rs 1.3,4); a Daniel (Dn 6.22) e a José (Mt 1.20; 2.13).

A maneira pela qual o Anjo do Senhor é descrito distingue-o de qualquer outro. A ele é atribuído o poder de perdoar ou reter pecados (Êx 23.20-23). Duas coisas são ditas acerca dEle: primeiro, que o nome do Senhor está nEle (Êx 23.20-23); segundo, que Ele é o rosto do Senhor, isto é, o rosto do Senhor pode ser visto nEle (Êx 32.34; 33.14). Por isso, tem o poder de salvar (Is 63.9) e de recusar o perdão (Êx 23.21).

“Anjo do Senhor” é a expressão usada no Antigo Testamento para designar o próprio Cristo em várias de suas manifestações antes da encarnação. A maioria dos estudantes da Bíblia concorda que o Anjo do Senhor, nas páginas veterotestamentárias, é uma Teofania, uma aparência visível de Cristo a seres humanos.

Teofania (gr. theophanía) é uma palavra composta pelos vocábulos theos e phainēi (“aparecer”), que se refere a alguma manifestação visível de Deus, na forma como Ele quiser. Teofania, entretanto, trata-se de um termo teológico que indica qualquer manifestação temporária e normalmente visível de Deus. Deve ser distinguida da manifestação divina permanente, em Jesus Cristo, chamada encarnação. Quase todos os casos de Teofania encontram-se no Antigo Testamento.

A identidade do Anjo do Senhor tem sido objeto de discussões exaustivas, principalmente pela forma como Ele se dirige às pessoas.

Portanto, não resta dúvida de que, pelas manifestações e atribuições exercidas por esse Anjo, se trata de uma manifestação pré-encarnada de Cristo, sem importar se Ele é chamado de “o Senhor” ou de “o anjo do Senhor”.

VI - CARÁTER DOS ANJOS

Quanto ao caráter moral dos anjos, julgamos que a descrição dada por Pearlman, ainda que de forma sintética, mas didática, nos oferece uma idéia satisfatória sobre os traços de seu caráter.

- ***Os anjos são obedientes.*** Eles cumprem os seus encargos sem questionar ou vacilar. Por isso oramos: “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10; Sl 103.20; Jd v.6; 1Pe 3.22).
- ***Os anjos são reverentes.*** Sua atividade mais elevada é a adoração a Deus (Ne 9.6; Fp 2.9-11; Hb 1.6).
- ***Os anjos são sábios.*** “Como um anjo... para discernir o bem do mal” era uma expressão proverbial em Israel (2 Sm 14.17). A inteligência dos anjos excede a dos homens nesta vida, porém é necessariamente finita. Os anjos não podem diretamente discernir os nossos pensamentos (1Rs 8.39) e os seus conhecimentos dos mistérios da graça são limitados (1Pe 1.12).

Como diz certo escritor, “Imagina-se que a capacidade intelectual dum anjo tenha uma compreensão mais vasta do que a nossa; que uma só imagem na mente angelical contempla mais detalhes do que uma vida toda de estudos poderia proporcionar aqui”.

- ***Os anjos são mansos.*** Não abrigam ressentimentos pessoais, nem injuriam os seus opositores (2Pe 2.11; Jd v.9).
- ***Os anjos são poderosos.*** São “magníficos em poder” (Sl 103.20).
- ***Os anjos são santos.*** Sendo separados por Deus e para Deus, são “santos anjos” (Ap 14.10).

VII - A HABITAÇÃO DOS ANJOS

Quanto à morada dos anjos, há muita controvérsia entre os estudiosos da Angelologia.

M.C. Webber e W.D. Webber afirmaram que alguns dizem que todos os anjos moram no Céu, que é a habitação de Deus, e, que alguns seres angelicais jamais deixam as cortes celestiais. Lembram que os serafins estão continuamente em adoração perante o trono de Deus (Is 6.1-6) e que Gabriel identifica-se como aquele que assiste diante de Deus (Lc 1.19). Segundo esses autores, os anjos vivem no segundo Céu.

De acordo com 2Co 12.2, há três céus. São, conforme geralmente se pensa, primeiro: a atmosfera terrestre, segundo: o firmamento das estrelas e dos planetas; terceiro: a presença de Deus. Dentro deste ponto de vista, salienta-se que Jesus, em sua ascensão, passou pelos céus até chegar à presença de Deus (Hb 4.14). Ele está assentado acima de todo principado, e autoridade, e poder, e domínio (Ef 1.20.21), assim sugerindo que os anjos não estão no primeiro Céu, mas no segundo. Os anjos teriam acesso à presença de Deus no terceiro Céu. Poderia ser isso o que aconteceu em Jó 1.6: “Certo dia os anjos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor...”. Habitem os anjos no segundo ou no terceiro Céu, é claro que todos eles não permanecem em sua residência básica. Os protetores, por exemplo, estariam na Terra com as pessoas ao seu cuidado.

VIII - MINISTÉRIO DOS ANJOS

A Bíblia Sagrada ensina que os anjos estão rodeando a Cristo e sempre estão prontos a cumprir alguma missão para a qual forem designados. Como agentes de Deus, como seus mensageiros, e ainda, como servos de Deus, eles exercem um papel de grande relevância nos desígnios divinos. Passaremos em revista, alguns de seus empreendimentos:

- ***Glorificam diretamente a Deus.*** Em Apocalipse 4.8-11, vislumbramos os quatro seres vivos os quais provavelmente representam a totalidade da criação vivente, em adoração incessante, exaltando e louvando a santidade de Deus.
- ***Os anjos glorificam a Deus pelo que Ele é em si, pela sua excelência*** (Jó 38.7; Sl 103.20; 148.2; Is 6.2,3; Lc 2.13,14; Hb 1.6; Ap 4.8;).

Para os seres humanos, torna-se fácil subestimar a importância da adoração. No esquema divino, é a atividade mais

importante. Na Terra, com muita frequência, a adoração é aquilo que Robert Webber chama de “a jóia esquecida”.

- ***Os anjos executam alguns dos desígnios de Deus.*** A Palavra de Deus ensina que Deus governa sobre toda a criação e que Ele usa os seus anjos para cumprir a sua vontade e as suas ordens (Sl 103.19-22).
- ***Os Anjos regozijam-se quando um pecador se arrepende.*** “Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lc 15.10).
- ***Os anjos são exemplos para nós.*** Eles nos dão lindos exemplos no que tange à sua obediência e adoração, exemplos esses que devemos imitar (Mt 6.10; Is 6.3; Ap 5.11,12).
- ***Cumprem Seus mandamentos.*** Dando ouvidos à voz de sua palavra (Sl 103.20,21). Os anjos estão nas mãos de Deus e exercem sua vontade; Ele os usa como faz com os ventos e o relâmpago (Hb 1.7).
- ***Encorajam.*** Nos momentos mais difíceis da nossa vida, em épocas de dor, de sofrimento ou de provação, os anjos estão ao nosso lado trazendo-nos palavras de consolo e estímulo. Em Atos 27.23,24, um anjo assegurou a Paulo que seria salvo do naufrágio a fim de que pudesse ensinar e pregar em Roma.
- ***Estão conosco na hora da morte.*** Jesus ensinou que, na hora da morte, os anjos levam os servos de Deus para o Céu (Lc 16.22). Resumidamente, podemos constatar que os anjos desenvolvem, entre outras, duas atividades essenciais, ou seja, adoram a Deus (Jó 38.7; Is 6.3; Sl 103.20; 148.2; Ap 5.11) e servem aos santos (Gn 18.9; Êx 14.19; Sl 34.7; 91.11; Mt 1.20; 2.13; 13.37-39; 24.31; 25.31; Lc 1.11-38; 2.8-15; 15.10; At 10.3-5; Gl 3.19; 2Ts 1.7; Hb 1.14; 2.2; Ap 17.7).

IX – SATANÁS E OS ANJOS CAÍDOS

9.1 – OS NOMES DE SATANÁS

Lúcifer. Este termo é usado em Isaías 14.12, significando “estrela do dia”, “o filho da alva”. Refere-se ao domínio que Satanás exerce neste mundo, especialmente através de intermediários. Literalmente, seu nome significa “o Brilhante” ou “Estrela da Manhã”. É descrito como “o selo da perfeição”, o que originalmente significa um padrão de perfeição. É descrito também como “cheio de sabedoria e formosura”, o mais belo e sábio de todas as criaturas.

Lúcifer é chamado também de “querubim da guarda ungido”. Como já sabemos, os querubins são seres angélicos de elevada categoria. Lúcifer era o líder dos seres angélicos e, evidentemente, os guiava em louvor e júbilo a Deus. O complemento “da guarda”, em Ezequiel 28.14-16, denota literalmente “quem conduz”, haja vista antes de sua queda Lúcifer não possuir inimigos nem nada para guardar.

Satanás. Forma grega derivada do aramaico — hb. sātān —, significa “adversário”. Esse termo é utilizado pela primeira vez no Antigo Testamento para se referir a um anjo de Jeová em Números 22.22. É utilizado, também, em referência a homens (1 Sm 29.4; Sl 38.20; 71.13; Salmo 109). Relacionado com Satanás, o Adversário, o termo aparece, mais de quinze vezes no Antigo Testamento, sendo que, em Zacarias 3.1, recebe a seguinte interpretação: “para se lhe opor”.

O termo “adversário”, no Novo Testamento, sempre é usado para se referir a Satanás como Adversário: de Deus e de Jesus (Mt 4.10; 12.26; Mc 1.13; 3.23,26; 4.15; Lc 4.8; Lc 11.18; 22.3; Jo 13.27); do povo de Deus (Lc 22.31; At 5.3; Rm 16.20; 1Co 5.5; 7.5; 2Co 2.11; 11.14; 12.7; 1Ts 2.18; 1Tm 1.20; 5.15; Ap 2.9,13,24; 3.9); e do gênero humano (Lc 13.16; At 26.18; 1Ts 2.18; 1Tm 1.20; 5.15; Ap 12.9; 20.7).

Diabo. Termo oriundo de diabolos (gr.), denota “acusador”, “caluniador”. Derivado de diabolō (“acusar”, “difamar”). Este termo encontra-se somente no Novo Testamento por 36 vezes (Mt 4.1,5,8,11; 13.39; 25.41; Lc 4.2,3,6,13; 8.12; Jo 6.70; 8.44; 13.2; At 10.38; 13.10; Ef 4.27; 6.11; 2Tm 2.26; 3.3; Tg 4.7; 1Pe 5.8; 1Jo 3.8,10; Jd v.9; Ap 2.10; 12.9,12; 20.2,10).

Segundo a Bíblia Sagrada, o Diabo é a personificação do mal e inimigo de Deus. Ele é descrito como o Tentador (Mt 4.3), o grande mentiroso (Jo 8.44) o deus deste século (2Co 4.4), que tem permissão para reinar até ao Juízo Final (Ap 20.7ss), quando será lançado no Lago de Fogo.

Penso que o mais importante que devemos saber sobre o Inimigo é o seguinte: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8).

Serpente. Uma referência a Gênesis 3.1,14 (cf. 2Co 11.3; Ap 12.9; 20.2).

Belzebu ou Baalzebu. Termo que significa “senhor das moscas”, uma referência ao deus de Ecrom (2Rs 1.1-6,16). Alguns teólogos acreditam que o nome Belzebu pode ser uma alteração hebraica do nome

cananeu Baalzebu, que por sua vez significa “senhor dos lugares altos”. Em Mateus 12.24-29, verifica-se a aplicação do termo ao príncipe ou chefe dos demônios (cf. Mt 10.25; Lc 11.15).

Dragão. Ele é chamado de Dragão em Apocalipse 12.3, em comparação à astúcia, malignidade e veneno desse animal. Em Apocalipse 12.9, o Dragão é referido como a antiga serpente, por causa da sua astúcia, misturada com a sua natureza destruidora.

Tentador. Tentar significa literalmente provar ou testar (Mt 4.3; 1Ts 3.5). Ele é usado também com relação aos tratos de Deus (Gn 22.1).

Satanás também é chamado de Príncipe deste mundo (Jo 12.31; 14.30; 16.11), Príncipe da potestade do ar (Ef 2.2), Maligno (Mt 13.19; 1Jo 2.13), Deus deste século (2Co 4.4), Anjo de luz (2Co 11.14), Apolion (“destruidor”, Ap 9.11).

9.2 - ORIGEM DE SATANÁS

Satanás é o acusador, no sentido legal, um queixoso que tem uma acusação a apresentar: “Deus me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do Anjo do Senhor, e Satanás estava à mão direita dele, para se lhe opor” (Zc 3.1). Uma das características da atuação de Satanás é a de se por, trabalhar contra e nos perseguir, com um único objetivo, de nos derrotar espiritual e moralmente. Jesus foi bastante objetivo ao chamá-lo de homicida e mentiroso (Jo 8.44).

O profeta Ezequiel relata que Deus, no princípio da criação, criou um ser que tinha força, sabedoria, beleza, glória e autoridade jamais igualada por qualquer criatura. Seu nome era Lúcifer, que significa “brilhante”, “querubim da guarda”, “ungido”. Ele é descrito como o sinete da perfeição (no hebraico, padrão da perfeição) e como cheio de sabedoria e formosura, o mais belo e sábio de toda a criação. (Leia-se Ez 28.12-16).

Ezequiel narra o testemunho de Deus sobre a perfeição de Lúcifer (Ez 28.3,4).

As palavras de Ezequiel aqui se referem à profecia contra o rei de Tiro (Ez 28.1,2,11,12). Enquanto o capítulo 27 fala sobre a queda da nação, o 28 menciona a queda do rei dessa nação. À semelhança do rei de Babilônia, o de Tiro era orgulhoso, arrogante e jactancioso. Achava-se divino e declarava ter uma glória que não lhe pertencia (Ez 28.2,6,9).

Nos versículos 3-5, Ezequiel descreve a grandeza do monarca. Pela sua arrogância, O julgamento sobre o rei é que ele será

abatido por Deus (vv.7-19). O rei pensava de si mesmo em termos absolutamente altos, mas para Deus isto era pura loucura. Ele pensava que era especial como querubim ungido de Deus ou como alguém que vivesse na própria montanha de Deus (v.14). Ele se retratava nos termos mais gloriosos. Pela sua arrogância, Deus o julgaria severamente (vv.16-19).

Vejamos o relato de Isaías 14.12-14 (leia-se). No versículo 13, o profeta menciona a jactância arrogante do rei babilônio. Certa vez, ele pensou que era o maior do mundo, que tinha poder e autoridade iguais à do próprio Deus. Uma das características do retrato profético de Babilônia é seu grande orgulho. Todavia, Deus rebaixaria seu rei ao mais baixo nível imaginável para a mente hebraica: o Sheol (gr. hades), o reino dos mortos (v.15).

Já os versículos 9-11 descrevem como os habitantes do Sheol ficariam surpresos porque alguém que pensava ser tão alto estava agora entre eles, num lugar tão baixo. O ponto é que o rei babilônio foi do extremo da exaltação mundana para a extrema humilhação, e isso era um feito de Deus, o julgamento de Deus. As pessoas, então, olhariam para o fracasso do rei e perguntariam: “É este o homem que fazia a terra tremer, que sacudia reinos, que fazia do mundo um deserto, derrubava suas cidades, que não permitia aos seus prisioneiros voltar para casa?” (vv.16-17).

Alguns exegetas crêem que esses versículos se referem não apenas ao rei de Babilônia, mas também, de um modo tácito, a Satanás (Lc 10.18). Outros acham que talvez a passagem se refira ao Anticristo dos tempos do fim, que reinará sobre a Babilônia (Ap 17.1-3), opondo-se a Deus e ao seu povo (Ap 13.4).

Para alguns eruditos, o texto mais usado quando se fala sobre a origem de Satanás é Apocalipse 12:7-9:

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e os seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.

Hoje Lúcifer não é mais um anjo de luz, mas sim um anjo de trevas e maldade. Sabemos entretanto que pode transfigurar-se em um anjo de luz (2Co11.14). O seu ódio pela humanidade cresce a cada dia. Satanás é um ser inteligente, uma personalidade hostil, inimigo declarado de Deus e dos homens. A Bíblia inteira o apresenta resistindo a Deus e perturbando a paz das nações, com guerras, destruição e miséria.

Satanás é mencionado 177 vezes na Bíblia Sagrada, por diferentes maneiras.

9.3 - A EXISTÊNCIA DO DIABO

Evidências do Antigo Testamento. O Antigo Testamento menciona a existência de Satanás da mesma maneira que menciona a existência de Deus. O livro de Gênesis mostra Satanás trabalhando através da serpente para provocar a Queda do homem. Os fatos básicos da criação e da Queda lançam as bases para a batalha entre o bem e o mal através da Bíblia e da História e também para o plano redentor de Deus centrado em Jesus, que venceria a Satanás.

No reinado de Davi, Satanás se levantou contra Israel e o incitou a numerar o povo, isto é, a fazer o censo de Israel (1 Cr 21.1). Por conta dessa desobediência, Deus feriu a Israel, mandando a peste contra o povo, ocasião em que “caíram de Israel setenta mil homens” (1 Cr 21.14). Digno de nota é o fato de que depois das grandes vitórias e realizações de Davi (1 Cr 14-21) que Satanás, o enganador, conseguiu achar uma brecha em sua vida (1 Cr 21.7,8; 1Tm 3.6).

Nos Salmos 106.36,37 e 109.6, encontramos os conceitos de demônios por trás da idolatria e um adversário como Satanás. É difícil explicar os poderes super-humanos que são dados ao rei da Babilônia (Is 14.12-17) e ao rei de Tiro (Ez 28.1-19), sem o reconhecimento de um Satanás pessoal por trás dessas descrições.

Somente podemos compreender Zacarias 3 quando reconhecemos a realidade de Satanás acusando e se opondo à nação de Israel. No texto em apreço, Josué, como representante de Israel, não podia resistir a Satanás. Na qualidade de sumo sacerdote, se trajava de vestes malcheirosas e imundas, símbolos do pecado. Por isso, o Senhor (Anjo do Senhor) resistiu a Satanás e o repreendeu; Ele havia escolhido Israel para cumprir os seus propósitos.

Evidências do Novo Testamento. A existência de Satanás é reconhecida por cada escritor do Novo Testamento, embora não necessariamente em cada livro. Dezenove dos vinte e sete livros do Novo Testamento mencionam Satanás por algum dos seus nomes. Dos oito que não o mencionam especificamente, quatro implicam a sua existência por citar a existência dos demônios, que são associados a Ele.

Evidências emanadas de Jesus Cristo. Nos Evangelhos existem 29 referências a Satanás. Em 25 delas, é Cristo quem fala de

Satanás como sendo uma pessoa. O relato da tentação nos chegou através do próprio testemunho do Senhor Jesus aos seus discípulos.

Satanás é mais forte do que os seres humanos, mas Cristo triunfou sobre ele (Mt 12.29), e os cristãos também triunfarão da mesma forma, resistindo às suas investidas com as armas que Cristo nos proporciona (Ef 6.10-18; Tg 4.7; 1Pe 5.9-10).

Reconhecer a realidade de Satanás, levar a sério a sua oposição, ficar atento à sua estratégia, levar em conta a guerra contínua com ele não é cair num conceito dualista de dois deuses, um bom e outro mau, guerreando um contra o outro. Satanás é uma criatura sobre-humana, mas não é divino; ele tem muito conhecimento e poder, mas não é onisciente nem onipotente e nem onipresente; ele é um rebelde derrotado e não tem mais poder do que aquele que Deus lhe permite exercer e está destinado ao lago do fogo (Ap 20.10).

9.4 - A NATUREZA DE SATANÁS

Criatura. Satanás foi criado por Deus, não em sua presente forma corrompida, mas maravilhosamente constituído e santo (Ez 28.15). Gregório afirmou:

Quod primus angelus qui peccavit, dum cunctis agminibus angelorum praelatus, eorum claritatem transcenderet, ex eorum comparatione clarior fuit ("O primeiro anjo que pecou, superior a todas as ordens dos anjos, ultrapassava-os na luminosidade, e comparado com eles era ainda mais esplêndido").

O apóstolo Paulo, em sua epístola aos Colossenses 1.16, inclui Satanás entre as criaturas feitas por Jesus Cristo, pois ele é contado entre os poderes invisíveis que devem a sua existência a Jesus. Todavia, como criatura ele é infinitamente menor que Deus.

Um ser espiritual. Como os outros anjos, com os quais ele é constantemente associado, Satanás é um espírito finito e limitado. Isso significa que ele é incorpóreo e invisível (Cl 1.16), embora ele possa manifestar a sua presença em forma visível, porém isso acontece temporariamente.

Pertence à classe dos Querubins (Ez 28.14-16). Essa parece ser a mais alta classificação nos seres angélicos. Querubim nos lembra a presença de Deus, Sua glória, santidade e sabedoria. A principal das criaturas criadas por Deus (Ez 28.12-13).

Satanás é homicida e mentiroso (Jo 8.44), ele é um pecador obstinado (1Jo 3.8) e um audaz adversário, o arquiinimigo de Deus e principalmente dos homens (1Pe 5.8).

Sua personalidade. A Bíblia nos ensina que o Inimigo é um ser que possui caráter e uma personalidade forte e obstinada. Dizer que Satanás é apenas fruto da imaginação, uma ficção, mitologia ou coisa da mente humana, é subestimar muito os fatos. Sabemos que fatos são provas e contra fatos não temos como argumentar.

Uma prova aceitável de personalidade consiste em alguém demonstrar que possui intelecto, emoção e vontade. Pela Palavra de Deus podemos constatar que Satanás possui essas características. Seu intelecto é óbvio no seu esquema para enganar (2Co 11.3) e em sua comunicação através da fala para enganar outras pessoas (Lc 4.1-12).

Suas emoções são claramente reveladas no seu rebelde desejo de se opor a Deus (Is 14.12-17) e a Cristo (Lc 4.1-12). Podemos ver a vontade de Satanás em operação, apelando para a vontade de Cristo em comandos (Lc 4.3,9), atraindo os falsos mestres (2Tm 2.26) e em sua infatigável e determinada rebelião contra Deus (Ap 20.7-9) e tem consciência de que será lançado no fogo eterno (Mt 25.41).

A Bíblia Sagrada usa pronomes pessoais para Satanás (Ez 28.14,16; 2Co 11.14,15; Tg 4.7).

Seu caráter. Satanás é presunçoso (Mt 4.4,5), orgulhoso (1Tm 3.6; Ez 28.17), poderoso (Ef 2.2), maligno (Jó 2.4; Lc 8.13; 1Pe 5.8; 2Co 4.4; 1Jo 5.19), astuto (Gn 3.1; 2Co 11.3), enganador (Ef 6.11), feroz e cruel (1Pe 5.8). Ele é a causa primária dos pecados e é muito astuto (Ap 12.7-11; 2Co 2.11; Ef 6.11,12; 2Co 11.14; Jo 8.44; 1Jo 3.8).

A natureza das atividades. Perturbar a obra de Deus (1Ts 2.18), opor-se ao Evangelho (Mt 13.19; 2Co 4.4), dominar, cegar, enganar e laçar os ímpios (Lc 22.3; 2Co 4.4; Ap 20.7,8; 1Tm 3.7), afligir e tentar os santos de Deus (1Ts 3.5).

O motivo de suas atividades. O Novo Testamento mostra que o mundo está alienado de Deus e controlado por Satanás (Jo 12.31; 2Co 4.4; Ef 6.10-12).

Ele odeia até a natureza humana com a qual se revestiu o Filho de Deus. Intenta destruir a Igreja porque ele sabe que uma vez perdendo o sal da terra o seu sabor, o homem torna-se vítima em suas mãos inescrupulosas.

Suas atividades são restritas. A despeito de reconhecermos a força de Satanás, devemos ter cuidado em não exagerar. Para aqueles que crêem em Cristo, ele já é um inimigo derrotado (Jo 12.31) e é forte somente para aqueles que cedem à tentação. Apesar de rugir furiosamente ele é timorato (medroso) (Tg 4.7).

Satanás somente pode ***tentar*** (Mt 4.1), ***afligir*** (1Ts 3.5), ***matar*** (Jó 2.6), e tocar no crente com a permissão de Deus. “E disse o Senhor a Satanás: eis que tudo quanto tem está na tua mão; somente contra ele não estendas a tua mão” (Jó 1.12). Deus permitiu Satanás destruir os bens e a família de Jó; porém, ele fixou um limite até onde Satanás podia ir e não lhe concedeu o poder de morte sobre Jó.

Quando a Bíblia Sagrada declara que Satanás é o príncipe deste mundo (Jo 12.31; 14.30; 16.11) e que ele é o deus deste século (2Co 4.4), ela não quer dizer que Satanás controla o mundo através de seu poder, pois esse controle pertence a Deus, o criador, o qual delegou ao seu unigênito filho Jesus Cristo, todo o poder no céu e na terra (Mt 28.18).

O que a Palavra de Deus ensina é que Satanás está no controle do mundo mau, das instituições e pessoas que estão completamente afastadas de Deus. Esse poder, essa influência exercida por Satanás é limitada (Mt 12.29; Ap 20.2), pois conforme diz a Bíblia Sagrada, ele será lançado no abismo (Ap 20.10).

Sua atuação. O Inimigo não limita suas operações aos ímpios e depravados. Muitas vezes age nos círculos mais elevados como “um anjo de luz” (2Co 11.14). Deveras, até assiste às reuniões religiosas, o que é indicado pela sua presença no ajuntamento dos anjos (Jó 1.6), e pelo uso dos termos doutrina de demônios (1Tm 4.1) e a sinagoga de Satanás (Ap 2.9). Frequentemente seus agentes se fazem passar como ministros de justiça (2Co 11.15).

Pelo fato de Satanás ser um elevado ser dotado de profunda inteligência, o apóstolo Paulo nos adverte a não ignorarmos os seus ardis (2Co 2.11), isto é, as suas maquinacões, os seus desígnios perversos, os seus propósitos, os seus planos maus.

Daí a necessidade de redobrarmos a nossa vigilância com relação às suas sutilezas em relação à ***diversão*** (2Co 4.4; 1Tm 3.7), à ***ilusão*** (Gn 3.4; Ez 13.22; 2Ts 2.9-11), à ***vacilação*** (Mt 6.24; 2Co 6.14,15; 7.1), ao ***ceticismo*** (Rm 14.23; Gn 3.1-6), às ***trevas*** (Is 50.10; Rm 1.21; 2Co 4.4), ao ***desânimo*** (Hb 6.1; 9.14; At 10.38; Lc 13.16), à ***procrastinação*** (At 24.25;

26.28; Êx 8.25-28; 10.24,25) e à transigência com o mal (Ap 3.9; 2Co 11.14,15).

Sua derrota. Deus decretou sua derrota (Gn 3.14,15). Jesus, como Deus, demonstrou o seu poder e a sua autoridade sobre Satanás ao derrotá-lo, desarmá-lo e despojá-lo de seu poder (Lc 11.10-11; Cl 2.15). Durante a Grande Tribulação será lançado da esfera celeste à Terra (Ap 12.7-9); durante o Milênio será aprisionado no abismo (Ap 20.1-3), sendo solto por um período curto (Ap 20.7,8), e depois de mil anos será lançado no Lago de Fogo (Ap 20.10). Dessa maneira, a Palavra de Deus nos assegura a derrota final do mal.

Satanás já é um inimigo vencido por Cristo durante a sua vida na Terra (Mt 4.1-11; Jo 14.30) e na sua morte no Gólgota (1Jo 3.8; Hb 2.14; Cl 2.15; Jo 12.31; 1Co 15.55; Rm 16.20).

9.5 - Os ANJOS CAÍDOS

Muitos creem que Deus criou os anjos caídos, ou que eles se rebelaram porque Deus quis. Ambas as idéias estão erradas, pois Deus nem os criou nem desejou que se rebelassem (Dt 32.4). Os anjos caídos foram criados perfeitos, mas, tendo dado ouvidos a Satanás, terminaram rejeitando a autoridade de Deus.

Em tempos remotos, houve rebelião entre os seres espirituais encabeçada por Lúcifer, o querubim ungido, nos lugares elevados (Jó 4.18; Mt 25.41; 2Pe 2.4; Ap 12.4).

Os anjos foram criados perfeitos, sem pecado e, como o homem, dotados de livre escolha. Satanás, na sua rebelião inicial contra Deus sublevou uma terça parte deles (Ap 12.4). Tendo livre arbítrio, numerosos anjos participaram da rebelião de Satanás tendo abandonado o seu estado original de graça como servos de Deus, e assim perderam o direito à sua posição celestial (2Pe 2.4).

Parece que o texto correspondente, em Judas v.6, põe o encargo da responsabilidade mais diretamente nos ombros dos próprios anjos. “e aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande Dia”. Como resultado de sua queda, além de terem sido “reservados para o juízo”, têm sua parte juntamente com Lúcifer no “fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41).

Ao comentar sobre o número de anjos decaídos, asseverou Tomás de Aquino:

... diz o livro dos Reis: "Há mais conosco do que com eles", texto que se refere aos bons anjos que vêm em nosso auxílio e aos maus que nos tentam. Mais anjos permaneceram do que pecaram...

O texto referido por Tomás de Aquino é 2 Reis 6.15-17 (leia-se).

Alguns dos anjos decaídos estão "algemados" no Inferno (2Pe 2.4; Jd v.6); os demais estão soltos sob o domínio e controle de Satanás (Ef 2.2; Ap 12.7). Estes, por sua vez, são os emissários altamente organizados do Diabo (Ef 6.11,12). Com relação aos anjos caídos que se encontram soltos, N. Lawrence Olson, disse: "Ocupam posições de autoridade sobre as nações e os povos (Dn 10.13,20)".

Leiamos Daniel 10.20 e o respectivo comentário do texto. As expressões "príncipe do reino da Pérsia" (Dn 10.13) e "príncipe da Grécia" (Dn 10.20) nada têm a ver com o chamado "mapeamento espiritual" decorrente da falsa doutrina dos espíritos territoriais. Peter Wagner, defensor dessa interpretação equivocada, fundamenta-se na idéia de que cada continente, país, estado, região e cidade, além de grupos culturais, tribos, governos e estruturas sociais, possuem um anjo caído que controla todos os seus desígnios.

Como já vimos, Satanás, "o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos" (2Co 4.4), fazendo-os acreditar nas falácias do "pai da mentira".

Que existe um poder organizado no mundo espiritual influenciando as nações e os povos não se pode negar. Todavia, a Palavra de Deus não fornece informações palpáveis para sabermos os detalhes dessa organização. O que compete a cada crente é resistir aos seus ataques, equipar-se com cada peça da Armadura de Deus e ter sempre o poder do Espírito Santo na batalha espiritual.

Os anjos não são contemplados no plano da redenção (1Pe 1.12), mas o inferno foi preparado para o eterno castigo dos anjos decaídos (Mt 25.41).

O fato da queda. Por sete vezes em Gênesis 1, o texto relata que tudo o que Deus havia feito era bom. No versículo 31 está escrito que "E viu Deus tudo quanto tinha feito; e eis que era muito bom". Isso certamente inclui a perfeição dos anjos em santidade quando eles foram originalmente criados. Como já vimos, alguns eruditos pensam que o texto de Ezequiel 28.15 refere-se a Satanás.

Sendo assim, o Diabo teria sido criado perfeito. Outros textos bíblicos citam a existência de anjos maus (Sl 78.49; Mt 25.41; Ap 9.11; Ap 12.7-9). Entretanto, não há dúvida que Satanás tenha sido o chefe dessa trágica rebelião angelical.

A época de sua queda. Nas páginas da Bíblia Sagrada não há nenhuma referência de quando ocorreu a queda dos anjos, todavia é muito provável que ela aconteceu antes da queda do homem, já que Satanás entrou no jardim na forma de serpente e induziu Eva a pecar (Gn 3).

A causa da queda angelical. De acordo com as Sagradas Escrituras o Universo e a criatura eram originalmente perfeitos. A criatura tinha originalmente a capacidade de pecar ou não. Ela foi colocada na posição de poder fazer qualquer uma das duas coisas sem ser obrigada a optar por uma delas. Em outras palavras, sua vontade era autônoma.

Portanto, conclui-se que a queda dos anjos se deu devido à sua revolta deliberada e auto-determinada contra Deus. Grande prosperidade e beleza parecem ser apontadas como possíveis causas. Ambição desmedida e desejo de serem mais que Deus.

O Dragão — Satanás — levou consigo a terça parte das estrelas (Ap 12.3,4).

Acerca desse fato, Tomás de Aquino comentou:

O pecado do primeiro anjo foi causa de pecar para os outros, não por coagi-los, mas por induzi-los, por uma como que exortação. É sinal claro disso que todos os demônios se submeteram ao príncipe dos demônios, o que o Senhor disse por estas palavras do Evangelho de Mateus: "Ide, malditos, para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e para seus anjos". Assim é a ordem da justiça divina, de quem, na culpa, seguiu a sugestão de outro, tenha como pena submeter-se ao poder desse outro. Confirma-o Pedro em sua segunda Carta: "Quem foi vencido por outro dele seja feito servo".

Tomás de Aquino ao se referir aos anjos maus (decaídos) os chama de demônios, uma vez que seu entendimento é de que anjos decaídos e demônios são a mesma coisa.

O resultado da queda dos anjos. Todos eles perderam a sua santidade original e se tornaram corruptos em natureza e conduta (Ef 6.11-12; Ap 12.9). Alguns deles foram lançados no inferno e estão acorrentados até o dia do julgamento (2Pe 2.4). Outros permanecem em liberdade e

trabalham em definida oposição à obra dos anjos bons (Ap 12.7-9; Dn 10.12,13,20,21; Jd v.9).

É bem provável que o pecado dos anjos tenha afetado a criação original. A terra, por exemplo, foi amaldiçoada com o pecado de Adão (Gn 3.17-19). O apóstolo Paulo fala que a criação está gemendo por causa da queda (Rm 8.19-22). A criação tornou-se sujeita ao sofrimento e às catástrofes físicas, por causa do pecado humano.

No futuro, após o seu julgamento (1Co 6.3), eles serão lançados no lago de fogo e enxofre: "Então, dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41).

Opositores dos salvos. O cristão está envolvido numa guerra de proporções inigualáveis, de um conflito espiritual contra Satanás e seus anjos: "... não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contras as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12).

Os poderes das trevas são os governantes espirituais do mundo (Jo 12.31; 14.30; 16.11; 2Co 4.4; 1Jo 5.19), que incitam os ímpios (Ef 2.2), se opõem à vontade de Deus (Gn 3.1-7; Dn 10.12,13; Mt 13.38,39) e constantemente atacam os crentes (1Pe 5.8).

Essa oposição se manifesta de diferentes maneiras: Através de pessoas ímpias (2Rs 6.13-16), por meio de diferentes tipos de tribulações e tentações, obstáculos à pregação do Evangelho, etc. Contudo, ainda que na qualidade de agentes de Satanás, os anjos decaídos não podem ir além dos limites traçados pela permissão divina.

Não são todo-poderosos. Os anjos maus são poderosos, mas não todo-poderosos. "Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (1Jo 4.4). Nem toda a força de Satanás, somada às forças de suas hostes, pode igualar-se à força espiritual que Deus põe à disposição de seus filhos (2Rs 6.16; Ef 1.20-22; 2.6,7).

Sua habitação. Parte deles habita o Inferno (2Pe 2.4; Jd v.6).

Jesus disse que "... as portas do inferno não prevalecerão contra ele [igreja]" (Mt 16.18). A palavra "inferno", na Bíblia Sagrada, aparece no Antigo Testamento como sheol (hb.) e hades (gr.). Ambas significam "mundo invisível", isto é, "o lugar para onde vão os espíritos dos mortos". Essas palavras nunca são usadas para se referir ao lugar final da

detenção desses espíritos, e nem para significar a sepultura do corpo, cuja palavra no hebraico é *queber*.

Olson ensina que a Bíblia Sagrada, os livros apócrifos, os escritos patrísticos e a literatura pagã são unânimes em aceitar que o Hades ou Sheol é o lugar onde, após a morte, são recolhidos os espíritos dos falecidos, quer dos justos, quer dos injustos (Is 14.9; Lc 16.23). O eminente autor afirmou:

A razão da grande confusão reinante sobre este estudo e mesmo entre as heresias é porque às vezes as palavras gregas e hebraicas referentes ao assunto foram mal traduzidas, por exemplo, "Hades", que às vezes é confundida com o Lago de Fogo; "queber", que somente tem a ver com cadáver, confundem com "inferno" que é lugar de espírito; "Abussos" (no grego), que é tradução do hebraico "Abaddon", é o "abismo", mas lugar este diferente do Hades.

Citando o erudito Dr. Seiss, Olson transcreve o seu comentário da forma seguinte:

Abaddon e o Abismo parecem ser a morada de demônios, uma espécie de abismo ainda mais profundo do que o Hades... O termo "tártaro" ("tartarus", no grego), traduzido para "inferno" na Versão Brasileira e em Almeida, em 2Pe 2.4, que versa sobre anjos decaídos serem lançados nos "abismos" (ARA) de escuridão, provavelmente refere-se a este mesmo Abussos ou Abismo.

Para Olson, o Lago de Fogo é designado pela palavra hebraica *tofete* (Is 30.33; Jr 7.31,32) e pela grega *geena* (Mt 5.22,29,30; 10.26; 23. 14,15,33). Este último termo refere-se literalmente ao Vale de Hinom, um local existente fora de Jerusalém que era utilizada como lixeira da cidade, onde se queimavam os cadáveres de criminosos e de animais.

Ali sempre havia fogo aceso, e, por esta razão, esse vale era usado como simbolizando o Lago de Fogo que arde eternamente. Fato interessante é que no Vale de Hinom, os israelitas queimavam seus filhos em sacrifício a Moloque, o deus pagão dos amonitas, fenícios e cananeus. N. Lawrence Olson lembra que Jesus empregou o termo *geena* onze vezes, sempre no sentido literal.

Os textos das Epístolas de Pedro e Judas não afirmam que todos os anjos maus estão aprisionados no Tártaro, pois a Bíblia Sagrada mostra no seu contexto geral que parte deles está solta. Mas não há dúvidas, à luz da Palavra de Deus, de que uma boa parte desses agentes do mal habita as regiões celestes (Ef 2.2; 6.12).

Uma vez considerados os locais onde se encontram os anjos caídos, resta saber o seu destino após o grande julgamento do Trono Branco. Para essa explicação, recorreremos mais uma vez a Olson que nos diz:

Uma vez que o Hades é lançado no Lago de Fogo, e que os anjos decaídos serão julgados no grande dia de julgamento, concluímos que o Abismo também será lançado no Lago de Fogo, formando desta maneira um só Inferno eterno. O texto de Mt 25.41 confirma este pensamento porque vemos os homens e os anjos sofrendo juntos.

Um anjo caído pode tomar forma humana? A Palavra de Deus afirma que os anjos bons podem tomar forma humana sempre que houver uma missão que exija essa necessidade (Gn 18.1-2; 19.10; At 1.10). Por causa disso é que existe esse questionamento com relação aos anjos decaídos.

Os anjos decaídos não podem tomar forma humana. Na Bíblia Sagrada não se encontra em nenhum lugar a possibilidade de um anjo caído se materializar, não havendo, portanto, nenhum embasamento para tal afirmação. Não há registro na Palavra de Deus que um anjo bom tenha tomado posse de corpos humanos, mas que através da Teofania se materializaram em forma de varão. Por outro lado, os demônios sim, estão sempre procurando um corpo humano ou de animal para cumprir seus desideratos. Os demônios também estão impossibilitados de tomar forma humana.

CONCLUSÃO

Anjos bons são “espíritos ministradores, enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação” (Hb 1.14). Estão continuamente conosco, guardando-nos, encorajando-nos e ajudando-nos. Agradeçamos a Deus pelo seu amor e solicitude, conforme demonstrado no ministério dos seus anjos.

A busca por anjos não é novidade, a história comprova que ela sempre existiu. Provar a existência dos anjos é algo que foge ao alcance da humanidade.

A Escritura Sagrada é quem nos ajuda nesta busca, porém é lógico que a mesma não trata a Angelologia na mesma intensidade como trata a Cristologia. Não é esse o seu propósito.

Mas, a Escritura fornece informações sobre os anjos e pode responder às questões levantadas sobre os anjos pela sociedade. Esta doutrina atesta a existência de um mundo espiritual; Fortalece a nossa fé quanto a providência divina; Ensina-nos humildade.

Ao estudarmos este assunto temos a possibilidade de conhecermos melhor nosso inimigo, sabermos também os recursos que estão a nossa disposição e que Deus fortalece o Seu povo e os livra das tribulações.

Essas questões são um alerta para a igreja; seu povo deve receber um devido preparo para saber discernir as distorções que surgem.

Não podemos vencer essas distorções fugindo delas; a igreja tem de estar ciente da grande responsabilidade que tem em suas mãos, a fim mostrar o real valor dos anjos e sua função entre nós. Infelizmente, a igreja não tem valorizado a Angelologia, pois é muito raro ouvirmos um sermão bíblico, não-especulativo, sobre o assunto. E os livros a respeito são poucos. Tudo isso dificulta a nossa pesquisa.

ATIVIDADES – LIÇÃO II

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☒ Angelologia é o tratado acerca dos anjos; é o estudo, a doutrina sobre os seres angelicais.
- 2) ☒ A palavra “anjo” é aplicada nas Escrituras como uma ordem de seres sobrenaturais ou celestiais, cuja atividade é agir como mensageiros de Deus aos homens e como agentes que executam a sua vontade.
- 3) ☒ Os anjos não constituem meramente forças físicas ou morais, mas são seres espirituais distintos, isto é, seres imateriais e incorpóreos, criados por Deus.
- 4) ☒ Por não possuírem corpo, os anjos não têm alma. Precisamente porque os anjos não são almas, mas apenas espíritos é que eles não podem possuir a mesma essência rica que o homem, cuja alma é o ponto de união em que se encontram o espírito e a natureza.
- 5) ☒ Como espíritos puros (imateriais e incorpóreos), os anjos estão sujeitos à morte, assim sendo, possuem existência determinada.
- 6) ☒ Anjos são seres espirituais criados, dotados de juízo moral e alta inteligência, porém desprovidos de corpos físicos.

Lição III

*A Doutrina do Homem
Antropologia*

A DOCTRINA DO HOMEM:

ANTROPOLOGIA

INTRODUÇÃO

Berkhof afirmou:

As palavras "imagem" e "semelhança" são empregadas como sinônimos e uma pela outra, e, portanto, não se referem a duas coisas diferentes.

Essa ideia corrobora o nosso entendimento, acentuando que, em Gênesis 1.16, são empregadas as duas palavras, mas, no versículo 27, somente a primeira delas.

Chafer também reforça esse entendimento, referindo-se às palavras "imagem" e "semelhança" da seguinte maneira:

Em Gênesis 1.26,27, ambas as palavras, "imagem" e "semelhança", aparecem, mas a palavra "imagem" ocorre três vezes enquanto o termo "semelhança" ocorre apenas uma vez.

Em Gênesis 5, vemos a palavra "semelhança" incluída na genealogia de Adão: "Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez" (v.1). Certamente, o termo "semelhança", aqui, se refere à imagem de Deus, que é semelhante ao Criador, conforme já explicitado.

O homem é distinto e superior aos animais. A diferença entre o homem e os animais é tão grande, em termos qualitativos, a ponto de não haver margem para especulações quanto à origem dos humanos e dos irracionais. O Projeto do Genoma Humano (PGH), iniciado em 1990, constatou, em 2003, que há no corpo humano em torno de quarenta mil genes, concluindo o sequenciamento de três bilhões de bases que constituem o DNA da espécie humana, com 99,9% de precisão.

O que intriga os cientistas e os leva a sonhar com a descoberta do “elo perdido” entre o símio e o homem é o fato de o Projeto Genoma ter concluído que a diferença entre o DNA do homem e do chimpanzé é apenas de 5%. Ou seja, em termos meramente numéricos, o homem e o macaco têm semelhanças quase totais. Entretanto, em termos qualitativos, incluindo-se o raciocínio lógico, a capacidade da fala e habilidades gerais, o homem se distancia do macaco tanto quanto os corpos celestes que estão a anos-luz do nosso planeta.

Com apenas 5% de diferença entre o código genético do homem e o do macaco, como pode haver tão grande diferença de conhecimento e de habilidades? Será que se pode esperar que um macaco, um dia, vá compor uma frase, uma página ou escrever um livro? Não há dúvida de que não. A idéia central, na Bíblia, é de que o homem foi feito à imagem de Deus. E jamais poderia ser visto como semelhante aos animais. Como vimos, a diferença qualitativa entre o homem e o animal ultrapassa qualquer visão materialista da natureza do ser humano.

Semelhança natural com Deus. Langston afirma que o homem tem “semelhança natural” com Deus:

O homem é uma pessoa como Deus é uma Pessoa, e a semelhança entre um e outro acha-se no espírito, naquilo que o homem é na sua natureza pessoal. Assim sendo, a “semelhança natural” entre Deus o homem perdura sempre, porque o homem não poderá jamais deixar de ser uma pessoa como Deus o é.

Não devemos confundir imagem natural com imagem física, pois Deus é espírito e não tem partes físicas, a exemplo do homem.

Strong também afirma que o homem tem “Semelhança natural com Deus, ou pessoalidade”.

O homem, um ser pessoal, à semelhança de Deus, tem inteligência, vontade e emoções. Tal condição o distingue dos animais. Enquanto estes apenas agem por instinto, conforme o que Deus programou para eles, aquele tem autoconhecimento e autodeterminação. O homem imagina, projeta, cria, inventa e produz coisas. O animal apenas repete o que lhe instiga a natureza.

No hebraico e no grego, as palavras para identificar “a imagem” não contribuem muito para o entendimento do termo em análise. Por isso, as discussões teológicas e filosóficas continuam a deixar

muitas lacunas quanto à sua interpretação. No grego do Novo Testamento, a palavra “imagem” é *eikon* e pode se referir a uma imagem de escultura. Tem o sentido de representação ou de manifestação. Mas também pode se referir a Cristo, “o qual é imagem do Deus invisível” (Cl 1.15), ou “o *eikon* de Deus”, que não é só uma representação, como o é uma estátua, ou um ídolo; envolve uma participação na essência de Deus.

Assim, surge a questão: o homem, feito à imagem de Deus, é apenas uma representação do Criador, ou tinha algo divino nele, ou participava da real essência de Deus? A palavra hebraica para “imagem” é *tselem*; e, para “semelhança”, *d’mût*. Elas se referem a algo similar ou idêntico ao que representam, ou àquilo de que são à “imagem”.

Podemos dizer que o homem era, no seu estado original, no ato da criação, uma imagem ou representação de Deus, tendo características de Deus em sua pessoa, tais como pessoalidade, amor, justiça, santidade, retidão, perfeição moral; tudo isso à semelhança de Deus. Mas o homem não poderia ser igual a Deus. Só Jesus é “o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa” (Hb 1.3); “o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Cl 1.15).

Semelhança moral com Deus. A interpretação do que vem a ser a “semelhança” de Deus no homem tem muitas variantes. Há quem entenda que essa “semelhança” é apenas moral e espiritual. Outros entendem que é mais ampla, incluindo a essência da divindade do Criador. Na Bíblia de Estudo Pentecostal, lemos que “Eles tinham semelhança moral com Deus, pois não tinham pecado, eram santos, tinham sabedoria, um coração amoroso e o poder de decisão para fazer o que era certo (Ef 4.24). Viviam em comunhão pessoal com Deus, que abrangia obediência moral e plena comunhão”.

Langston disse:

O homem foi criado bom. Todas as suas tendências eram boas. Todos os sentimentos do seu coração inclinavam-se para Deus, e nisto consistia a sua semelhança moral com o Criador. As Escrituras ensinam mui claramente que o homem foi criado natural e moralmente semelhante a Deus, e ensinam também que ele perdeu esta semelhança moral quando caiu pelo pecado.

Este é um ponto importante: o homem, quando deu lugar ao Diabo e desobedeceu a Deus, pecou; e, assim, perdeu aquela semelhança moral com o Criador. Ficaram, na verdade, os traços daquela semelhança,

distorcida, prejudicada, no ser humano. Esses traços são os sentidos de justiça e de ética, e da busca por um Ser supremo, no âmago de sua consciência.

1) Há uma lei interior dentro do ser humano. Na consciência do homem vemos que ele tem um referencial, um juízo de valor que aponta o que é certo e o que errado. Isso se chama faculdade moral, que aprova ou desaprova os atos praticados ou imaginados. Isso é um traço da semelhança moral com Deus, que alertou ao homem para que não pecasse, desobedecendo e se apropriando do fruto da árvore interdita.

Paulo fala dessa faculdade moral que há dentro de cada um quando ensina que o homem tem uma lei interior que aprova ou desaprova os seus atos. Podemos chamá-la de lei da consciência (*Leia-se Rm 2.14,15*).

Os animais não têm essa lei interior, que serve de referencial moral, pois sua natureza não comporta essa faculdade.

2) Há um padrão moral universal para o homem. Como ser moral, em sua semelhança com Deus, o homem, falível, não pode se guiar apenas por sua consciência, ou seu coração, numa linguagem metafórica. Disse o profeta Jeremias: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isso para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações” (Jr 17.9,10).

O coração, nesse caso, não corresponde ao músculo cardíaco, e sim à consciência, ou à mente humana. Por causa do pecado original, todo o ser do homem ficou imperfeito, e seu coração, sua mente (ou sua consciência), tornaram-se enganosos e perversos. Por isso, o homem precisa de um padrão sublime para servir de referencial para suas ações.

Esse padrão não é — nem poderia ser — outro, senão a Palavra de Deus. Disse o salmista: “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho” (Sl 119.105). Jesus também afirmou: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5.48; cf. Jo 17.23). Esse é, pois, o padrão para o ser humano, ainda que essa perfeição, requerida por Cristo, não possa ser absoluta, e sim relativa, visto que a natureza, atingida pelo pecado, não pode alcançar o grau de perfeição nesta esfera da existência.

Só na eternidade, após a ressurreição dos salvos, ou ao Arrebatamento dos que permanecerem fiéis a Deus, nesta vida, é que haverá o estado de perfeição plena, quando os santos chegarão à estatura de varão perfeito (cf. Ef 4.13).

3) O homem foi feito adulto — e perfeito.

Leite Filho, analisando o homem, ressalta: *Um fato relacionado à criação do homem que se faz notório e que passamos a considerar é que o homem foi criado adulto. A cada passo das Escrituras percebe-se uma evidente maturidade dos seres que foram criados, assim também o homem. Com isto queremos indicar que Deus não criou nenhum óvulo ou embrião, e sim o homem já adulto.*

Certo ensinador afirmou que Adão foi feito menino e cresceu no meio do jardim entre os animais. E um aluno lhe perguntou: “Quem deu de mamar à criança?”, sentindo-se constrangido com a explicação sem fundamento bíblico do tal “mestre”.

Para ter a capacidade reprodutiva, o homem foi feito com todas as suas potencialidades físicas e emocionais. Não foi criado como os seus descendentes. Adão e Eva foram apresentados um ao outro, como marido e mulher, formando um casal, visando a unir-se numa “só carne” (Gn 2.24), para gerarem filhos e perpetuarem a continuidade da raça humana.

Quanto à perfeição do homem criado, referimo-nos à sua imagem e semelhança com o Criador, o que lhe conferia, na condição original, uma verdadeira perfeição em relação a seus descendentes, após a Queda. Tal perfeição do ser criado põe por terra os pressupostos da teoria da evolução, de Charles Darwin.

O homem não evoluiu a partir de organismos inferiores e chegou ao estágio superior. Ao contrário, ele começou num estágio superior, mas, por causa do pecado, perdeu a sua condição privilegiada de um ser especial. Em lugar de evoluir, o homem passou por um processo de involução, espiritual, emocional e fisicamente, depois da Queda.

Uma síntese das idéias. Em resumo, a imagem de Deus, no homem, refere-se à imagem espiritual e moral, conforme a semelhança de Deus; e também à imagem natural, pelo fato de o homem ser uma pessoa, à semelhança de Deus, que também é Pessoa. Quanto ao corpo, foi feito por Deus para abrigar a parte espiritual do homem, formada por espírito e alma (cf. 1Ts 5.23; Hb 4.12).

Essa imagem de Deus foi corrompida pelo pecado. Mas, quando o homem se volta para o Criador e aceita a salvação, através de Jesus Cristo, torna-se “a imagem e glória de Deus” (1Co 11.7). Nascido de novo, o salvo é revestido “do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef 4.24).

O homem, nascido de novo, em Cristo, é “nova criatura” (2Co 5.17) e se torna participante “da natureza divina” (2Pe 1.4). Tal participação, no presente, é parcial, pois o homem está sujeito a fraquezas e ao pecado; mas, na glorificação, será restaurada a “semelhança” da “imagem de Deus”, pois “agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos” (1Jo 3.2).

Um dia, o homem será restaurado em sua perfeição original. Disse Paulo: “até que todos chegemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4.13). Na glorificação dos salvos, a expressão “à imagem e conforme a semelhança de Deus” será plenamente entendida, pois o ser humano, totalmente restaurado, elevar-se-á a um nível superior.

I - MACHO E FÊMEA

Essa distinção entre o homem e a mulher é de fundamental importância. Daí ter sido mencionada no texto que narra a criação do ser humano. É também a base para a reprovação de Deus ao homossexualismo, pois, se Ele quisesse que o homem ou a mulher mantivessem relações homossexuais, teria, decerto, feito — de modo simultâneo — um casal de homens e outro de mulheres.

Desde o princípio, Deus os fez “macho e fêmea” (Gn 1.27b). Afinal, a ordem para crescer e multiplicar-se sobre a Terra jamais poderia ter sido dada a dois seres de igual sexo!

Hoje, nos tempos pós-modernos, o homossexualismo vem sendo tolerado, aceito e até exaltado pela sociedade sem Deus. Isso é uma afronta escarnecedora ao Criador e seu plano para a procriação da espécie humana. Trata-se de um desrespeito ao relacionamento conjugal entre homem e mulher, que se complementam, em sua estrutura física, anatômica e emocional, visando, tanto à procriação em si, quanto ao legítimo prazer no âmbito do matrimônio.

No livro de Gênesis está a base da condenação ao homossexualismo, o que é mais explícito em outros textos das Escrituras, como em Levítico 18.22; 20.13; Deuteronômio 23.17. O princípio de Deus para união sexual entre homem e mulher, no âmbito do matrimônio, é o da heterossexualidade, fundada no amor e no afeto mútuo, visando à formação do lar, através do matrimônio (Hb. 13.4).

Abençoados para frutificar e encher a Terra. “E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra” (Gn 1.27). O plano de Deus para o homem incluiu sua frutificação e multiplicação da espécie por toda a Terra. Ele dotou o ser humano da capacidade reprodutiva, através da união sexual entre o homem e a mulher. E somente através dessa união, por meio do matrimônio, o homem cumpre o desígnio do Criador quanto à multiplicação dos seres humanos no planeta. Fora do casamento, pode haver nascimento de pessoas, mas também fora do plano divino.

Algumas seitas chegam a afirmar que, sem o pecado de Adão, seria impossível a multiplicação da espécie. Trata-se de uma exegese errônea, baseada em uma hermenêutica falsa, pois, mesmo antes da Queda, que só é registrada em Gênesis 3, já havia a ordem de Deus para que o homem procriasse.

O homem foi feito para ser dominador da natureza. “E Deus os abençoou e Deus lhes disse:... enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gn 1.27,28).

No *Comentário Beacon*, editado pela CPAD, lemos: *Uma das marcas da “imagem” de Deus foi Ele ter dado ao homem o “status” e o poder para agir como governante. A aptidão para governar implica em capacidade intelectual adequada para argumentar, organizar, planejar e avaliar. A aptidão para governar implica em capacidade emocional adequada para desejar o mais alto bem-estar dos súditos, apreciar e honrar o que é bom, verdadeiro e bonito, repugnar e repudiar o que é cruel, falso e feio, ter profunda preocupação pelo bem-estar de toda a natureza e amar a Deus que o criou. A aptidão para governar implica em capacidade volitiva adequada para escolher e fazer a toda hora o que é certo, obedecer ao mandamento de Deus indiscutivelmente e sem demora, entregar alegremente todos os poderes a Deus em adoração jovial e participar em uma comunhão saudável com a natureza e Deus.*

Sem dúvida, essa concepção ideal de governo, conferida ao homem, refere-se ao potencial que ele possuía, na condição original, antes da Queda. Na condição original, ele tinha totais condições para dominar a Terra e os seres irracionais. Certamente, tal poder lhe conferia autoridade para controlar o meio ambiente, sem destruí-lo, bem como para cuidar dos animais e se relacionar com eles sem medo ou pavor.

Hoje, como consequência da perda da autoridade original, as pessoas em geral têm medo de serpentes, de insetos, de feras e de outros seres.

II - A FORMAÇÃO DO HOMEM

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gn 2.7). Aqui não há, em relação ao homem, propriamente, uma sequência de fatos, mas uma explicação quanto à forma pela qual ele (Adão) foi criado e o método utilizado por Deus para a sua constituição espiritual e física.

Em lugar de apenas dizer: “Faça-se”, “produza”, o Senhor disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...” (Gn 1.26). No capítulo 2, é demonstrada a maneira pela qual Ele formou o ser masculino. Deus não fez um boneco de barro, ou de argila, como alguém, de modo infantil, acredita e até prega. Ele fez o homem “do pó da terra”, ou seja, das substâncias ou dos elementos químicos que existem no barro ou no pó da terra.

Do pó da terra. Os elementos químicos ou substâncias encontradas no corpo humano são todas encontradas no barro ou na argila. Dos 106 elementos químicos existentes na natureza e conhecidos pelos cientistas, 26 são encontrados no corpo humano. Assim, por um processo sobrenatural, Deus extraiu do barro os elementos químicos que formam o corpo humano, os combinou de forma especial e formou o homem do pó da terra.

Jó, numa percepção de valor científico concedida por Deus, assim se expressou: “Peço-te que te lembres de que, como barro, me formaste, e de que ao pó me farás tornar” (Jó 10.9). Ele sabia que o homem foi formado “como barro”, e não “de barro”.

Deus disse ao homem, após a Queda: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás” (Gn 3.19). O homem é “pó”, ou seja,

formado de substâncias que estão no pó da terra; e ao pó reverterá, quando o elemento espiritual (espírito+alma) dele se afastar, no processo da morte física.

A verdadeira ciência, desprovida de preconceito e soberba, confirma o relato bíblico da formação do ser masculino a partir das substâncias que existem no pó da terra. Em 1985, uma pesquisadora da NASA e professora da Universidade de San José, na Califórnia, apresentou resultados de pesquisa científica, demonstrando que a vida humana começou em estratos de argila: o caulim, que contém todos os elementos químicos necessários ao surgimento da vida.

Como a cientista acima não se trata de uma pessoa confessamente cristã, ou defensora do criacionismo, ela chegou a afirmar que suas declarações não tinham caráter religioso. No entanto, concluiu que essa seria a melhor hipótese para a origem da vida humana.

Mas, como os “tijolos” de aminoácidos poderiam se juntar ao acaso e criar formas complexas de vida? Diz a Palavra de Deus: “No princípio criou Deus os céus e a terra... E disse Deus: **Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; (...) E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou**” (Gn 1.1, 26, 27).

O fôlego da vida. Uma vez formado “do pó da terra”, o homem feito de substâncias materiais não tinha vida. Disse Tiago: “o corpo sem o espírito está morto” (Tg 2.26). Assim, Deus “soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (v.27). Aqui vemos uma distinção fundamental entre o homem e o animal. Quanto a este, Deus apenas disse: “Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis, e bestas-feras da terra conforme a sua espécie” (Gn 1.24).

Em relação ao homem, o Senhor disse “Façamos” e deu-lhe o sopro ou o fôlego da vida. Ele foi feito “alma vivente”, expressão que se aplica, tanto ao homem quanto aos animais, esclarecendo-se, no entanto, que aos animais Deus concedeu vida, mas não o fôlego da vida, concedido exclusivamente ao ser humano. Chafer afirmou: “Aquele sopro de Deus foi a outorga do espírito, que estava tão longe das outras formas de vida que estão no mundo da mesma forma em que Deus está distante de sua criação”.

O Jardim do Éden. Foi o primeiro habitat do homem. A palavra “jardim” é a tradução da palavra hebraica “gan”, que designa lugar fechado. A Septuaginta traduz o hebraico por “paraíso”,

“paradeison”, termo persa que significa um parque. Éden não é traduzido, mas transliterado para o nosso idioma. Basicamente, significa “prazer ou delícia”.

Os críticos da Bíblia veem no relato do Gênesis apenas uma alegoria ou relato mítico. Porém, a Palavra de Deus se impõe como verdade, como martelo divino, quebrando as bigornas da incredulidade. Diz o Livro Sagrado: “E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal” (Gn 2.8,9).

III - A FORMAÇÃO DA MULHER

Em Gênesis 2 encontramos a explicitação sobre a formação do homem e da mulher. Como vimos, “formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gn 2.7). Assim, o homem foi formado no sexto dia, a partir das substâncias existentes no pó da terra. Quanto à mulher, a sua formação se deu de modo diferente.

O Criador já concluíra, em sua sabedoria, que não seria bom para Adão viver na solidão, mesmo estando no Paraíso. Por isso, declarou: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele” (Gn 2.18). Diz a Palavra do Senhor: “Então, o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão” (Gn 2.21,22).

Vemos que a mulher foi formada a partir de uma das costelas do corpo do homem, extraída por Deus. Ao contemplar a nova habitante do Éden, Adão exclamou, em êxtase: “Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada” (Gn 2.23). Poder-se-ia dizer que o Senhor fez a primeira “clonagem” da história do homem, pois, com as células adultas da costela do homem, ele fez um outro ser.

No entanto, foi mais que uma clonagem. Neste processo científico, o ser “copiado” tem idênticas características do doador das células a serem transplantadas para o tal processo. O que Deus operou foi

a criação de um novo ser, semelhante ao primeiro, mas distinto, em sua estrutura emocional e física!

Os cétricos ironizam o relato da criação do homem, considerando-o uma fantasia, um mito ou uma história antiga sem conexão com a realidade. Porém, a Bíblia é a infalível Palavra de Deus e não contém invencionices humanas. O que ela diz é a verdade. Disse Jesus: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17).

A vida no Éden. Deus não pôs o homem no Jardim para ficar ocioso, para contemplar as belezas edênicas. O homem foi colocado ali para lavar e guardar (Gn 2.15). É interessante notar que o trabalho, a atividade da mente e do corpo, desde o princípio, foi dignificado por Deus. Havia trabalho, mas, em compensação, não havia doenças nem dor, tampouco morte. O pranto e a dor eram desconhecidos. A tristeza não existia. Tudo era belo, agradável e bom.

O casal, constituído nos primeiros habitantes humanos do planeta, se deliciava nas noites calmas e amenas do Paraíso. Não havia temor ou pavor da escuridão. O medo era desconhecido. O cenário noturno era tranquilizador. A brisa suave soprava no arvoredo, levando ao casal os odores perfumados das plantas silvestres. O firmamento, ao longe, pontilhado de estrelas brilhantes, nas noites, oferecia um espetáculo de rara beleza.

O mais importante, no entanto, acontecia em todas as tardes: “... Deus, que passeava no Jardim pela viração do dia...” (Gn 3.8a). O Criador, certamente, em todas as tardes, visitava o Éden, buscando passar bons momentos em agradável diálogo e conversa com o casal, e este sentia, assim, muita comunhão com aquEle. A presença do Criador enchia o primeiro lar de muita paz e de alegria indizível.

IV - A QUEDA DA HUMANIDADE

Muitas pessoas têm idéias falsas sobre o trágico acontecimento que envolveu o homem, no Paraíso. Há quem afirme que jamais houve tal fato, querendo insinuar que a narrativa bíblica sobre a Queda não passa de uma lenda. Lamentavelmente, entre esses incrédulos estão incluídos muitos que se dizem religiosos.

A Bíblia, a Palavra de Deus, a verdade (Jo 17.17), nos afirma que a harmonia do Paraíso foi transtornada quando o Diabo, um antigo querubim que se rebelou contra Deus, foi lançado à Terra. Certamente, por vingança, resolveu atacar a obra-prima da mão de Deus — o homem.

Sabemos que a causa eficiente para a Queda, no entanto, surgiu de uma atitude errônea do casal. A mulher, Eva, ao invés de honrar o acordo firmado com a voz de Deus, resolveu, usando o seu livre-arbítrio, dar ouvidos à voz do Inimigo, pecando contra o Senhor.

Idéias erradas quanto à Queda. Há algumas concepções errôneas quanto à tragédia em apreço:

1) Há quem afirme que o pecado do primeiro casal foi ter praticado a união sexual. Podemos afirmar, pela Bíblia, que essa afirmação não tem fundamento nas Escrituras. Para tanto, basta observar que, em Gênesis 2, Deus já planejara a existência do pai e da mãe, antes da Queda, o que só tem sentido quando se tem a idéia da geração de filhos (Gn 2.24).

O casal foi exortado por Deus a se multiplicar e a encher a Terra (Gn 1.28). Essa multiplicação, evidentemente, só poderia concretizar-se através da união sexual, mostrando o Senhor que o homem e a mulher seriam unidos em “uma só carne” (Gn 2.24). Desse modo, vemos, sem maior necessidade de argumentação, que o ato sexual nada teve a ver com a Queda. Tal ato, pelo contrario, constitui-se numa das maiores expressões do amor de Deus — quando realizado de acordo com a sua vontade: entre marido e mulher, unidos pelos laços do matrimônio.

2) Outra expressão errônea é: “A maçã proibida”. Isso apenas comprova a ignorância dos críticos gratuitos da Bíblia. Na Mesopotâmia, região onde se situava o Éden, entre os rios Tigre e Eufrates, sequer existem condições climatológicas para a produção de maçãs! A Bíblia nos informa o tipo de fruto produzido pela árvore da ciência do bem e do mal, que era, na realidade, uma árvore concreta, no meio de milhares que existiam no Jardim (Gn 3.3). Não temos dúvida de que esses elementos sejam reais — árvore e fruto —, mesmo que desconheçamos suas natureza e constituição.

A invencionice da “maçã proibida” é apenas uma dentre muitas demonstrações descabidas dos que querem diminuir o valor da Palavra de Deus. São aqueles que, em sua arrogância, se consideram doutores, mas sequer dão-se ao trabalho de examinar aquilo que combatem. Apesar dessas agressões infundadas e graciosas contra o Livro Sagrado, cumpre-se o que foi dito pelo profeta Isaías: “Seca-se a erva, caem as flores, mas a Palavra de Deus subsiste eternamente” (Is 40.8).

A verdade sobre a Queda. De acordo com a Bíblia, Deus pôs o homem no Éden para lavrá-lo e guardá-lo (Gn 2.25). Essa não era a única

finalidade, pois sabemos que a presença do homem na Terra tem o sentido de adoração e glorificação ao Criador. O Senhor ordenou ao homem que ele poderia comer de toda a árvore do Jardim, com exceção de uma, a árvore da ciência do bem e do mal, que era, na verdade, um meio de prova, posto por Ele para que Adão e Eva exercessem a sua liberdade de modo consciente.

Em sua bondade, Deus deu o direito e a liberdade de o homem apropriar-se de todos os frutos do Jardim, exceto dos produzidos pela árvore proibida. Mas o homem desprezou a bênção de Deus em cada árvore, em cada fruto, em cada folha — milhares de bênçãos —, e resolveu dar ouvidos à do Diabo. Este enganou a mulher, dando-lhe a entender que poderia desobedecer a Deus sem sofrer as consequências do pecado.

Sabemos que Eva foi enganada por sua própria concupiscência (Tg 1.14b). Satanás fez do amargo, doce; e do doce, amargo (cf. Is 5.20). E a mulher compartilhou o pecado com seu marido, e ambos caíram, perdendo a imagem e a semelhança originais do Criador.

Antes da Queda, o homem possuía uma estrutura físico-espiritual excepcional. Tinha conhecimento profundo de Deus; comunhão direta com o Criador; bênçãos da presença dEle no Jardim; paz, segurança e alegria, decorrentes do relacionamento direto, sem intermediários, com o Criador; conhecimento e bem-estar físico inigualáveis, sem doenças, distúrbios emocionais ou físicos; desconhecimento do medo; conhecimento interno e externo em relação à sua pessoa; conhecimento da realidade social e do trabalho, de modo útil e satisfatório (Gn 2.15).

As consequências da Queda. Após a Queda, houve um transtorno total na vida dos primeiros seres criados. Conheceram que estavam nus, dando a entender que, antes, não se constrangiam nessa condição; conheceram o medo; perderam a autoridade sobre a criação; conheceram a desarmonia; a mulher sofreu mudanças em sua parte física e emocional, passando a conhecer a dor de forma acentuada para procriar.

O homem, pois, conheceu a maldição da terra; o trabalho passou a ser penoso e fatigante; e o pior: perdeu a vida eterna, que lhe era assegurada, na condição original, e conheceu o aguilhão da morte: física (Gn 2.17; Ef 2.5) e espiritual, que significa separação de Deus.

V - A CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

Como vimos, o homem é diferente dos animais, pois, enquanto estes têm instinto e agem segundo essa condição, o homem tem

autoconsciência e autodeterminação, por ter pessoalidade; e, como tal, possui o que o irracional não tem: intelecto, vontade e emoções. Quanto aos animais, Deus disse: “produza a terra alma vivente”; quanto ao homem, Deus disse: “Façamos o homem”.

O método usado por Deus para criar o homem foi especial. Diz a Bíblia: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gn 2.7).

No texto acima, vemos dois aspectos:

A formação da parte física do homem. A parte física do homem veio “do pó da terra”. Não com o barro, em estado bruto, ou um boneco de barro. Mas, com os elementos químicos que se encontram no barro, ou na argila, Deus, de modo sobrenatural, formou cada parte do corpo humano, combinando-as de maneira jamais compreendida pela mente humana.

Hoje, a embriologia e o estudo da genética têm informações sobre a formação do ser humano no ventre da mãe, a partir da união dos gametas masculino e feminino. Mas jamais alcançou a formação do primeiro ser humano, que não foi gerado, e sim criado por Deus. Como Deus combinou os aminoácidos, as proteínas, os sais minerais e demais substâncias para compor o corpo humano é algo que transcende a qualquer especulação científica.

A formação da parte interior do ser humano. Isto é, a alma e o espírito. Diz a Palavra de Deus: “e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”. Como foi esse processo? Que fôlego foi esse? De que ele se constituiu, em sua plenitude? Dali surgiu a alma somente? Ou a alma e o espírito? São a mesma coisa, ou entes distintos? Como a alma se propaga?

Não é difícil entender como o corpo humano é gerado no ventre da mãe, sobretudo hoje, com os recursos da ultra-sonografia moderna. Mas, como a alma é gerada? Como ela se multiplica? E o espírito, difere da alma, ou é sinônimo dela? Como a alma entra no embrião?

Neste tópico, apenas desejamos refletir sobre essas questões, em submissão ao que está revelado nas Escrituras. E vamos meditar sobre a constituição do homem, segundo algumas concepções e à luz da Palavra de Deus. Há diversas correntes de pensamento quanto à constituição do homem. Algumas são indicadas a seguir.

Unitarianismo. Também chamado de monismo. É uma corrente doutrinária que ensina que o homem é um só todo, uma só parte, não havendo qualquer divisão em sua constituição; ou seja, não existe alma ou qualquer parte do ser humano que sobreviva à morte. Para os unitaristas ou monistas, o ser humano se constitui de uma unidade indivisível.

Eles não acreditam na existência da alma e do espírito, admitindo que essas expressões referem-se apenas a uma unidade psicofísica do ser humano. As palavras “carne” nos Antigo (hb. basar) e Novo Testamentos (gr. sarx), bem como “corpo” (gr. soma), referem-se ao “ser humano por inteiro, porque, nos tempos bíblicos, ele era considerado unificado”.

Dicotomismo. Essa doutrina ensina que só há dois elementos, ou partes constitutivas, do homem: a parte material e a imaterial. Baseiam-se no fato de os termos “alma” e “espírito”, às vezes, na Bíblia, serem sinônimos, ou intercambiáveis entre si. E sustenta sua opinião baseando-se em textos que lhes parecem indicar esse entendimento (cf. Jó 27.3).

Tricotomismo. Os chamados tricotomistas entendem que o homem é formado de três partes distintas: corpo, alma e espírito. Seu ensino honra as Escrituras e se harmoniza com elas, pois, de acordo com a Bíblia, o homem tem uma constituição tríplice, sendo formado de espírito, alma e corpo (1Ts 5.23). Reflitamos sobre cada uma dessas partes.

VI - O ESPÍRITO DO HOMEM

Ao soprar no homem o “fôlego de vida”, Deus o fez “alma vivente”, ou um ser que tem vida. Nesse sopro, o Criador infundiu, no interior do homem, sua parte espiritual. Por esse fôlego, ele adquiriu o princípio vital, que o anima.

O espírito é a parte imaterial do homem, que, juntamente com a alma, forma “o homem interior”. Disse Paulo: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (Rm 7.22). O apóstolo ensinava sobre a luta entre a carne, ou a natureza carnal do homem, e o espírito, que provém de Deus, e acentuava que o “homem interior” tinha prazer na lei de Deus.

Em outro versículo, lemos: “Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia” (2Co 4.16); neste texto, vemos o “homem exterior”, o corpo, e “o interior”, a parte imaterial do homem. Podemos dizer que esse “homem interior” é o conjunto espiritual, formado pela alma e pelo espírito (1Ts 5.23).

VII - A ALMA DO HOMEM

A palavra “alma”, no Antigo Testamento, é *nephesh*. No Novo Testamento é *psique*, que tem o sentido de “alma” e de “vida”; está ligada ao termo *psíquicos*, que tem o sentido de “pertencente a esta vida”. É a base das experiências conscientes. A alma pode ter três áreas de significados: “(a) *psyché*, no sentido da base impessoal da vida, a própria vida; (b) a parte interior do homem; (c) uma alma independente em contraste com o corpo”.

No sentido impessoal, a alma equivale à própria vida. No sentido de ser “parte interior do homem”, refere-se à sua personalidade, ou à pessoa (cf. 2Co 1.23). O texto de Levítico 17.10-15 dá uma diversidade de sentidos à palavra “alma”:

- 1) “contra aquela alma que comer sangue eu porei a minha face e a extirparei do seu povo” (v.10); aqui, “alma” significa a própria pessoa.
- 2) “Porque a alma da carne está no sangue...” (v.11); neste sentido, “alma” significa a vida do corpo, dos tecidos, que são alimentados pelo sangue.
- 3) “Nenhuma alma dentre vós comerá sangue...” (v.12); novamente, refere-se à pessoa.
- 4) “a alma de toda a carne; o seu sangue é pela sua alma”; aí vemos referência à vida de toda a carne, e que o sangue seria derramado pela vida do transgressor.

Tanto *nephesh* (hb.) como *psique* (gr.) indicam o princípio vital da vida humana, física ou animal. Quando Deus disse que o homem fora feito “alma vivente” e, em relação aos animais, que a terra produzisse “alma vivente”, usou a mesma expressão — hb. *nephesh chayyah*. No entanto, como vimos em item anterior, o homem é distinto do animal, por várias razões: autoconhecimento e autodeterminação, por exemplo. Assim, a alma do homem é profundamente diferente da alma do animal.

No Novo Testamento, vemos várias referências sobre o significado de alma. Jesus disse: “Quem quiser salvar a sua vida [psique],

perdê-la-á...” (Mc 8.35; cf. Mc 10.45; Mt 20.28). “Não estejais ansiosos quanto à vossa vida...” (Mt 6.25). Nesse sentido, “alma” se refere à vida.

Em sentido teológico, a alma é a sede das emoções e dos sentimentos. Jesus disse: “A minha alma está profundamente triste até a morte” (Mc 14.34). A alma se entristece. “É a parte sensível da vida do ego, a sede das emoções — do amor (Ct 1.7), do anseio (Sl 63.1) e da alegria (Sl 86.4)”.

O texto que melhor distingue alma de espírito é 1 Tessalonicenses 5.23: “e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. Aqui temos a palavra “alma” significando a parte interior do ser, distinta do espírito, porém, intrinsecamente a ele ligada, formando o “homem interior” (Rm 7.22).

A alma faz parte do “homem interior” do ser, unida ao espírito. Intrigantes questões têm sido formuladas sobre a origem da alma. A alma é introduzida no corpo? Ela é formada durante a concepção? A alma é preexistente? Há, basicamente, três teorias acerca da origem da alma, todas elas evocando fundamento bíblico.

Teoria da preexistência. É um dos fundamentos da doutrina espírita. Segundo essa idéia, as almas existem, em esferas diversas do mundo espiritual, e entram no corpo gerado, no processo chamado reencarnação. Para os defensores dessa doutrina, a alma peca, na vida presente, e, para se redimir, precisa purificar-se, voltando a se integrar num outro corpo humano, sucessivamente, durante inúmeras existências.

Antes mesmo de ser uma doutrina, codificada por Alan Kardec, principal expoente da doutrina espírita, a teoria da preexistência da alma teve o apoio de filósofos, como Platão e Filo, e de teólogos cristãos, como Orígenes de Alexandria (185 a 254).

Essa teoria tem origem no maniqueísmo, doutrina pela qual se ensinava que o espírito era puro, ao lado da alma, que já preexistia. Quanto ao corpo, seria intrinsecamente mau, bem como a matéria à sua volta. Tal teoria não tem qualquer fundamento bíblico, pelas seguintes razões:

- 1) O homem foi feito alma vivente somente após o sopro de Deus, no momento inicial da criação do primeiro ser humano, na face da Terra; antes de Adão, não há qualquer indicação, nas Escrituras, da existência

de almas, guardadas numa espécie de “celeiro de almas”, num lugar, nos planetas, como entendem os espíritas.

- 2) Os maus atos e a depravação do homem são decorrentes de uma causa primária: o pecado de Adão, que passou a todos os homens (Rm 5.12). A consequência, pois, é pessoal, individual e responsável; é de cada pessoa que peca, em sua existência atual, e não de pretensas existências anteriores ao seu nascimento;
- 3) Deus fez o homem, incluindo sua parte imaterial (espírito+alma) “e viu Deus que tudo que tinha feito era muito bom” (Gn 1,31).

Teoria criacionista. Trata-se de uma teoria segundo a qual Deus “faz as almas diariamente”, conforme ensinava Aristóteles. Polano dizia que “Deus sopra a alma nos meninos quarenta dias após a concepção, e nas meninas oitenta” (sic); Jerônimo e Pelágio também acatavam esse entendimento, bem como a Igreja Católica Romana e os teólogos reformados, a exemplo de Calvino. Segundo Strong, Lutero se inclinava para o traducionismo.

Para Strong, os criacionistas se baseiam nos seguintes textos bíblicos: “e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ec 12.7); “palavra do Senhor... e que forma o espírito do homem dentro dele” (Zc 12.1); “... e as almas que eu fiz” (Is 57.16). Mas a Bíblia não dá respaldo a essa teoria.

Teoria participativa. Leite Filho afirmou:

Quando se afirma que a alma é criada, é necessário fazer algumas distinções: a criação é uma produção do nada; a alma é produzida na matéria e não da matéria; a produção da alma necessita de uma realidade criada já existente; a ação divina não tem como objetivo uma alma separada e sim o homem completo

De fato, o homem, desde a fecundação, não é “um aglomerado de células”, como dizem os cientistas ateus e materialistas. É um ser completo, composto de espírito, alma e corpo.

Toda nova pessoa humana é fruto da ação imediata de Deus e da dos pais: Deus e os pais produzem o sujeito inteiro, mas os pais podem produzi-lo somente enquanto é um ser material vivo, isto é, tem um corpo, e Deus o produz imediatamente enquanto é um ser pessoa, isto é, tem uma alma.

VIII - O CORPO HUMANO

Na visão tricotômica do ser humano, o corpo tem papel importantíssimo. É através dele que a alma se comunica com o mundo exterior. É no rosto que aparecem as expressões de alegria, tristeza, ira, sono, calma, entusiasmo, rancor, mágoa e tantos outros sentimentos próprios da natureza humana. Diz a Bíblia: “o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem” (Pv 27.19).

Graças à ciência, hoje podemos conhecer o corpo humano melhor do que qualquer pessoa do passado, inclusive as que tenham vivido no tempo em que a Bíblia foi escrita. Nos dias atuais, podemos conhecer melhor a grandeza, a perfeição (relativa) e o maravilhoso funcionamento do corpo humano, como obra-prima das mãos de Deus, o Criador maravilhoso e absoluto de todas as coisas.

A dimensão material do corpo. Em Salmos 139.13-16, Davi exclamou, diante da formação e do desenvolvimento do corpo desde o ventre:

Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe, e no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas havia.

Que maravilhosa declaração e quão diferente da teoria da evolução, que assevera: As origens da vida, do corpo, do homem e da inteligência ocorreram pelo “acaso” cego e sem propósito algum. Apresentaremos a seguir algumas informações sobre o corpo humano, a fim de que sintamos melhor a grandeza da obra criadora de Deus, ao fazer o homem das substâncias que há no pó da terra e lhe dar a vida, tornando-o sua imagem e semelhança.

Organização do corpo humano. O esqueleto humano constitui o arcabouço que sustenta os músculos, “protege os órgãos internos e permite uma grande variedade de movimentos”. É formado por 206 ossos e corresponde a 1/5 do peso total. Há 216 tecidos no corpo humano.

O cérebro humano “corresponde a 2% do peso de um adulto médio, mas é responsável por 20% do consumo de oxigênio desse indivíduo... o cérebro tem um trilhão de células nervosas” e seus “sinais

trafegam ao longo dos nervos até um máximo de 360 km/h: uma mensagem enviada da cabeça para o pé chega em 1/50 de segundo... o cérebro de um homem pesa 1,4 kg; o cérebro de uma mulher pesa 1,25 kg”.

Há no corpo humano glândulas, grupos de células que produzem hormônios ou substâncias que regulam o funcionamento do corpo. O ser humano produz duzentos hormônios diferentes. O seu sistema imunológico é tão especial, que um só linfócito produz um milhão de anticorpos por hora.

De acordo com a *Enciclopédia Seleções*, “uma pessoa tem 2,5 milhões de glândulas sudoríparas; (...) o nariz humano tem 50 milhões de células receptoras, o que permite identificar os odores variados”. Esses são apenas alguns aspectos da formação e estrutura do corpo humano.

Somente uma criação especial, por um Ser supremo e inteligente, poderia conceber, estruturar e dar vida a um sistema tão especial quanto o corpo humano. Mais uma vez temos a expressão de Davi: “Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado” (Sl 139.14a).

Maravilha da procriação. Cada mês, num dos ovários da mulher, um óvulo se desenvolve e cresce. Com um milésimo de milímetro de diâmetro, é lançado numa das trompas de falópio; o óvulo é lançado em direção ao útero. Encontrando-se com um espermatozóide, que o penetre, será fecundado. Numa relação sexual, o órgão masculino lança cerca de duzentos a trezentos milhões de espermatozóides. Um só penetra no óvulo!

O seu núcleo se funde como núcleo do óvulo, cada um com 23 cromossomos, formando o ovo ou zigoto, que passa a ter 46 cromossomos. Naquele momento, já estão devidamente programadas, pela molécula do DNA (ácido desoxirribonucléico), todas as características genéticas individuais do novo ser humano.

Dentro de poucas horas, o zigoto começa a se dividir em duas, quatro, oito, dezesseis, 32, 64 células, e assim por diante. Essa divisão celular começa a ocorrer, ainda, na trompa, mesmo antes de chegar ao útero. Chegando ao útero, o embrião, na forma de blastocisto se implanta no útero. Começa a gravidez.

É a formação de um novo ser humano, e não apenas de “um amontoado de células”, como entendem os cientistas materialistas. Nos seus primeiros dias, as células que formam o embrião chamam-se células-

tronco embrionárias. Conforme registra Lima, elas se formam, após a fusão dos gametas masculino e feminino (espermatozóide e óvulo), quando surge um aglomerado de células.

Após quatro dias, esse grupo de células começa a formar uma estrutura esférica, chamada blástula, apresentando duas partes, uma interna e outra externa. A parte externa formará a placenta, e a interna, o embrião. É na parte interna que estão as células capazes de gerar todas as células do organismo de um indivíduo. Dentro de cinco dias, o embrião forma a blástula ou blastocisto, com aproximadamente cem células. As células internas do blastócito são as que ensejam maior interesse dos pesquisadores, por poderem transforma-se em todos os tecidos do corpo humano, por serem ainda indiferenciadas.

Os cientistas materialistas já fazem uso das células-tronco embrionárias na pesquisa, visando a obter a cura de doenças degenerativas, como mal de Alzheimer, mal de Parkinson, diabetes, câncer e outros. No entanto, com base na Palavra de Deus, entendemos que isso afronta a sacralidade da vida, pois o embrião é um novo ser humano, programado pelas leis da biologia, para se desenvolver com sua individualidade. (Leia o nosso livro *Células-tronco, uma Visão Ética e Cristã*, editado pela CPAD). Destruir embriões ou praticar o aborto é um crime gravíssimo, que deveria ser considerado hediondo.

Prosseguindo com a viagem do embrião, vemos que, com quatro semanas, o coração começa a bater, com apenas cinco milímetros de comprimento; com seis semanas, o embrião obtém toda a sua nutrição e oxigênio da placenta e do cordão umbilical; com oito semanas, agora denominado feto, mede 2,5 centímetros, e seus membros são identificáveis. Começa a se mexer, mas a mãe não sente.

Com doze semanas, os principais órgãos internos aparecem... com 22 semanas, todos os sistemas do corpo já estão estabelecidos. Se nascer prematuramente, o bebê pode sobreviver com auxílio médico; com 38 semanas, o bebê já está completamente formado, com sua cabeça encaixada (posicionada para baixo com a face voltada para a pélvis), pronto para nascer.

Diante disso, só a Bíblia pode expressar a grandeza da criação do homem (*Sf 139.13-16*).

Desenvolvimento e morte do corpo. Todo ser vivo, incluindo o homem, nasce, cresce, desenvolve-se e morre. Essa é uma lei que só admite exceção para aqueles que, na Segunda Vinda de Jesus, estiverem

vivos, no momento do Arrebatamento da Igreja. Afora essa exceção, “aos homens está ordenado morrerem uma vez” (Hb 10.27).

Em seu desenvolvimento, o homem passa pela infância, adolescência, juventude e idade adulta. Em cada uma dessas fases, seu desenvolvimento físico depende de alimentação, repouso, movimento, relacionamento humano e espiritual. A velhice é a fase do declínio das energias físicas e mentais. Depois, vem a morte.

Para os que têm a salvação em Cristo Jesus, a velhice é uma fase de gratidão e esperança quanto ao porvir. Para os que não têm a certeza da vida eterna, a velhice é vista como o fim da vida, sem qualquer esperança de uma vida melhor.

A morte — que pode ser física ou espiritual — é um fato que assusta a maioria das pessoas. Talvez porque o homem não foi programado, originalmente, para morrer. Ela entrou no mundo como consequência do pecado, do rompimento com Deus. Só a salvação em Cristo pode reverter a inclinação para a morte espiritual, que é a separação eterna de Deus.

Já existem pessoas que esperam reverter a realidade da morte física através da ciência. Em países ricos, como os Estados Unidos, algumas pessoas já contrataram os serviços de empresas que se propõem a preservar o corpo, congelando-o a -196 graus negativos, a fim de que, um dia, se a ciência descobrir uma solução para o envelhecimento, e para a morte, seus donos possam ser reanimados. É a chamada criobiologia — biologia do congelamento da vida.

A técnica utilizada chama-se hibernação. Nesse processo, o sangue do morto é retirado, substituído por um líquido anticongelante e colocado num cilindro de aço, num estado de suspensão criônica. Espera-se que, alguns séculos mais tarde, a ciência descubra como fazer a “ressurreição tecnológica”. É o homem mortal desejando a vida eterna por meios errados. Mas há cientistas sérios que afirmam ser perda de dinheiro congelar pessoas.

De fato, a lei da morte é inexorável. É consequência do pecado. Deus disse, no Éden, ao primeiro casal: “E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.16,17).

IX - A DIMENSÃO ESPIRITUAL DO CORPO

Corpo do pecado (Rm 6.6). Nesta passagem, Paulo afirmou que uma vez que somos novas criaturas, devemos saber “que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado”. A expressão: “corpo do pecado” refere-se ao “velho homem”, que, antes de ser transformado por Deus, pela aceitação de Cristo como Salvador, vivia usando o corpo como instrumento para o pecado. (Rm 6.12-14)

Homem exterior (2Co 4.16). Disse Paulo: “Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia”. Aqui, o apóstolo, ensinando sobre a ressurreição (2Co 4.14), acrescenta que não devemos desfalecer diante das lutas que passamos nesta vida, pois, mesmo que o “homem exterior” — o corpo — se corrompa, envelheça e venha até a morrer, contudo o “homem interior” (espírito+alma), renova-se continuamente.

Casa terrestre (2Co 5.1). Certamente, o apóstolo Paulo se referiu à temporalidade do corpo, em sua constituição física, como invólucro do espírito. De acordo com a Palavra de Deus, o destino do salvo é habitar nos céus, com Jesus, num corpo transformado, semelhante ao seu, quando ressuscitado (cf. Fp 3.21). O corpo celestial que nos será dado por Deus será a “nossa habitação, que é do céu” (2Co 5.2). No entanto, enquanto estivermos aqui, não poderemos ter essa condição.

O “homem interior” não pode apresentar-se diante dos olhos humanos. Assim, precisa dessa “casa terrestre”, que é o corpo humano, com seus órgãos, tecidos e seus sentidos físicos. É casa temporária, morada passageira, visto que somos, na Terra, “peregrinos e forasteiros” (2Pe 2.11).

Corpo desta morte (Rm 7.24). Ensinando sobre a luta entre a carne (natureza pecaminosa) e o espírito, o apóstolo Paulo, de forma eloquente, disse:

Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?

Paulo se referia ao fato de o pecado utilizar-se dos membros do corpo para praticar a iniquidade e a desobediência contra Deus, o que equivale a experimentar a morte espiritual (Ef 2.1).

Corpo abatido (Fp 3.21). Numa visão escatológica, Paulo estimula os Filipenses a viver a fé com perseverança e alerta-os contra os “inimigos da cruz de Cristo” (v.10). E, numa palavra de conforto e esperança, lhes assegura:

Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas.

O corpo abatido é o corpo em sua condição humana, sujeito às doenças, à fraqueza, ao envelhecimento e à morte. Mas a promessa para os salvos é a de que, se permanecermos fiéis, um dia Deus nos ressuscitará, num corpo glorioso, semelhante ao de Jesus — Ele, ao ressuscitar, foi capaz de atravessar as paredes e vencer todas as forças da natureza. Assim será o corpo do salvo após a ressurreição ou o Arrebatamento da Igreja (1Co 15.42,43).

Templo do Espírito Santo (1Co 6.19,20). Mais uma vez, mostrando aos crentes que Jesus ressuscitou e nos ressuscitará, o apóstolo Paulo alerta os cristãos para não darem lugar ao pecado, visto que os nossos membros, do corpo físico, são, na verdade, “membros de Cristo”; e indaga, de modo incisivo:

Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.

Essa é uma exortação de alto significado espiritual, pois demonstra que o corpo físico tem elevado valor espiritual para Deus. Não é, como alguns pensam, que Deus só se interessa pelo espírito e pela alma (homem interior). Na realidade, Deus quer, pela salvação, alcançar o homem em sua tríplice constituição: espírito, alma e corpo. E isso é corroborado, como vimos, em 1 Tessalonicenses 5.23. Esta passagem não deixa dúvidas quanto ao valor espiritual do homem, incluindo o seu corpo, que também deve ser conservado irrepreensível para a Segunda Vinda.

X - TEORIAS ERRÔNEAS SOBRE A ORIGEM DO HOMEM

Os evolucionistas acreditam com toda a fé — à semelhança de um fervoroso fiel de uma religião fundamentalista — que a vida surgiu da matéria inanimada. E por acaso! No século passado, o professor A.I. Oparim publicou um trabalho científico, denominado A Origem da Vida, em que usou a metáfora da “sopa química” para explicar a origem da vida

orgânica. Segundo ele, os compostos químicos simples, orgânicos, se juntaram, aleatoriamente, e constituíram compostos complexos. É a fé científica.

Vejamos o que diz um estudo sobre o tema: *Eles imaginam que no decorrer de junções químicas aleatórias, moléculas simples se combinaram transformando-se em compostos orgânicos complexos, os quais eventualmente se integraram e se transformaram em organismos auto-reprodutivos. Este cenário vem sendo apresentado como a indiscutível verdade sobre a origem da vida em toda a aula de ciência ao redor do mundo — em escolas primárias, secundárias, faculdades e universidades. O rádio, televisão e as publicações de divulgação científica reforçam essas mensagens.*

Não há nada científico que comprove que houve essa “sopa química”, em que os elementos simples, como hidrocarbonos e outros, se combinassem aleatoriamente e formassem elementos compostos, que dariam lugar ao aparecimento da vida orgânica. É pura fantasia científica.

Experiências em laboratório tentaram reproduzir o cenário inicial da vida, a partir da matéria inanimada, e não houve sucesso. Mais uma vez a Bíblia tem a resposta: “No princípio criou Deus os céus e a terra... E disse Deus: façamos o homem à nossa imagem e semelhança”. Não há nada mais lógico do que aceitar o fato de que os elementos químicos compostos, que têm um arranjo extraordinário em organização celular, tenham sido fruto da ação de um Projetista Inteligente — Deus, o autor da vida.

Teoria dos caracteres adquiridos. Em meados do século XIX, o cientista francês Jean Baptiste de Lamarck publicou um trabalho denominado Filosofia Zoológica, pelo qual defendeu a teoria dos caracteres adquiridos. Por meio de estudos, procurou demonstrar a mutabilidade das espécies; que os tais caracteres seriam resultado do esforço dos seres vivos por sua sobrevivência; e que as necessidades dos seus organismos é que faziam surgir os caracteres. Um exemplo marcante era o da girafa.

As girafas, a princípio — segundo essa teoria —, tinham pescoço curto. Mas, quando escasseou a vegetação mais baixa de que se alimentavam, elas tiveram que buscar alimentos nas árvores, com galhos mais altos. Assim, de tanto esticarem o pescoço, foram adquirindo um pescoço mais longo e transmitindo essa característica para seus descendentes.

A teoria foi aceita durante muito tempo, mas, no fim do século XIX, August Weismann, cientista alemão, fez experimentos com

ratos, cortando seus rabos, antes de se acasalarem, durante cerca de 20 gerações sucessivas. Ele constatou que as últimas gerações de ratos de rabos cortados produziam filhos com rabos até mais compridos que seus pais! Assim, ficou constatado que os caracteres adquiridos não passavam de geração a geração, haja vista os fatores externos não poderem afetar os genes, influenciando as próximas gerações.

Portanto, a hereditariedade depende dos genes nas células reprodutivas e permanece inalterada em toda a vida do ser vivo. A teoria de Lamarck foi uma das mais influentes, visando a desacreditar a Palavra de Deus quanto à origem das espécies.

Teoria da evolução. A teoria da evolução foi apresentada ao mundo, com grande impacto, por meio dos estudos científicos de Charles Robert Darwin (1809-1882). Tendo estudado medicina, na Universidade de Edimburgo, dedicou-se com mais afinco aos estudos naturalistas. Em 1831, embarcou no navio H.M.S. Beagle, pelo qual fez uma viagem de estudos ao redor do mundo. Chegando ao arquipélago de Galápagos — a oeste do Equador —, aperfeiçoou as suas idéias acerca da evolução das espécies.

Em 1859, Darwin publicou *A Origem das Espécies*. Sua teoria, que não se sustenta em bases empíricas, é muito aceita, por vários motivos. Um deles é o preconceito arraigado na mente dos cientistas materialistas e de formadores de opinião contra a idéia da criação sobrenatural.

Certo articulista, de uma revista publicada no Brasil, afirmou: “Quatro em cada dez americanos rejeitam as teorias evolucionistas de Charles Darwin. Eles rejeitam a ciência em um assunto científico, preferindo aceitar a tese bíblica de que Deus criou todos os seres vivos. Isso é treva”. O Diabo realmente cegou os entendimentos dos incrédulos (2Co 4.4).

A teoria da evolução e a seleção natural. De acordo com Darwin, as espécies semelhantes, bem como as diferentes espécies, competem entre si, na luta pela sobrevivência. Nessa competição, vão surgindo variações, de tal forma que os elementos mais fortes eliminam ou suplantam os mais fracos. Darwin chama essa suposta luta de seleção natural.

Uma vez que os indivíduos de uma mesma espécie variam entre si, os indivíduos com certas características que lhes trazem vantagens para conseguir alimento ou para escapar de predadores, por exemplo, terão maior probabilidade de sobrevivência.

Para Darwin, é a natureza que se encarrega dessa seleção dos membros das espécies mais aptos para enfrentar a luta pela vida. Ele se baseia na teoria de Herbert Spencer (século XIX), que qualificou esse processo como “a sobrevivência do mais apto”.

Os evolucionistas crêem que, desde que o primeiro organismo vivo, unicelular, apareceu na Terra, há cerca de 3,5 ou 4,5 bilhões de anos, esse é o processo que cria novas espécies. Darwin concluiu isso apenas por observações, visto que jamais se pode ter idéia de como a vida começou, com toda a sua complexidade, a não ser que se admita o projeto inteligente, teoria em voga nos Estados Unidos, que admite a existência de Deus, o Projetista Inteligente — Intelligent Designer.

Vejamos o que a Palavra de Deus afirma, em Gênesis 1.11,20,21,24,26,27.

Essa é a única e mais lógica explicação para a origem da vida. Deu-se a partir de um Ser pessoal, inteligente, o Deus Todo-poderoso. Apegar-se à teoria da evolução é o mesmo que acreditar que um monte de alumínio, ferro, plástico, fios e tinta pudessem explodir, e, ao acaso, formar um avião Boeing 747. Ou que materiais de construção, como tijolo, barro, areia, ferro e outros, de repente, se agregassem e formassem uma casa. Na realidade, a única coisa que a teoria de Darwin poderia explicar seria a “teoria da extinção de espécies”, e nunca da evolução biológica.

As “novas” espécies. A Bíblia afirma que Deus criou os seres vivos, cada um conforme a sua espécie (Gn 1.12, 21, 24, 25; 6.20); ou seja, cada espécie é única, ainda que possa sofrer variações, mas nunca uma espécie pode se transformar em outras. Contrariando a fixidez das espécies, como a Bíblia nos apresenta, Darwin afirma que os membros sobreviventes da competição pela vida transmitem as variações a seus descendentes, de modo lento, gradual, durante longos períodos.

Tal afirmação é contestada por cientistas abalizados, pois jamais ninguém pôde acompanhar o desenvolvimento das variações em períodos tão longos (milhões e milhões de anos). As observações de Darwin não chegaram a mais de trinta anos.

Entretanto, a idéia da transmissão de características ou variações tem sido aceita como se fosse ciência. Na verdade, não passa de especulação. A família dos gatos pode ter várias espécies de felinos. Mas serão sempre gatos. Os membros de uma família podem sofrer variações ou micro-evoluções. O que não ocorre, na verdade, é a chamada macro-evolução, que é a defendida por Darwin, a qual pressupõe as mutações,

que resultariam em novas espécies. E isso ocorreria através do processo da hereditariedade.

A família dos cães permanece formada por cães, sejam vivos, sejam fossilizados, mesmo havendo grande variedade, como cães domésticos, lobos, chacais, raposas, etc. Em suas variações, há animais grandes, médios e pequenos. E permanecem assim, conforme o relato do Gênesis, “cada um conforme sua espécie”. Uma espécie de planta jamais se transforma em outra. Uma ameba permanece sempre ameba; uma mosca será sempre mosca.

Não há qualquer evidência empírica (experimental) que comprove a existência de formas transitórias entre as espécies, ou dos “elos perdidos”, “e menos ainda entre gêneros, famílias e categorias mais elevadas”. Todas as evidências confirmam a fixidez das espécies, conforme o relato do Gênesis. “E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis, e bestas-feras da terra conforme a sua espécie. E assim foi” (Gn 1.24).

O acaso e o tempo — criadores da vida? A mais absurda afirmação, no bojo da teoria da evolução, é a de que a vida surgiu por acaso, antecedida do aparecimento da matéria inanimada, por geração espontânea (abiogênese). Acontece que nem Darwin, nem seus discípulos, jamais escreveram uma linha sequer sobre a origem da matéria, ou como ela veio a aparecer.

Acreditar que os complexos organismos dos animais, das plantas e do homem puderam surgir e evoluir por acaso é o mesmo que acreditar que as letras do alfabeto, jogadas ao acaso, podem produzir um dicionário! Nem mesmo uma pequena frase pode surgir por acaso. No entanto, os “crentes”, como verdadeiros adoradores de Darwin, acreditam que a vida na terra, com toda a sua complexidade, surgiu de um organismo unicelular e evoluiu até formar o homem! Na verdade, há mais fé num evolucionista do que no mais fanático crente pentecostal ou num fundamentalista islâmico.

Como surgiu a vida?

Há trinta anos, os químicos Stanley Miller e Harold Urey, da Universidade de Chicago, julgaram ter encontrado parte da resposta. Eles misturaram em um frasco lacrado amostras de hidrogênio, gás metano, amônia e vapor d'água — componentes que, acreditavam, formavam a atmosfera primitiva do planeta. Através de um eletrodo, os químicos dispararam faíscas dentro do frasco, simulando a ação de relâmpagos.

Depois de uma semana, obtiveram um líquido rico em aminoácidos. Não havia, contudo, sinais de DNA. Os seguidores de Miller e Urey vêm tentando, sem sucesso, montar os "tijolos".

A Bíblia continua a desafiar os materialistas a encontrarem as respostas que ela já deu sobre a origem da vida: "... pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas" (At 17.25). Porém, em sua presunção contra Deus, querem até "fabricar" a vida, tentando imitar a atmosfera primitiva do planeta. Certamente, assim como Darwin, vão gastar muitos milhões de dinheiro em vão.

As mutações. A teoria da evolução teve uma ajuda considerável, em 1901. O botânico holandês Hugo de Vries observou que algumas plantas, com características incomuns, transmitiam essas características a suas descendentes. Vries concluiu que as grandes mutações, resultantes das variações ao longo dos tempos, explicariam a evolução.

Outros cientistas já entendiam que as mutações seriam repentinas. Tais idéias favoreceriam a evolução, no sentido de que das variações e mutações resultariam novas espécies. Mesmo assim, houve oposição de cientistas a essa teoria.

O cientista Rostand levantou objeções quanto ao papel das mutações:

As mutações que conhecemos e que são consideradas pela criação do mundo vivo, são, em geral, quer privações orgânicas, deficiências (perda de pigmento), perda dum apêndice, quer a duplicação de órgãos já existentes. Em qualquer caso, nunca produziram nada de realmente novo nem original na disposição orgânica, nada que se possa considerar como base para um novo órgão ou como preparação para uma nova função...

Não posso persuadir-me a pensar que o olho, o ouvido, o cérebro humano tenham sido formados deste modo... Não vejo nada que me dê o direito de conceber as profundas alterações estruturais, as fantásticas metamorfoses, que teríamos de imaginar na história evolucionista, quando pensamos na transição dos invertebrados para os vertebrados, dos peixes para os batráquios, dos batráquios para os répteis, dos répteis para os mamíferos.

Mutação é "uma modificação estrutural real em um gene, de tal modo que algo novo é produzido, e não apenas uma readaptação de algo que já existisse ali. De certa forma, o encadeamento de um segmento

da molécula de DNA é mudado, de forma que 'informações' diferentes são transmitidas através do código genético, na formação da estrutura descendente... O fenômeno da mutação, portanto, é um componente de maior importância do modelo evolucionista".

No entanto, segundo a própria teoria da evolução, as mutações ocorrem ao acaso, e não de forma dirigida. Isso não é ciência. O acaso — como provam a matemática e a estatística avançada — não produz nada de organizado, que funcione e se repita segundo as leis estabelecidas.

Einstein declarou: "Deus não joga dados". Vejamos o que disse um estudioso das mutações:

Porém, descobriu-se que as mutações são de natureza casual, no que tange à sua utilidade. De acordo com isto, a grande maioria das mutações, certamente bem mais de 99%, são prejudiciais de alguma forma, como é de se esperar em relação aos efeitos de ocorrências acidentais.

XI - A VERDADEIRA CIÊNCIA

A verdadeira ciência, desprovida de preconceito, soberba e academicismo, não comprova a — apenas — teoria da evolução. Cientistas modernos a têm rechaçado.

Um novo livro, "Evolutionary Theory", organizado pelo ictiologista Donn Rosen, do Museu Americano de História natural, acusa o naturalista inglês de ter sido leviano ao colocar de pé sua teoria da evolução. Rosen diz que Darwin — o primeiro a afirmar categoricamente que os organismos vivos partilham ancestrais comuns e se modificam ao longo dos tempos, formando novas espécies — errou ao não prever que novos tipos de seres vivos, serão criados pela evolução doravante.

O ictiologista, estudioso dos peixes, chega a comparar o pensamento de Darwin ao dos criacionistas — grupo de religiosos que acreditam terem sido as plantas e os animais criados por Deus há milhares de anos, exatamente como se apresentam agora. Como ele não diz como a evolução opera, suas mutações nem se refere a seus resultados futuros, é impossível tentar provar que a teoria está incorreta, lamenta Rosen.

Não há o que lamentar. Darwin errou mesmo ao levantar uma teoria com base em observações jamais comprovadas empiricamente. Em outras palavras, a teoria da evolução é uma crença, um arranjo de fé — fé na ciência, no acaso, no tempo. Não é ciência.

Na verdade, o evolucionismo é apenas uma teoria, fundada em hipóteses não confirmadas, na opinião de cientistas abalizados, alguns que sequer defendem o criacionismo ou crêem em Deus.

A matemática desmente o evolucionismo. Carl Sagan, famoso astrônomo, conhecido no mundo inteiro, calculou que a possibilidade de o homem ter evoluído é de aproximadamente um em 102.000.000.000; ou seja, um número com dois bilhões de zeros à direita, que poderia ser escrito em cerca de vinte mil livros! Segundo a Lei de Borel, isso indica não haver probabilidade alguma.

Ainda que a probabilidade fosse apenas de um em 101.000, a probabilidade de o homem ter evoluído ao acaso contraria a Lei de Borel, que define a probabilidade máxima de um evento ocorrer em um em 1050.

Assim, a evolução ao acaso jamais poderia realizar-se conforme os dados científicos citados acima. Não se trata de ensino religioso, fundamentado na subjetividade da fé. É dado científico; ciência exata.

Os cientistas entendem que uma chance em 1015 de impossibilidade virtual. Desse modo, como podem crer em algo que tem muito menos do que uma chance em 101.000? Afinal, quão pequena é uma chance em 101.000? Ela é muito pequena — uma chance em 1012 é apenas uma chance em um trilhão.

Podemos medir também o tamanho de um em 101.000 (um número com mil zeros), considerando o número-teste 10171.

Quão grande é esse número? Primeiro, considere que o número de átomos no ponto final desta frase seja de aproximadamente três mil trilhões... Todavia, uma possibilidade em 10171 não arranha sequer a superfície de uma possibilidade em 101.000 — a probabilidade de que a vida pudesse supostamente evoluir. Perguntamos de novo: Quem pode crer em algo cujas chances são de uma em 101.000 até uma em 202.000.000.000?

Os dados estatísticos — que são ciência, e não artigo de fé — demonstram que a possibilidade de a vida orgânica ter surgido de matéria inanimada, e evoluído, é tão improvável, que chega a ser considerada impossibilidade absoluta. Mas é sobre essa improbabilidade que se assenta a premissa da teoria da evolução.

Por conseguinte, o relato bíblico para a origem da vida tem de longe muito mais consistência, pois não só admite, mas afirma que, “No princípio”, nos dias da criação, Deus fez surgir as plantas, os animais e

criou o homem a partir das substâncias da argila e deu vida ao novo ser criado.

A Física desmente a teoria da evolução. A primeira lei da termodinâmica desmente o evolucionismo, segundo o qual, as coisas estariam evoluindo, e novas espécies, sendo criadas, ao longo do tempo.

Morris declarou:

O princípio básico da ciência física é o da conservação e deterioração da energia. A lei da conservação da energia afirma que, em qualquer transformação de energia, em um sistema fechado qualquer, o total da quantidade de energia permanece inalterado. Lei semelhante é a lei da conservação da massa, a qual estabelece que embora a matéria se altere quanto à forma, tamanho, estado, etc., a massa toda não pode ser alterada. Em outras palavras, essas leis ensinam que nenhuma criatura ou destruição da matéria ou energia está sendo atualmente realizada em qualquer parte do universo físico.

Nada está evoluindo biologicamente. Nenhuma matéria nova está sendo criada.

A segunda lei da termodinâmica também contraria a teoria da evolução. É a chamada lei da deterioração da energia. Conforme essa lei, “embora a quantidade total de energia permaneça inalterada, a quantidade de utilidade e disponibilidade, possuída pela energia, vai diminuindo sempre”.

Essa lei também é chamada de lei da entropia. Assim, ao contrário do darwinismo, que diz que os sistemas mais simples evoluíram e evoluem para sistemas mais complexos e aperfeiçoados, a lei da entropia afirma que os sistemas organizados tendem a se deteriorar, e não a evoluir.

Sem que haja uma força externa, jamais algo organizado evoluirá, ou mesmo poderá permanecer em seu estado original. Uma máquina, por mais perfeita que seja, se colocada em movimento, envelhecerá; sem uso, também sofrerá alterações negativas. O tempo, que é tão invocado pelos evolucionistas como fator essencial à evolução, é, na verdade, destrutivo, e não construtivo!

Assim, jamais a matéria inanimada poderia produzir um ser vivo. Só admitindo a existência de um Projetista Inteligente, que é Deus, pode-se entender a origem de todas as coisas, animadas e inanimadas, principalmente, da vida, do homem e da inteligência. Ele, sim, tomando a matéria inanimada, “do pó da terra”, ou das substâncias químicas

existentes na argila, pôde fazer o homem, com a sua extraordinária complexidade espiritual, mental, moral e biológica. E o fez composto de espírito, alma e corpo (1Ts 5.23).

Confirmando que a lei da entropia honra o que diz a Palavra de Deus, em Salmos 102.25-27 lemos:

Desde a antiguidade fundaste a terra; e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; todos eles, como uma veste, envelhecerão; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Mas tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim.

As leis da termodinâmica confirmam a Bíblia, mostrando que mesmo os sistemas criados por Deus envelheceram. Somente pelo poder soberano do Todo-Poderoso é que, um dia, o Universo, que envelhece, será substituído por um novo Céu e uma nova Terra: “E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe” (Ap 21.1).

A Biologia molecular e a genética desmentem a teoria da evolução. Morris declarou:

... a moderna biologia molecular, com sua percepção penetrante acerca do notável código genético implantado no sistema do DNA, confirmou ulteriormente que as variações normais se operam apenas dentro do âmbito especificado pelo DNA para determinado tipo de organismo, de forma que nenhuma característica verdadeiramente nova pode aparecer, produzindo graus mais elevados de ordem ou complexidade. A variação é horizontal, e não vertical! Infelizmente, são variações normais desta sorte que comumente são apresentadas como evidências de evolução atual.

O exemplo clássico das mariposas da Inglaterra que “evoluíram” de um a coloração leve dominante para uma coloração escura dominante, enquanto os troncos das árvores ficavam mais escuros devido a poluentes, durante o avanço da revolução industrial é o melhor exemplo apresentado. Isso não foi evolução no verdadeiro sentido da palavra, de forma alguma, mas apenas variação. A seleção natural é uma força conservadora, operando para impedir que determinadas espécies se extingam, quando o ambiente se modifica... do começo ao fim, as mariposas continuam sendo “*Biston betularia*”.

A Paleontologia desmente o evolucionismo. Como sabemos, a paleontologia é a ciência que estuda os fósseis dos animais e vegetais. Um fóssil é um “Vestígio ou resto petrificado ou endurecido de seres vivos

que habitaram a Terra antes do holoceno e que se conservaram em depósitos sedimentares da crosta terrestre sem perder as características essenciais”.

A existência dos fósseis é usada pelos seguidores de Darwin como prova eloquente da evolução. Segundo essa crença, as diversas camadas de estratos das rochas petrificadas foram se acumulando ao longo de milhões e milhões de anos, de tal forma que se formou a chamada coluna geológica, uma espécie de índice geocronológico. E, através desse índice, poder-se-ia medir a idade das rochas e, conseqüentemente, dos fósseis encontrados nas diversas camadas uniformemente sedimentadas.

“A única escala cronométrica aplicável à história geológica para a classificação estratificada das rochas, e para datar eventos geológicos, é fornecida pelos fósseis” — essa é uma afirmação considerada científica em apoio aos evolucionistas.

Eles procuram, em vão, os espécimes intermediários entre as formas de vida mais simples e as mais complexas. Buscam desesperadamente encontrar o “elo perdido”.

Felipe Saint afirmou:

Há muitos casos de animais e de insetos no registro fóssil que, a despeito da estimativa dos evolucionistas, de milhões de anos, são idênticos à mesma forma que encontramos hoje.

De acordo com Saint, pernalongos que ficaram presos numa pedra de âmbar — formada de resina solidificada de uma árvore e submetida à pressão e ao calor — fossilizaram-se.

Lá estão, perfeitamente preservados, com todas as características dos pernalongos atuais, da mesma espécie. E após milhões e milhões de anos, na suposição dos evolucionistas.

Há o caso de um peixe, chamado celacantino, da família dos celacantídeos, que foi encontrado como fóssil, de maneira completa, incrustado numa rocha. Os evolucionistas comemoraram a descoberta como se fosse “prova” da teoria da evolução, visto que as suas nadadeiras estavam ligadas a um prolongamento semelhante a um braço.

Seria isso o elo perdido que comprovaria a evolução entre os peixes e os répteis; os “prolongamentos” seriam a prova da transição entre os peixes; teriam eles evoluído, com variações que tinham “pernas” para poderem se mover, rastejando para fora da água.

Os evolucionistas festejavam a descoberta do peixe

considerado extinto durante muitos anos... No entanto, para decepção dos discípulos de Darwin, um pescador também veio a apanhar, numa rede, uma espécie de celacantino.

... nas costas da África, em 1938, o primeiro espécime vivo que alguém já tinha visto. Era exatamente semelhante à impressão fóssil à qual os cientistas haviam atribuído um milhão de anos! Em 1952, foi apanhado outro espécime vivo. Assim, em vez de ser uma importante prova de mudança evolutiva, esse peixe é uma prova admirável da declaração bíblica de que cada tipo de criatura é segundo a sua espécie.

De acordo com a Bíblia, houve uma grande catástrofe, provocada por um grande dilúvio, de âmbito universal (Gn 6—7), que inundou todo o planeta, destruindo a maioria dos seres vivos, das plantas e das substâncias existentes na Terra. É mais lógica a explicação dos criacionistas de que os fósseis reforçam a teoria do catastrofismo.

O catastrofismo ensina que, com o dilúvio, os seres vivos foram apanhados de surpresa pelos eventos provocados pela inundação universal. Prova disso são os peixes e outros animais fossilizados; eles foram petrificados inteiros, intactos. Alguns, até, com alimento não digerido em seu estômago. Isso desmente a teoria da evolução, que advoga o processo do uniformitarismo, segundo o qual as eras geológicas, registradas nas camadas de rochas, indicam uma evolução ao longo de milhões e milhões de anos.

Ora, como um peixe poderia esperar milhões de anos para se fossilizar? Sabemos que um peixe, se não for preservado em alguma substância conservadora, apodrecer   em questão de horas. Para ser mantido intacto, no estado f  ssil, precisa ser alcançado por um processo rápido e instantâneo. Assim, os fósseis desmentem o evolucionismo.

“O elo perdido não existe”, afirmou o famoso paleontólogo Stephen Jay Gould, da Universidade de Harvard. “A evolução se processa aos saltos (sic). Uma espécie passa milhares ou milhões de anos imutável, e subitamente adquire uma característica nova”. Aqui vemos claramente a divergência entre o evolucionismo moderno, de Stephen Jay Gould, e o velho e carcomido darwinismo.

Darwin defendeu, em sua decantada teoria, que a evolução ocorre lenta e gradualmente, ao longo de milhões e milhões de anos. Gould afirma que a evolução se processa aos saltos. Agora, perguntamos: “Pode-se crer numa teoria desse tipo?” Só se for através da fé no deus do acaso, “cultuado” por Darwin, como fazem os seus adeptos e fiéis seguidores de sua religião materialista.

XII - EVOLUCIONISMO “TEÍSTA”

Existe uma falaciosa teoria que tenta amenizar a distância entre a teoria da evolução e a idéia da existência do Deus Onipotente, Criador do Universo. É a teoria da evolução “teísta” ou pseudoteísta. Segundo suas explicações, pode ter havido a evolução gradual da vida e dos seres vivos, mas sob a supervisão do Criador. Com base nessa explicação, de igual modo contrária aos pressupostos bíblicos, Deus teria criado a primeira célula ou o primeiro organismo unicelular.

Segundo os que admitem essa idéia, o primeiro organismo se desenvolveu, evoluiu e chegou a um ser semelhante ao macaco, o qual foi chamado de Adão. Naturalmente, essa explicação foge totalmente ao que a Bíblia nos ensina acerca da criação do homem.

Em Gênesis 1.27,28, está escrito:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.

O abismo entre a explicação bíblica para a criação e a teoria da evolução é tão grande que não existe conciliação entre as idéias esposadas por elas. O jesuíta francês Teillard de Chardin procurou harmonizar a falsa evolução das espécies com a Bíblia. Ele tem grande credibilidade entre os católicos e explica que Deus criou todas as coisas, mas através do processo da evolução. Afirma que o relato bíblico não passa de uma lenda, ou de uma fábula ou alegoria.

Tal teoria é “remendo de pano novo em veste velha” (Mt 9.16). Jamais dará certo, pois “semelhante remendo rompe a veste, e faz-se maior a rotura” (Mt 9.16b). Na verdade, de acordo com a Bíblia, não está havendo evolução nenhuma. Pelo contrário, o ser humano está envolvendo espiritual, moral e fisicamente.

Os dias da criação seriam eras geológicas? Dentro ou ao lado dessa teoria evolucionista pseudoteísta surgiu a explicação para os dias da criação, como sendo dias-eras, segundo a qual os tais dias não teriam sido normais, e sim eras geológicas de milhões de anos.

Com essa assertiva, seria possível acomodar as explicações científicas ao Gênesis, ou este às explicações científicas para o período de formação da Terra. No entanto, quando lemos o livro de Gênesis e outros

textos bíblicos, somos forçados a concluir que, de fato, os dias da criação foram dias normais, e não eras de milhões e milhões de anos.

A base para a falácia em apreço tem sido 2Pedro 3.8: “um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia”. Mas este texto tanto pode ser entendido como milhões de anos, como apenas poucos dias, se consideramos mil anos como um dia. Trata-se apenas de uma referência ao fato de Deus não estar restrito ao tempo, como a humanidade está. Afinal, Ele é de eternidade a eternidade.

Se fosse cada dia uma era geológica de quinhentos mil anos, como se harmonizaria tal idéia com o Deus Onipotente? Iria Ele esperar milhões de anos para criar o primeiro ser humano na Terra? Tal interpretação tem a finalidade apenas de tentar conciliar a teoria da evolução com a Bíblia. Como já vimos, é um “remendo de pano novo em vestido velho”.

A Bíblia diz que Deus fez tudo em seis dias: “Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou” (Êx 20.11). Vemos claramente que foram dias literais, e não dias-eras. Que Deus nos abençoe, a fim de que, com humildade, aceitemos a explicação bíblica para a origem e desenvolvimento do mundo e do homem na face da Terra.

CONCLUSÃO

O estudo da Antropologia Bíblica é de grande valor para os que desejam conhecer as verdades emanadas da Palavra de Deus, como regra de fé e de prática, e como o Livro que apresenta as únicas explicações coerentes para a criação do universo, da vida, dos seres vivos, incluindo o homem, a inteligência e todas as coisas.

Como vimos, a teoria da evolução não passa de um arranjo teórico para explicar “cientificamente” a origem do homem e de todas as coisas, visando a afastar o homem do seu Criador. No entanto, a Palavra de Deus é “lâmpada” e “luz” para nos mostrar os caminhos pelos quais podemos encontrar Deus e seu relacionamento com a Criação. Nela vemos, além disso, o Deus verdadeiro, que ama o ser humano, a ponto de propiciar-lhe a restauração espiritual através da salvação em Cristo Jesus, nosso Senhor.

ATIVIDADES – LIÇÃO III

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☒ O homem, um ser pessoal, à semelhança de Deus, tem inteligência, vontade e emoções. Tal condição o distingue dos animais.
- 2) ☒ Na consciência do homem vemos que ele tem um referencial, um juízo de valor que aponta o que é certo e o que errado.
- 3) ☒ Os elementos químicos ou substâncias encontradas no corpo humano são todas encontradas no barro ou na argila. Dos 106 elementos químicos existentes na natureza e conhecidos pelos cientistas, 26 são encontrados no corpo humano.
- 4) ☒ Ao soprar no homem o “fôlego de vida”, Deus o fez “alma vivente”, ou um ser que tem vida. Nesse sopro, o Criador infundiu, no interior do homem, sua parte espiritual.
- 5) ☒ A verdadeira ciência, desprovida de preconceito, soberba e academicismo, não comprova a teoria da evolução. Cientistas modernos a têm rechaçado.
- 6) ☒ O estudo da Antropologia Bíblica é de grande valor para os que desejam conhecer as verdades emanadas da Palavra de Deus, como regra de fé e de prática.

Anotações:

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Lição IV

**A Doutrina do Pecado
Hamartologia**

A DOCTRINA DO PECADO:

HAMARTIOLOGIA

INTRODUÇÃO

Um dos mais profundos problemas da filosofia e da teologia é o mal. Ao longo da história, o mal tem sido motivo de estudo, pesquisa e discussão, de modo especulativo, mas também de maneira séria. Haja vista o poder do mal impor-se de modo natural na experiência humana, a preocupação com a sua origem desafia a inteligência e aguça o interesse em descobri-lo na sua essência.

Neste campo da realidade universal do mal entra a História da raça humana através da primeira criatura: o homem. Este, por seu livre-arbítrio, cai na rede de engano do agente do mal, o Diabo, e pratica o pecado de rebelião contra o Criador.

O que é pecado? Como se manifesta? Como entrou no mundo? Essas perguntas têm deixado muitos pensadores perplexos. Neste capítulo, trataremos da discussão filosófica acerca do pecado e o que ensina a Bíblia sobre o assunto.

A questão do mal é tratada na Bíblia a partir do relato do livro de Gênesis sobre a Queda. O relato histórico descreve o princípio da tentação ao homem e seu pecado, trazendo maldição para a sua vida pessoal e a toda a humanidade. As questões levantadas ao longo da História sobre a Queda serão aclaradas neste capítulo.

Na teologia cristã, a doutrina do pecado ganha um espaço porque o cristianismo é uma religião de redenção. De todas as doutrinas bíblicas importantes, três delas são grandiosas porque tratam de Deus, do pecado e da redenção. Existe uma inter-relação tal entre essas três doutrinas, que é impossível tratar do pecado sem mencionar a redenção e, naturalmente, a sua relação com a sua fonte: Deus.

O termo "Hamartiologia" deriva de dois vocábulos da língua grega, a língua do Novo Testamento: *hamartia* e *logos*, os quais significam "estudo acerca do pecado". O termo é aplicável ao pecado, seja este considerado um ato, seja considerado um estado ou uma condição. Ou seja, pecado é um desvio do fim (ou modo) estabelecido por Deus.

I - A DOCTRINA DO PECADO

O estudo do pecado deve preceder ao da graça salvadora de Deus (cf. 1Jo 1.8; 2.2). A Epístola aos Romanos enfatiza que uma das principais finalidades da Lei é expor a hediondez do pecado (7.8,13b), porque é depois de tomarmos conhecimento disso que passamos a valorizar a graça de Deus em toda a sua extensão: "Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça" (5.20).

O veredicto divino é claro: "Todos pecaram" (Rm 3.23). A Palavra de Deus diz: "Não há um justo, nem um sequer" (Rm 3.10); "... não há homem que não peque" (1Rs 8.46).

Todos os seres humanos foram nivelados à condição de pecadores, segundo a reta justiça do Senhor: "A Escritura encerrou tudo debaixo do pecado" (Gl 3.22). E ainda: "Deus encerrou a todos debaixo da desobediência" (Rm 11.32). Mas, antes de atingir a todos os homens, mediante a desobediência de Adão, o pecado teve origem no mundo espiritual, na corte angelical (Is 14.12-17; Ez 28.15).

No ser humano, o pecado, sediado na alma, domina a sua vontade e tem como instrumento orgânico o corpo humano. O homem não é pecador primeiramente porque peca, mas peca porque é pecador. Ou seja, cada indivíduo é um pecador por natureza. Por isso, em Israel, quando uma mulher dava à luz, tinha de apresentar a Deus uma oferta pelo pecado (Lv 12.6; Lc 2.24).

Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram (Rm 5.12).

Definição do pecado. Pecado é a causa da perdição do homem. A palavra "pecado" (gr. *hamartia*) denota tudo aquilo que não se conforma com a lei divina; não se alinha com ela (Rm 5.20; 1Jo 3.4a; 5.17b).

As Escrituras citam 372 formas de pecado, e há centenas de outras não mencionadas na Bíblia. Na relação das obras da carne, lemos, no fim dela: “e coisas semelhantes a estas, acerca das quais eu vos declaro (...) que os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus” (Gl 5.21).

Nas diversas admoestações bíblicas preventivas quanto ao pecado, existem várias outras modalidades implícitas, se essas advertências forem descumpridas. É importante, aqui, termos em mente a definição de alguns dos termos originais para pecado, haja vista cada qual descrever um aspecto da sua malignidade.

A palavra “transgressão” (hb. *pesha* e gr. *hamartema*) denota quebra das leis divinas; significa transpor a fronteira da lei, do bem, da ordem, da decência: “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará...” (Pv 28.13).

Outro termo para pecado é “iniquidade”, fora do prumo; fora de nível; do lado de fora; erro; afastar-se do certo; errar o alvo — hb. *chatah* (Ez 18.20). Mas a iniquidade refere-se principalmente ao pecado do crente. No Novo Testamento, a palavra correspondente é *hamartano* (Rm 3.23). Neste versículo, “pecaram” é literalmente “erraram o alvo”. E este erro pode ser moral (2Pe 2.18) ou na doutrina (1Jo 4.6b). Doutrina e moral devem andar juntas!

Já o vocábulo “pecado”, conforme se registra em Romanos 5.12 (“por um homem entrou o pecado [errar o alvo] no mundo”), diz respeito ao desvio do alvo por Deus traçado, previsto, determinado, que é a glorificação dEle. O pecado, pois, é um alvo que o ser humano acerta ao desviar-se do propósito verdadeiro, que é a glória de Deus (Rm 3.23).

O homem foi criado por Deus para viver na esfera divina, porém, ao pecar, sua natureza foi mudada, e a sua inclinação natural é somente para pecar, mesmo que não pareça assim. Pecar, por conseguinte, é o ser humano desviar-se de sua finalidade moral, que é exaltar a Deus, e somente a Ele.

Outros quatro termos, entre os principais significados de “pecado”, na Bíblia, são: “desobediência”, rebeldia, má vontade para com Deus e a sua lei; “incredulidade”, falta de confiança em Deus e de dependência dEle; “ilegalidade”, subversão, oposição à lei e à ordem divinas; e “erro”, afastamento das normas divinas estabelecidas.

A lei divina da reprodução segundo a sua espécie. Em Gênesis, vemos essa lei em evidência nos vegetais (1.11,12), nos animais (1.24,25) e no ser humano, após o pecado (5.3). O homem fora criado segundo a imagem de Deus (1.26), e não segundo a sua própria espécie! Isso significa que, após a queda, no Éden, do ser humano jamais nascerá um filho salvo.

Portanto, já nascemos espiritualmente contaminados (Rm 5.12), como disse o salmista: “Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu a minha mãe” (Sl 51.5). O homem tem dentro de si uma natureza pecaminosa. Por isso, todos nós precisamos ser participantes da natureza divina, mediante a conversão (2Pe 1.4).

Porque aqueles [nossos pais segundo a carne], na verdade, por um pouco tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este [Deus Pai], para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade (Hb 12.10).

O “homem natural” e o pecado. A Palavra de Deus usa a expressão “homem natural” (1Co 2.14), numa referência clara ao estado do homem ainda não alcançado pela graça de Deus. Ele está sob o pecado, espiritualmente morto, sob condenação e perdido.

Não há um justo. Como vimos, o veredicto de Deus é claro: “Não há um justo; nem um sequer”. É importante que o estudioso do assunto leia todo o capítulo de Romanos 9, principalmente os versículos 9-26, que tratam especificamente dessa verdade, de que não há um justo sequer. Todos os homens já nascem pecadores.

Para que o homem fosse justo — por conta própria — diante de Deus, seria preciso que nunca praticasse o mal e jamais quebrasse a lei divina. Além disso, seria preciso que sempre fizesse o bem, como está escrito em Eclesiastes 7.20: “Que faça o bem, e nunca peque”. Há pessoas que relativamente não pecam tanto, porém não estão sempre praticando o bem.

A principal definição divina para o pecado. É a que está contida em passagens como 1João 3.4 e 5.17. O termo hamartema denota errar o alvo, desviar-se do caminho, perder-se (1Jo 3.4a; 5.17b). Já a palavra anomia, contida em 3.4b, implica transgressão, desordem, rebeldia, subversão. Outro termo que aparece nessas passagens é adikia (5.17a), cuja significação é injustiça.

Em Salmos 41.4, o pecado é definido como uma doença espiritual que faz enfermar a alma: "... sara a minha alma, porque pequei contra ti". Em 1Pedro 2.24, na expressão "fostes sarados", o sentido é o mesmo, à luz do contexto. Essa denotação também pode ser encontrada em outros textos:

E morador nenhum dirá: Enfermo estou; porque o povo que habitar nela será absolvido da sua iniquidade (Is 33.24).

Porque sériéis ainda castigados, se vos rebelaríeis? Toda a cabeça está enferma, e todo o coração, fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres, não espremidas, nem ligadas, nem nenhuma delas amolecida com óleo (Is 1.5,6).

Porque males sem número me têm rodeado; as minhas iniquidades me prenderam, de modo que não posso olhar para cima; são mais numerosos do que os cabelos da minha cabeça, pelo que desfalece o meu coração (Sl 40.12).

E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou (Lc 18.42).

A tradução literal da passagem acima é: "Vê; a tua fé te curou". O termo grego aqui é *sozo*, "curar", "salvar", "livrar" (cf. Lc 7.50; Mt 9.22).

A origem do pecado. A Palavra de Deus apresenta, em Ezequiel 28.15,16, a origem do pecado: "Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim protetor, entre pedras afogeadas". Esta descrição, ainda que de modo conotativo, relaciona-se a Satanás e sua rebelião contra Deus.

O pecado é universal. Em Romanos 3.23, vemos outro aspecto do pecado, a sua universalidade: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". Aqui e em outras passagens correlatas fica evidente que toda a humanidade, sem exceção, foi atingida pelo pecado.

A realidade do pecado. Ainda que muitos procurem ignorar a existência do pecado, temos de considerar os esmagadores testemunhos

da realidade do pecado, na Bíblia (Hb 12.1; Sl 51.5), na história, na consciência, no dia-a-dia. Perguntemos a Adão após a sua queda, a Davi, a Jesus. Todos confirmarão que o pecado é uma realidade.

Evidências da realidade do pecado. Elas são tão contundentes que é um absurdo negá-lo; é idiotice; é insanidade. Algumas dessas evidências são: cada hospital; cada casa funerária; cada cemitério; cada fechadura de porta; cada caixa forte de banco; cada alarme contra ladrão; cada policial, guarda, soldado; cada tribunal; cada prisão; cada dor, doença, morte, tristeza, pranto, guerra, etc.

O pecado e sua raiz. A Palavra de Deus menciona a raiz da incredulidade (Jo 16.9; Hb 3.12) e também a do egoísmo, isto é, do culto ao “eu”, da personalidade (Ez 28.7; Is 14.13,14; Rm 1.25). O egoísmo é uma forma de rebeldia à vontade e à lei de Deus; existe também o egotismo, endeusamento do homem por ele mesmo.

O pecado como ato. Olhemos, agora, à luz da Palavra de Deus, para o interior do pecado, a fim de conhecermos detalhadamente os seus aspectos. É importante, aqui, distinguirmos entre ato e estado pecaminosos. A Bíblia apresenta o pecado como um ato nosso, perpetrado por natureza e escolha deliberada:

Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte (Tg 1.14,15).

Segundo a Bíblia, o pecador não sabe escolher o bem; ele sempre opta pelo mal. O filho pródigo não soube escolher o bem; preferiu o pior (Lc 15.11-18). O pecado como um ato praticado é, pois, um efeito, e não uma causa; a causa é a nossa natureza decaída.

O crente carnal também não sabe escolher o bem. Ló, por si mesmo, optou pelo pior, para ele e sua família (Gn 13.11,12). Esaú, de igual modo, vendeu a sua primogenitura por um simples prato de lentilhas (Gn 25.29-34). E Marta não soube escolher o bem, como sua irmã, que representa um crente espiritual (Lc 10.41,42).

O pecado como estado. Em Romanos 6.6, está escrito: “... o nosso velho homem foi com ele [Cristo] crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado” — a expressão “corpo do pecado” é uma referência ao corpo como

instrumento do pecado; não é a Bíblia querendo dizer que o pecado possui corpo tangível.

O pecado como um estado indica que todos os homens estão propensos a pecar. É caracterizado pelo princípio da rebelião contra Deus; trata-se de um poder maléfico; é um princípio gerador do mal. Ou seja, é uma causa, e não um efeito.

Como causa, o pecado é parte integrante da nossa natureza herdada de Adão. Em resumo, o homem não é culpado apenas pelos pecados cometidos; ele tem dentro de si uma natureza pecaminosa que em si já é pecado.

A natureza do pecado. Há o pecado praticado, isto é, cometido, que aparece na Bíblia no plural (1Jo 1.9). Para este tipo há perdão de Deus, como vemos no “sacrifício pela culpa” (Lv 5.14-19). Mas há também o pecado congênito, mencionado no singular (1Jo 1.7; Sl 51.5; Rm 7.18,23). No caso deste tipo, só há purificação no sangue de Jesus. Vemos isso tipificado no “sacrifício pelo pecado” (Lv 4.1-12).

O pecado e sua prática. Quanto à prática, há o pecado de comissão, que é fazer ou praticar a coisa errada (Tg 1.15); e o de omissão, que significa deixar de fazer a coisa certa, justa. Assim, pecado não é somente praticar o mal; deixar de fazer a coisa certa é também pecado.

Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz comete pecado (Tg 4.17).

E, quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito (1 Sm 12.23).

Mas, ainda quanto ao pecado por omissão, a Palavra de Deus menciona vários exemplos, como o caso do servo inútil, condenado porque não fez nada, apesar de ter recebido bens de seu senhor para cuidar (Mt 25.24-30).

Outro exemplo de omissão vemos na parábola das dez virgens. As loucas não se prepararam (Mt 25.3). Temos outro exemplo no julgamento das nações: as omissas para com Israel serão punidas (Mt 25.42-45).

Em Números 32.23a, está escrito: “e, se não fizerdes assim, eis que pecastes contra o Senhor”. Deixar de cumprir a lei de Deus é tanto pecado quanto transgredi-la (cf. Jz 5.23). A Palavra de Deus diz que ímpios serão lançados no inferno por omissão: “Os ímpios serão lançados no inferno e todas as nações que se esquecem de Deus” (Sl 9.17).

Outrossim, todo pecado, seja ele qual for, é praticado primeiramente contra Deus. Davi, além de pecar contra Bate-Seba, Urias e si mesmo, pecou primeiramente contra Deus, o Legislador: "Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que a teus olhos é mal..." (Sl 51.4). O príncipe pecou contra si mesmo e contra a sua família, mas primeiramente contra o seu pai, que na parábola representa Deus (Lc 15.21).

A origem do pecado dentro do homem. Na Palavra de Deus mencionam-se o pecado da carne (2Co 7.1) e o do espírito (2Co 7.1; Sl 66.18). Muitos acham que pecado mesmo é o do assassino, do bandido, do ladrão, do viciado, do imoral, do fornicário, do adúltero, da prostituta; pensam que é o engano, o calote, o furto, o mundanismo e outros pecados predominantemente da carne.

Entretanto, os pecados do espírito são às vezes piores que os mencionados. Davi cometeu pecados da carne terríveis, a ponto de dizer, ao ser repreendido pelo Senhor: "Pequei contra o Senhor" (2 Sm 12.13; Sl 51). Mas o pecado do espírito que ele cometeu foi pior, levando-o a confessar: "Gravemente pequei" (1 Cr 21.8).

Os fariseus do tempo em que Jesus andou na Terra acusavam pessoas que cometiam pecados da carne, como a mulher adúltera que Jesus perdoou, dizendo-lhe: "vai-te e não peques mais" (Jo 8.1-11). Contudo, os mesmos fariseus cometiam grandes pecados do espírito (Mt 23).

Vejam alguns exemplos de pecados do espírito: orgulho, soberba, vanglória, arrogância, inveja, ganância, cobiça, ira, amargura, mau humor, ciúme doentio, hipocrisia, leviandade, irreverência com o que é sagrado, mentira, egoísmo, roubar a Deus, quebra do Dia do Senhor, mau testemunho, desonestidade, negligência na oração e quanto à Bíblia, relaxamento com a obra de Deus, etc.

As consequências do pecado. Na Bíblia são mencionados o pecado para morte e o que não é para morte: "Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não é para morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore" (1Jo 5.16).

O pecado para morte — dependendo de sua gradação — traz como consequências: sofrimentos, morte espiritual, morte física e até perdição eterna. São pecados que levam o seu praticante à morte física prematura: desobediência deliberada (1Rs 13.26); incesto (1Co 5.5); murmuração (1Co 10.5); profanação (1Co 11.29-32); desvio (Jr 16.5,6);

tentar a Deus (Nm 14.29,32,35; 18.22; 27.12-14); falsidade (At 5.10); rebeldia — não momentânea, mas como estado (Ef 6.3) —, etc.

Entretanto, há pecado que não é para morte. Todo pecado é transgressão diante de Deus, mas nem todo pecado é igual aos olhos de Deus. O pecado tem gradação, como se vê nas seguintes expressões bíblicas: “grande pecado” (Êx 32.30,31; 1 Sm 2.17; Sl 25.11; Am 5.12); “maior pecado” (Jo 19.11); “muito grande pecado” (1 Sm 2.17; 2 Sm 24.10 com 1 Cr 21.8,17); “muitos pecados” (Lc 7.47); “multidão de pecados” e “multiplicar pecados” (Ez 16.51; Os 13.2; Tg 5.20).

Qualquer pecado, mesmo perdoado, não nos exime dos seus maus efeitos, das suas consequências; do seu castigo aqui (Sl 99.8; Nm 14.19-23). O perdão de Deus nos exime da condenação como filhos de Deus, porém o castigo aqui tem a ver com o nosso aprendizado espiritual aqui; há crentes que só aprendem “apanhando”. E mais: o tempo não apaga, não desfaz o pecado:

Então, falou o copeiro-mor a Faraó, dizendo: Dos meus pecados me lembro hoje (Gn 41.9).

... quando for outra vez, o meu Deus me humilhe para convosco, e eu chore por muitos daqueles que dantes pecaram e não se arrependeram da imundícia, e prostituição, e desonestidade que cometeram (2Co 12.21).

O pecado e seu perdão. Quanto ao perdão, a Bíblia menciona o pecado perdoável e o imperdoável em Mateus 12.31,32:

Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.

O pecado imperdoável não diz respeito a um ato isolado. Trata-se de um pecado contínuo, não cometido por ignorância (cf. 1Tm 1.13). A má interpretação disso tem causado aflição em muitas pessoas, que pensam ter cometido o tal pecado.

A consumação do pecado. No que concerne à sua consumação, há o pecado voluntário, consciente, deliberado (Mt 25.25; Lc 19.20-23; Js 7.21); e o involuntário, inconsciente, não deliberado (Sl 19.12; 90.8; Jr 17.9; Lv 4.13-21; 5.15,17; Nm 15.22-31). Este, ainda que cometido

de modo involuntário, por imprudência ou inconsciência, terá a sua devida condenação.

Aqui no mundo, se alguém, por ignorância, violar as leis da Física, sofrerá as consequências disso. Por exemplo, se alguém saltar de um prédio de dez andares, mesmo não tendo consciência de que a força da gravidade fará com que o seu corpo se estatee no chão, a sua ignorância não impedirá a sua morte.

Quanto ao corpo humano, de acordo com 1Coríntios 6.18 — que diz: “Fugi da prostituição. Todo pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo” —, há dois tipos de pecado: contra o corpo, que destrói primeiro o próprio pecador que o comete; e fora do corpo, que arruína primeiro os outros, além de quem o comete.

O pecado relacionado ao crente. O pecado conhecido e tolerado na vida do crente gera consequências como: perda das bênçãos de Deus, disciplina divina e da igreja, interrupção da comunhão com Deus, cessação de operação divina por meio do crente e perda de galardão no futuro.

O julgamento do pecado. Deus nem sempre julga logo o pecado. Se Ele julgasse de imediato, nem este escritor estaria mais aqui. A Palavra do Senhor diz: “Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades” (Sl 103.10).

Deus dá tempo para que o pecador se corrija, se arrependa, mude. Em certas pessoas, o pecado é logo manifesto e julgado; noutras, isso ocorre depois: “Os pecados de alguns homens são manifestos, precedendo o juízo; e em alguns manifestam-se depois” (1Tm 5.24). Por quê?

O Justo Juiz sabe de tudo isso. E, como nos ensina a Palavra de Deus, nada julgemos antes de tempo, até que o Senhor traga à luz as coisas ocultas e manifeste os desígnios dos corações, em sua gloriosa vinda (1Co 4.5).

... nada há encoberto que não haja de revelar-se, nem oculto que não haja de saber-se (Mt 10.26).

... eis que pecastes contra o Senhor; porém sentireis o vosso pecado, quando vos achar (Nm 32.23).

Como triunfar sobre o pecado. Os passos para vencer o pecado, triunfando sobre ele, são os seguintes:

- 1) Amar a Palavra de Deus, a ponto de escondê-la no coração; isso faz com que o crente vença o pecado (Sl 119.11).
- 2) Crer no poder do sangue de Jesus, isto é, no sacrifício expiatório que Ele realizou, a fim de que o pecado não tenha domínio sobre nós (1Jo 1.9).
- 3) Confiar no poder do Espírito Santo, o qual habita em nós e, se tiver lugar em nosso viver, faz-nos triunfar sobre o pecado (Rm 8.2).
- 4) O ministério sacerdotal de Cristo. Ele venceu todas as coisas, e, se estivermos nEle, também venceremos o pecado (Hb 4.15,16).
- 5) A nossa fé depositada em Jesus Cristo também nos faz triunfar sobre o pecado (Fp 3.9).
- 6) Finalmente, a nossa total submissão e entrega a Cristo (Rm 6.14). E submissão implica ser obediente à sua vontade e agradar-lhe por amor.

A nossa recomendação final, ao concluir este tópico sobre a doutrina do pecado é, como diz o escritor sacro: “Evita o pecado!”, pois a Palavra de Deus aconselha: “Meus filhinhos (...) não pequeis” (1Jo 2.1). Lembre-se de que “Obedecer é melhor do que sacrificar” (1 Sm 15.22). E “sacrificar”, aqui, também pode significar “remediar”.

Evitemos, pois, os pecados vindos de dentro; e, de fora: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos, nem participes dos pecados alheios; conserva-te a ti mesmo puro” (1Tm 5.22).

II – DEFINIÇÃO PORMENORIZADA DE PECADO

A palavra “pecado” é sinônimo de muitas outras usadas na Bíblia, as quais indicam conceitos distintos sobre o pecado. São vários termos que amplificam o conceito de pecado nas suas várias manifestações.

No Antigo Testamento. Encontramos no Antigo Testamento pelo menos oito palavras básicas que conceituam o pecado; no Novo Testamento, temos, pelo menos, doze outras que descrevem as várias formas de manifestações negativas relacionadas com o termo “pecado”. Na etimologia das palavras mencionadas no Antigo Testamento descobrimos a abrangência do pecado em suas manifestações.

- 1) **Chata'th**. Este vocábulo, que aparece 522 vezes nas páginas veterotestamentárias, e seu termo correlato no Novo Testamento — hamartia — sugerem a idéia de “errar o alvo” ou “desviar-se do rumo”, como o arqueiro antigo que atirava as suas flechas e errava o alvo. Porém, o termo também sugere alguém que erra o alvo propositadamente; ou seja, que atinge outro alvo intencionalmente.

Não se trata de uma idéia passiva de erro, mas implica uma ação propositada. Significa que cada ser humano foi criado com um alvo definido diante de si para alcançá-lo. Denota tanto a disposição de pecar como o ato resultante dela. Em síntese, o homem não foi criado para o pecado; se pecou, foi por seu livre-arbítrio, sua livre escolha (Lv 16.21; Sl 1.1; 51.4; 103.10; Is 1.18; Dn 9.16; Os 12.8).

- 2) **Pesha'**. O sentido tradicional dessa palavra é “transgredir”, “rebelar”, “revoltar-se”. Porém, uma variante forte para defini-la implica o ato de invadir, de ir além, de rebelar-se. O termo dá a idéia de alguém que foi além dos limites estabelecidos (Gn 31. 36; 1Rs 12.19; 2Rs 3.5; Sl 51.13; 89.32; Is 1.2; Am 4.4).

- 3) **Ra'ah**. Outra palavra hebraica que tem seu equivalente no grego — como kakos ou poneros — e traz a idéia básica de romper, quebrar, “aquilo que causa dano, dor ou tristeza”. É um tipo de pecado deliberado, malicioso, planejado, que provoca e enfurece. Dá a idéia de “ser mau” (Gn 8.21; Êx 33.4; Jr 11.11; Mq 2.1-3). Pode indicar algo injurioso e moralmente errado. São os pecados na forma de violência (Gn 3.5; 38.7; Jz 11.27).

O profeta Isaías profetizou que Deus criou a luz e as trevas, a paz e o ra'ah (Is 45.7). Alguns interpretam o termo nesta passagem de Isaías como significando calamidade, e outros o entendem como “o mal”. Entretanto, não podemos nos deixar levar pela teoria de culpar a Deus pelo mal existente, porque, na verdade, a responsabilidade pelos pecados cometidos recai, à luz da Bíblia, sobre a criatura, e não sobre o Criador.

- 4) **Ramah'** quer dizer “enganar”; dá a idéia de prender numa armadilha, num laço. Implica, portanto, um tipo de pecado que arma ciladas para outrem cair. É uma forma de enganar e agir traiçoeiramente (Sl 32.2; 34.13; 55.11; Jó 13.7; Is 53.9).

- 5) **Pathah**. É um termo que dá a idéia de seduzir. O sentido literal da palavra é “ser aberto” ou “abrir espaço” para o pecado. No Éden, Adão e Eva se deixaram seduzir pelo engano do pecado e pelo pai do pecado (Satanás), personificado numa serpente (Gn 3.4-7).

- 6) **Shagag**. O sentido aqui é “errar” ou “extraviar-se”, como uma ovelha ou um bêbado (Is 28.7). É um tipo de erro pelo qual o transgressor torna-se responsável, haja vista requerer que o pecador conheça a lei que condena o seu erro — pecado (Lv 4.2; Nm 15.22).
- 7) **Rasha**. Esta palavra aparece especialmente nos Salmos, com a idéia de impiedade ou perversidade. O sentido metafórico é o pecado que se opõe à justiça (Êx 2.13; Sl 9; Sl 16; Pv 15.9; Ez 18.23).
- 8) **Taah**. Este vocábulo se refere ao ato de extraviar-se deliberadamente. Não se trata de algo accidental, e sim algo que uma pessoa comete sem perceber o fruto negativo gerado pelos seus atos pecaminosos (Nm 15.22; Sl 58.3; 119.21; Is 53.6; Ez 44.10,15).

Existem outras variantes do termo que ensinam sobre o pecado no Antigo Testamento, mas nos detemos apenas em oito que podem ilustrar a diversidade do pecado em suas várias manifestações.

No Novo Testamento. No grego, a palavra “pecado” também tem vários sentidos, e alguns são correlatos com os termos hebraicos. Todos esses vocábulos do grego bíblico descrevem o pecado em seus vários aspectos. Apresentaremos uma lista menos extensa, mas igualmente proveitosa para definir o significado das palavras mais significativas e usadas com mais frequência no Novo Testamento acerca do pecado.

A) Hamartia. Já citada em correlação com *chata’a* (hb.), seu sentido é “errar o alvo”, “perder o rumo”, “fracassar”. Indica que o primeiro homem, no princípio, perdeu o rumo de sua vida e fracassou em não atingir o padrão divino estabelecido para a sua vida. No Novo Testamento, os escritores usaram o termo *hamartia* para designar o pecado.

Ainda que o sentido equivalente no Antigo Testamento seja o de “errar o alvo”, nas páginas neotestamentárias a palavra em apreço tem uma abrangência um pouco maior — possui um sentido mais forte que a idéia de fracasso ou transgressão. Ela tem o sentido de “poder de engano do pecado” (Rm 5.12; Hb 3.13); é mais que um fracasso. Trata-se de uma condição responsável ou uma característica que implica culpabilidade.

B) Kakia. No grego, relaciona-se com perversidade ou depravação, como algo oposto à virtude. É um termo que descreve o caráter e a disposição interiores, e não apenas os atos exteriores. Dele

deriva-se outra palavra, *kakós*, cujo sentido transcende a mal-estar físico ou doenças (Mc 1.32; Mt 21.41; 24.48; At 9.13; Rm 12.17; 13,3,4,10; 16.19; 1Tm 6.10).

C) *Adikia*. Denota injustiça, falta de integridade; como alguém que sai do caminho original. Em sentido amplo, esse termo refere-se a qualquer conduta errada e significa, ainda, “agravo”, “ofensa feita a alguém” (2Co 12.13; Hb 8.12; Rm 1.18; 9.14). O texto de Romanos 1.18 descreve a injustiça como inimizade com a verdade. Em 1João 5.17, o apóstolo João afirma que toda iniquidade (gr. *adikia*) é pecado (gr. *hamartia*).

D) *Anomia* ou *anomos*. Denotam ilegalidade; tais palavras são traduzidas frequentemente como “iniquidade” ou “transgressão”. Porém, o sentido literal de anomia é “sem lei”. Quem desrespeita a lei pratica a iniquidade (Mt 13.41; 24.12; 1Tm 1.9). O Anticristo é *anomos* — “o iníquo” (2Ts 2.8).

E) *Apistia*. Deriva de *pistis* — “crer”, “confiar” — e significa “infidelidade”, “falta de fé” ou algum tipo de resistência ou vergonha (Hb 3.12; 1Tm 1.13). Em 1 Timóteo 1.13 está escrito: “... alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade [gr. *apistia*]”.

F) *Asebeia*. Usado por Paulo nas epístolas com a idéia de impiedade (Rm 1.18; 11.26; 2Tm 2.16; Tt 2.12; Jd vv.15,18). Portanto, a impiedade ou a irreverência são a base de *asebeia*.

G) *Aselgeia*. Indica a idéia de relaxamento, licenciosidade ou mesmo sensualidade. Em Judas v.4 encontramos dois termos que explicam essas palavras: “... homens ímpios [*asebeis*] que convertem em dissolução [*aselgeian*, ‘libertinagem’] a graça de Deus”. Esse termo descreve, pois, uma entrega sem restrições à prática do pecado. Os especialistas o descrevem como algo que domina uma pessoa e a torna impudica de tal modo que perde totalmente o senso de vergonha e, por isso, faz qualquer coisa sem ocultar seu pecado.

O termo em análise significa, por conseguinte, “a pura e auto-satisfação sem o menor pudor”, haja vista o desejo pelos prazeres tornar a sua vítima despudorada, sem restrições. As chamadas *taras* sexuais, a embriaguez e outras manifestações são típicas de *aselgeia*. Sem dúvidas, trata-se de uma das palavras mais feias do Novo Testamento (Mt 7.22; 2Co 12.21; Gl 5.19; Ef 4.19; 1Pe 4.3; Jd v.4; Rm 13.13; 2Pe 2.2,7,18). A

versão ARC traduz o termo para “libertinagem”, enquanto a ARA prefere “dissolução”.

H) *Epithumia*. Significa “desejo”. Porém, é o contexto da palavra encontrada no Novo Testamento que pode indicar o caráter moral do desejo, se é bom ou mal. Coisas, como: motivo, intenção, direção e relação, revelarão o caráter moral de *epithumia* (Mc 4.19; Lc 22.15; Fp 1.23; 1Ts 2.17). De modo geral, o vocábulo quase sempre se identifica com caráter negativo e pecaminoso. Daí o significado poderá indicar “desejo incontinente”, normalmente traduzido como “concupiscência”, “paixão impura” (Gl 5.24; Cl 3.5; 1Ts 4.5; Tg 1.14; 2Pe 2.10).

I) *Parabásis*. Aparece nas páginas neotestamentárias umas oito vezes. O significado primário do termo é “transgressão”, que dá a idéia de alguém que não respeita as leis, passando dos limites estabelecidos. Emprega-se esse vocábulo com o sentido de “desvio”, “violação” e “transgressão”. No texto de Romanos 5.14, Paulo faz uma relação entre *hamartía* e *parabásis*, ao afirmar: “No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão”.

O apóstolo Paulo não está dizendo que os que pecaram desde Adão até Moisés estão livres de culpa, e sim que aquelas gerações, não tendo a lei de Moisés, seu pecado era tão real quanto ao dos que tinham a lei. Em 1 Timóteo 2.14 está escrito que Eva caiu em transgressão (*parábasis*), ao ser enganada, porque ela foi rebelde contra a ordem divina. Não se tratava de reduzir a culpa de Eva, e sim reconhecer que ela podia ter evitado o pecado de desobediência.

J) *Paraptoma*. Deriva de *parapiptó* e significa “decair ao lado de”, “perder o caminho”, “fracassar”. De modo geral, significa “lapso moral” ou “uma ofensa pela qual a pessoa é responsável”. Vários textos exemplificam o termo *paraptoma* (Mt 6.14; Rm 5.15-20; 2Co 5.19; Gl 5.13; Ef 2.1; Tg 5.16).

K) *Planáo*. Tem um sentido subjetivo de pecado porque se refere àquele que se desgarrá culposamente. A palavra “desgarrar” tem relação com a ovelha que foge do aprisco (1Pe 2.25); significa levar, por meio do engano, outras pessoas ao mau caminho (Mt 24.5,6; 1Jo 1.8).

Todas essas palavras descrevem o caráter geral do pecado na sua etimologia. Porém, definiremos o pecado, também, em outras perspectivas, para que entendamos toda a sua abrangência na vida humana.

III - O HOMEM ANTES DA QUEDA

A Bíblia é a única fonte segura para determinar a criação do homem e seu estado original. De forma simples e objetiva o Gênesis declara que, depois de tudo feito — especialmente, o homem —, “viu Deus que era muito bom” (Gn 1.31). Contudo, a Bíblia não só revela o primeiro estado do homem, como conta a história da perda do primeiro estado de santidade, pela Queda, e possibilidade de sua restauração (Cl 3.10; Ef 4.24).

Criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26,27). Em que consiste esta imagem de Deus? Ao longo da História, os teólogos vêm discutindo sobre as diferenças entre “imagem e semelhança”. Porém, a distinção entre as duas características quase se confunde com a diferença entre personalidade (ou pessoalidade) e espiritualidade. No hebraico, as palavras “imagem” (tselem) e “semelhança” (demût) exprimem a idéia de algo similar, mas não idêntico à coisa que representa ou de que é uma “imagem”.

Portanto, a melhor explicação é o fato de que o homem não é “deus”, mas é “como Deus” em termos de moralidade e espiritualidade. Há uma distância infinita entre Deus e a sua criatura-prima. Só Cristo é a imagem expressa da Pessoa de Deus, como o Filho do Pai, que possui a mesma natureza daquele. Na verdade, a imagem divina no homem é como a sombra no espelho.

Mathew Henry, em seu Comentário Bíblico, escreveu:

... a imagem de Deus no homem consiste em três coisas. (1) Em sua natureza e constituição, não do corpo, pois Deus não tem corpo, e sim de características da alma e espírito. (2) Em seu lugar e autoridade, pois quando disse: “façamos o homem à nossa imagem... e domine”, o homem recebeu autoridade sobre as criaturas inferiores (os animais). (3) Em sua pureza e retidão. A imagem de Deus no homem é revestida de retidão e santidade (Ef 4.24; Cl 3.10).

O homem, como imagem de Deus, foi dotado de sentido moral, isto é, de justiça original. Porém, essa justiça não era imutável; havia a possibilidade de pecado. O homem foi criado com uma natureza santa, voltada naturalmente para Deus e sua vontade. Essa imagem divina no homem revela a natureza religiosa dele, haja vista ter sido dado a ele “espírito”, para manter comunhão com o seu Criador.

A queda distorceu a imagem divina no homem. O destaque maior no relato da criação está na palavra "imagem": "E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou" (Gn 1.27). Existem alguns ensinamentos de que o ser humano perdeu a imagem de Deus em si. Essa teoria é incoerente, pois a imagem e a semelhança, de fato, se referem aos aspectos moral e espiritual.

Quanto à imagem moral, o homem é constituído de intelecto, vontade e sentimento; isto é, as faculdades da alma. Quanto à espiritual, possui o espírito. Essas imagens não se encontram na criação animal inferior. Por isso, o que o homem perdeu não foi a imagem de Deus, e sim a capacidade de usar as características dessa imagem, a fim de glorificar a Deus e ser plenamente feliz.

O que o homem perdeu foi a santidade original, a pureza de atitudes. Seu caráter foi afetado; tornou-se o ser humano pecaminoso. Seu intelecto foi corrompido pela mentira, pela falsidade e pelo engano. Disse o sábio, em Eclesiastes que Deus fez o homem reto, mas ele se envolveu em muitas astúcias (7.29).

Nesse sentido, a imagem de Deus no homem está distorcida. Só é possível a sua restauração pela obra expiatória de Cristo. O corpo não é a imagem de Deus, porque é formado do pó. Porém, o Senhor soprou nele a *nephesh* — a vida física da alma que possui a imagem e semelhança de Deus (Gn 2.7). Os impulsos físicos, pois, encontram-se sob o controle do espírito humano, a sua parte superior.

O primeiro homem possuía um corpo e um espírito (espírito+alma) perfeitamente adequados um ao outro. Não havia conflito entre os impulsos pessoais e os espirituais. Era um tipo de perfeição física e espiritual, mas não era uma perfeição absoluta, e sim relativa e provisória (Gn 3.22).

IV - TEORIAS FILOSÓFICAS

Ao longo da História, a preocupação com a existência do mal tem provocado muitas perguntas e respostas. O problema da presença do pecado no Universo é discutido por filósofos, sociólogos, psicólogos e teólogos. Especialmente, no campo da filosofia, há muitas teorias que analisam o pecado em sua natureza e tentam definir o que é pecado.

Conceitos antiteístas e anticristãos. Há opiniões extremamente especulativas e arbitrárias sobre esse assunto. Por isso, ao

trazê-las à tona neste estudo, queremos destacar dois elementos pelos quais podemos estudar o pecado. O primeiro trata da natureza metafísica do pecado, e o segundo, de sua natureza moral. Surgem, então, as questões: O que é aquilo que denominamos pecado? Seria uma substância, um princípio ou um ato? Significaria privação, negação ou defeito? Seria alguma coisa relacionada com sentimento?

Essas perguntas se relacionam com a natureza metafísica do pecado. Mas, e as questões sobre a natureza moral do pecado? Como o pecado se relaciona com a lei de Deus? Que relação tem o pecado com a santidade e com a justiça? Algumas teorias sobre a natureza do pecado são apresentadas ao longo da história, na formação das doutrinas cristãs. Algumas dessas teorias são incoerentes com a realidade do pecado e, por isso, heréticas; mas outras merecem a nossa apreciação.

1) A primeira teoria filosófica e antibíblica que mencionaremos é a que ensina a existência de um eterno princípio do mal. Ela se difundiu e foi introduzida na igreja nos primeiros séculos da Era Cristã. Para alguns, esse princípio original do mal se identificava como um ser pessoal. Para outros, seguidores do gnosticismo, dos marcionistas e dos maniqueus, tal princípio era uma substância, uma matéria eterna.

Esses dois princípios não encontram respaldo na Palavra de Deus e, por essa razão, são rejeitados. Tal teoria vê o pecado como um mal físico que contamina o espírito humano. Por isso, esse mal deve ser vencido por meios físicos. Trata-se de uma teoria que insinua que o pecado é eterno e independente do Deus Eterno. Sugere que Deus é limitado por um poder co-eterno, que Ele não pode controlar. Ou seja, o mal tem o seu próprio poder, assim como Deus possui o seu.

A idéia sugerida por essa teoria, de que o mal é um poder independente e sem controle, destrói, por assim dizer, a natureza do pecado como um mal moral, haja vista fazer dele uma substância inseparável da natureza humana. Dessa forma, não admite que o homem possa se livrar do pecado.

Essa teoria compromete, ainda, a responsabilidade humana, uma vez que atribui a sua origem a um mal eterno. Claramente, a Bíblia nega essa teoria, pois o pecado não é eterno; e, quando o homem pecou, fez isso por escolha intencional e voluntária.

2) Outra teoria filosófico-antibíblica é a que apresenta o pecado como um mal necessário. Ela se baseia na lei de que toda a vida

implica ação e reação. Argumenta-se que, no Universo material, prevalece a mesma lei em que os corpos celestes são conservados em suas órbitas pelo equilíbrio de forças centrífugas e centrípetas. Ensina, ainda, que todas as mudanças químicas são produzidas por atração e repulsão. Daí a mesma lei deve prevalecer no mundo moral; e que não pode haver bem sem mal.

Essa teoria ensina, portanto, que, em relação ao homem, a sua vida é equilibrada por forças contrárias e se desenvolve através do antagonismo; ou seja, por princípios opostos, de modo que um mundo moral sem pecado é impossível. A essência dessa teoria é a de que o pecado é a condição necessária para a existência do bem. Defende-se por esse conceito a idéia de que “o pecado é um resultado necessário da limitação do ser finito do homem”, “um incidente do desenvolvimento imperfeito, fruto da ignorância e falta de poder; portanto, o pecado não é um mal absoluto, mas relativo”.

Não obstante, a Palavra de Deus ensina, refutando essa teoria, que se o bem não pode existir sem o mal, o mal deixa de ser algo condenável e repulsivo diante de Deus, e a criatura humana deixa de ser responsável pelo pecado entranhado em sua natureza. Entende-se, então, por essa teoria, que a natureza humana seria um engano, e tudo quanto a Bíblia ensina contra o pecado, uma utopia.

3) A terceira teoria falsa ensina que a fonte e a sede do pecado estão na natureza sensorial do homem. Essa teoria separa e distingue o corpo do espírito humano. Por ela entende-se que essa distinção especifica o pecado como algo sensorial. Ensina que, mediante o corpo, o homem está ligado ao mundo físico ou à natureza externa; e, por meio da alma, ao mundo espiritual e a Deus.

Essa teoria declara que o homem é governado universalmente, sempre em grau pecaminoso, por sua natureza sensorial. Em síntese, essa teoria entende que o negativo prevalece sobre o positivo, por isso, o homem é vencido pelo pecado. Biblicamente, essa teoria é falsa e equivocada, porque o pecado não é um ato ou estado sensorial no homem. Essa teoria neutraliza a consciência de pecado e de culpa, porque faz do pecado uma mera debilidade.

A doutrina bíblica ensina que a pecaminosidade do homem se identifica, metaforicamente, como “carne”, que se refere à sua natureza corrompida adquirida na Queda. A Bíblia se opõe à teoria que faz do corpo ou da natureza sensorial do homem a fonte do pecado. Rejeita a idéia de

que os pecados mais degradantes cometidos pelo homem nada tenham a ver com o corpo. Pelo contrário, a Bíblia diz que seremos julgados por aquilo que tivermos feito por meio do corpo, bem ou mal (2Co 5.10).

4) Outra teoria filosófica ao tratar do caráter do pecado declara que a essência do pecado é o egoísmo. A Bíblia declara que o homem foi criado com perfeição e, portanto, seu ego correspondia ao ideal divino do “livre-arbítrio”. Ora, pertencente a natureza original do homem, o egoísmo não pode ser confundido com seu instinto de auto-preservação de buscar as coisas que lhe dão prazer e satisfação.

Naturalmente, isto não se constitui um estado pecaminoso. Buscar a felicidade e o prazer na vida não significa, essencialmente, angariá-los em detrimento dos demais seres. O que torna essa busca um modo egoístico negativo de se obter felicidade é a força do pecado entranhada na natureza pecaminosa adquirida pelo homem (Rm 5.12). Portanto, o pecado não é essencialmente egoísmo, mas suas características revelam atitudes egoístas.

O egoísmo pode fazer parte do estado caído (mau) do homem. Alguns teólogos declaram que “o pecado de Adão teve origem no egoísmo, porque ele quis ser igual a Deus”. Langston entende que o egoísmo é o coração do pecado e é a origem do pecado. Entretanto, O egoísmo corrompido é fruto do pecado. O pecado veio de fora e a Bíblia o declara como transgressão da lei de Deus (1Jo 3.4). Antes da manifestação do pecado na vida do homem havia uma “lei escrita no seu coração” (Rm 2.15).

V - DEFINIÇÕES CONCEITUAIS DO PECADO

Tivemos definições de termos bíblicos relacionados com o pecado e, também, definições filosóficas. Os estudiosos do assunto têm definido de várias maneiras, porém, raramente fogem do conceito mais forte e bíblico de que o pecado existe como um ato, bem como um estado ou condição. Alguns nomes respeitados da história do cristianismo depois do período da “Idade Média” em diante conceituam o pecado de forma bem clara.

John Wesley, pai do metodismo, definiu o pecado como uma transgressão voluntária de uma lei conhecida. Outro famoso teólogo da época ressaltou a natureza dupla do pecado ao declarar que “a Idéia primária designada pelo termo pecado nas Escrituras é a falta de

conformidade com a lei, uma transgressão da lei, o fazer algo proibido, o deixar de fazer aquilo que é requerido”.

Augustus Hoopkins Strong, eminente professor de teologia nos Estados Unidos, escreveu sobre a doutrina do Pecado em sua Teologia Sistemática de 1886, que “pecado é a falta de conformidade com a lei moral de Deus quer em ato, disposição ou estado”.

W.T. Conner, em Doutrina Cristiana, ao falar da natureza do pecado escreveu: “... definimos o pecado como a rebelião contra a vontade de Deus”; “o pecado, como algo voluntário, implica conhecimento. Se o homem peca voluntariamente, então seu pecado é contra a luz”. Paulo esclareceu que todo ser humano tem certo grau de conhecimento da lei moral de Deus e, por isso, “não há um justo, nenhum sequer” (Rm 3.10).

Charles Hodge escreveu que “o pecado é falta de conformidade com a lei de Deus” e “inclui culpa e contaminação; a primeira expressa sua relação com a justiça; a segunda, sua relação com a santidade de Deus”.

Outras definições de pecado. É um ato livre e voluntário das criaturas de Deus, uma vez que elas são seres morais, dotadas da capacidade de perceber o certo e o errado. O homem é um agente moral livre para decidir o que fazer da sua vida.

Trata-se de um tipo de mal, porque nem todo mal é pecado. Existem males físicos consequentes da entrada do pecado no mundo. Na esfera física temos um tipo de mal que se manifesta nas doenças. Entretanto, na esfera ética, o mal tem um sentido moral. Nesta esfera moral se manifesta o pecado. Os vários termos hebraicos e gregos das línguas originais da Bíblia, quando falam do pecado apontam para o sentido ético, porque falam da prática do pecado, ou seja, dos atos pecaminosos.

O pecado não é uma fraqueza ou coisa passiva, ou mesmo, um defeito da criação divina, pelo qual temos que ser responsabilizados. O pecado é, de fato, uma ativa oposição a Deus, uma transgressão das suas leis, que o homem, por escolha própria (livre), resolveu fazer conforme ensina a Bíblia (Gn 3.1-6; Is 48.8; Rm 1.18-32; 1Jo 3.4).

Louis Berkhof ensina que o pecado tem caráter absoluto. Sem dúvida, seu conceito está correto e é bíblico. Não se faz distinção ou graduação entre o bem e o mal, porque o caráter é qualitativo. Uma pessoa boa não se torna má por uma diminuição de sua bondade, mas se

torna má quando se deixa envolver com o pecado. Isto é uma questão de qualidade, e não de quantidade.

O pecado não é um grau menor de bondade, mas se trata de algo negativo e absoluto. Biblicamente, não há neutralidade quanto ao bem ou ao mal. O que é mal não é mais ou menos mal. Ou se está do lado justo e certo ou se está do lado injusto e errado (Mt 10.32,33; 12.30; Lc 11.23; Tg 2.10).

Não se trata de pecado apenas porque se praticou algum ato pecaminoso. “O pecado não consiste apenas em atos manifestos”. O pecado não é somente aquilo que se pratica erradamente, mas é algo entranhado na natureza pecaminosa adquirida da raça humana. É um estado pecaminoso que desenvolve hábitos pecaminosos os quais se manifestam na vida cotidiana.

Todas aquelas tendências e propensões pecaminosas típicas da natureza corrompida de cada um de nós demonstram o estado pecaminoso do ser humano. A Bíblia denomina “carne” esse estado e precisa ser controlada por uma vida regenerada (2Co 5.17).

VI – PORMENORES DA ORIGEM DO PECADO NO UNIVERSO

Primeira manifestação foi na esfera angelical. Os teólogos divergem quanto ao fato de que a primeira manifestação de pecado tenha começado no céu. Sendo Deus o Criador de todas as coisas, não podemos atribuir a Ele a autoria do pecado. Toda a Bíblia rejeita essa idéia quando diz: “Longe de Deus a impiedade, e do Todo-poderoso, a perversidade” (Jó 34.10).

Em outra passagem está escrito que não há injustiça nEle (Dt 32.4; Sl 92.15). Tiago, no Novo Testamento, disse que o Senhor não pode ser tentado pelo mal (Tg 1.13). Por isso, seria blasfêmia considerar Deus como autor do pecado. Ora, duas passagens bíblicas que melhor ilustram a origem do pecado no Céu são metafóricas (Is 14.12-14; Ez 28.12-17); daí haver dificuldade de aceitação dos intérpretes. Entretanto, do ponto de vista pentecostal esses textos ilustram perfeitamente que o pecado foi iniciado entre os anjos e pelo principal responsável, Lúcifer.

Dois textos são indicados como tendo relação com a Queda de Lúcifer e o começo do pecado no Universo nos livros de Isaías e Ezequiel. O primeiro (Isaías) refere-se ao rei caído da Babilônia, cujo orgulho tornou-o soberbo; por isso, ele não pôde subsistir, com tirania e

orgulho, ante o Deus Vivo. Diz o texto que esse rei era elevado e importante, mas por seu orgulho foi cortado como uma árvore.

Segundo, a linguagem metafórica, sugere a história da Queda de Lúcifer, denominado “estrela da manhã”, o qual, por sua rebelião foi expulso da presença de Deus. O segundo texto (Ezequiel) apresenta um lamento sobre o rei de Tiro, mas a linguagem figurada ilustra a queda de Satanás. Essas duas passagens encontram resistência entre os interpretes.

A história bíblica da origem do pecado tem respaldo suficiente em outras referências quando tratam do assunto. O que fica claro é que o pecado foi originado por Satanás. Ele pecou antes de Adão e Eva quando se apresentou na forma de uma serpente para tentar Eva (Gn 3.1-6; 2Co 11.3). Jesus declarou que Satanás é homicida “desde o princípio” (Jo 8.44; 1Jo 3.8). A expressão “desde o princípio” não quer dizer que este ser angélico foi sempre mau. Seu primeiro estado era de santidade. A expressão “desde o princípio” indica no contexto da história da criação que Ele se fez opositor do Deus trino desde o início da criação do mundo.

Entretanto, antes da criação do Universo material, os anjos já haviam sido criados, e o pecado foi manifestado inicialmente no Céu. Não podemos incorrer no erro de admitir que existe, no Universo, um poder do mal semelhante ou igual ao poder de Deus. Essa teoria é chamada dualismo supremo no Universo; ou seja, a crença errônea de que existem dois poderes igualmente supremos.

Creemos, sim, que o poder do pecado jamais desafiou ou sobrepujou a Deus e sua onipotência. O Criador nunca correu o risco de perder o controle providencial do Universo. Mesmo que tenhamos dificuldades para entender plenamente a origem do pecado no céu, sabemos que Deus conhece todas as coisas e “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11).

Entrou na vida da humanidade através de Adão e Eva (Gn 3.1-19). Como isso aconteceu? A história bíblica conta que o pecado se tornou uma realidade na vida da humanidade quando uma criatura extraordinária e espiritual se materializou numa “serpente” (Gn 3.1-7) para enganar as mais belas criaturas da terra, o homem e a mulher. Essa criatura denominada em outras passagens como “a antiga serpente”, o “Diabo” e “Satanás” (Ap 12.9; 20.2). Foi essa criatura que pecou desde o princípio e se tornou inimigo da criação de Deus e promoveu a catástrofe cósmica.

Pela soberana e sábia vontade de Deus permitiu-se que o Éden, o Jardim idílico criado por Deus para que Adão e Eva vivessem

felizes, fosse invadido por Satanás para tentá-los com astúcia e engano. A história da criação da criatura humana relata que Adão e Eva foram criados “bons” e colocados no Éden para desfrutarem de todas as benesses daquele jardim e manter comunhão com seu Criador (Gn 1.26—2.25). Por serem criaturas, havia uma propensão para o pecado.

Deus, então, estabeleceu para eles uma regra para não comerem de uma árvore denominada “árvore do conhecimento do bem e do mal”, mas Eva se deixou enganar pela insinuação diabólica da serpente e tomou do fruto, comeu e o deu ao seu marido (Gn 3.6). Quando se permitiram duvidar da veracidade da palavra de Deus submeteram-se a ver se era verdade o que Deus havia falado quanto a punição pela desobediência.

O pecado de Adão foi um ato pessoal. Já consideramos o fato de que o pecado é um estado da vontade e que esse estado egoísta da vontade é universal. Uma vez que o homem preferiu obedecer ao seu “eu” pervertendo sua própria vontade, também, tornou-se responsável pelas consequências de sua transgressão.

Ele adquiriu uma natureza corrompida e afetou universalmente toda criatura na terra. Seus atos pecaminosos e suas disposições são frutos de seu estado corrupto inato. Jesus explicou muito bem esse ponto quando disse: “... não há árvore boa que dê mau fruto... o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal” (Lc 6.43-45; Mt 12.34).

Tentação e Queda não são míticas ou alegóricas. Tem havido a tentativa de pseudo-teólogos tornarem o relato escriturístico da tentação e a Queda como algo alegórico. Entretanto, não há qualquer linguagem figurada em Gênesis 3 que negue o fato histórico relatado naquela passagem. No desenrolar da tentação Satanás apelou aos apetites que poderiam dar a Eva o prazer de fazer sua própria vontade. Ele apelou aos sentidos egoísticos de Eva e ela deu ouvidos ao tentador em vez de rejeitar e expulsar o tentador que queria levá-la a desobedecer a Deus (Gn 3.1-3).

Satanás levou o casal a duvidar da veracidade de Deus insinuando que o Criador estaria tirando deles o direito de conhecer coisas mais sublimes. Adão e Eva, então, pecaram e deixaram que seus corações fossem corrompidos e afetasse seus apetites naturais. Diz o relato bíblico que sua disposição interior manifestou-se em atos. O texto diz,

literalmente: "... ela tomou do seu fruto, e comeu, e deu também ao seu marido, e ele comeu com ela" (Gn 3.6).

O homem seguiu a indução do seu coração e fez a escolha do seu "eu" em desacordo com Deus. Portanto, o pecado surgiu de dentro do homem, do seu interior, e ele transgrediu a lei do Senhor (Tg 1.15). Certo autor escreveu que "o homem caiu por voluntária resistência à operação de Deus".

VII - O PECADO ORIGINAL E SUA AFETAÇÃO EM DETALHES

Distinção entre pecado original e culpa original. Na língua latina usa-se a expressão *peccatum originale*, que se traduz literalmente por "pecado original". Para entendermos o assunto precisamos fazer distinção entre pecado original e culpa original.

1) Por pecado original entendemos que se trata do pecado herdado de nossos primeiros pais, Adão e Eva, o qual passou a toda criatura humana.

2) A culpa não é herdada, e sim imputada a cada criatura. A expressão "pecado original" não se encontra na Bíblia de forma literal, mas a sua manifestação está implícita com a história da Queda; por isso, o pecado original está na vida de todo ser humano desde o seu nascimento. Outrossim, precisamos esclarecer que a expressão "pecado original" nada tem que ver com a constituição original do homem, haja vista Deus não o ter criado pecador.

A ideia do pecado factual. A ideia do pecado original foi rejeitada por alguns teólogos que preferiram a do chamado pecado factual. Quanto ao original afirma-se que ocorreu por um ato livre de Adão como o representante da raça humana, transgredindo a lei divina e corrompendo sua natureza humana. Por esse conceito se entende que o pecado de Adão foi o de todos os seus descendentes; por isso, todos nascem como pecadores.

Toda criatura humana é culpada em Adão e consequentemente tem sua natureza corrompida. Quanto ao pecado factual, diz respeito às ações negativas praticadas por meio do corpo na vida cotidiana. São os pecados individuais manifestados em atos. Esse conceito admite que o homem é julgado apenas pelo pecado que comete e rejeita a ideia do pecado herdado.

Pecados veniais e pecados mortais. A igreja romana ensina e faz distinção entre pecados veniais e mortais. Ao mesmo tempo, tem dificuldades em distinguir esses pecados. Tal distinção não é bíblica, visto que todo pecado é anomia diante de Deus — termo grego que significa “falta de retidão”, “falta de obediência à lei”.

O Antigo Testamento faz distinção entre os pecados cometidos intencionalmente e os praticados por ignorância. Se cometido intencionalmente ou por ignorância, o pecado não deixará de ser pecado, porque é um fato e torna a pessoa culpada diante de Deus (Gl 6.1; Ef 4.18; 1Tm 1.13; 5.24). No Novo Testamento, o apóstolo Paulo deixou clara a idéia de que o grau do pecado é determinado pelo grau de conhecimento (luz) que o pecador possua (Rm 1.18-32).

VIII - A CULPA DO PECADO

O que e qual é a culpa do pecado? Ora, a culpa é o sentimento pessoal de haver transgredido uma lei mediante o ato do pecado. Inclui a idéia dupla de responsabilidade pelo ato praticado do pecado, assim como a possibilidade de punição (castigo) pelo pecado. A punição, ou seja, a pena segue automaticamente ao pecado.

A culpa é o estado ou a condição de quem transgrediu a lei.

A culpa toma forma de condenação pela desaprovação de Deus. Logo após Adão e Eva terem pecado, seus olhos foram abertos, ou seja, tiveram consciência de suas culpas: “então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus” (Gn 3.7). A culpa é a convicção na consciência, pela violação voluntária da lei de Deus. O transgressor é conscientizado pela consciência ou pela lei, que o seu ato exige expiação.

Já dissemos anteriormente acerca da distinção entre pecado original e culpa original. Pelágio, teólogo inglês, renegava a idéia do pecado original porque entendia que os homens que nascem no mundo, desde a Queda, vivem no mesmo estado em que Adão foi criado e que o pecado deste prejudicou apenas a ele próprio. Por isso, essa teoria rejeita a idéia da herança do pecado sobre toda a raça humana.

Pelágio ensinava que Adão morreu pela constituição de sua natureza, tivesse ele pecado ou não. Entretanto, o ensino claro da bíblia a esse respeito não deixa dúvida de que a culpa original refere-se àquela recebida por Adão e Eva após terem pecado contra a lei de Deus. Ora, se o egoísmo é o princípio essencial do pecado, o viver em pecado consiste,

então, em viver uma vida centralizada no “eu” e significa o erigir da vontade própria como a lei da vida. Neste sentido, o homem merece receber a punição do seu pecado (Rm 5.12).

A natureza da culpa. Ainda que haja uma interligação entre os pontos destacados neste capítulo, ao tratar da natureza da culpa, entendemos que o mérito da culpa é a punição. Culpa, portanto, significa o merecimento da punição em que o culpado tem de satisfazer a justiça divina mediante o pecado praticado.

O apóstolo Paulo escreveu aos romanos que “do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens” (Rm 1.18). Ora, a ira de Deus no contexto dessa passagem significa a reação da santidade de Deus contra o pecado; não importando se tenha ocorrido por ato ou estado, o pecado requer a manifestação da justiça de Deus.

A culpa legal. O aspecto legal da culpa perante Deus diz respeito ao fato de que quando Adão e Eva cometeram o pecado contra a ordem divina, tornaram-se legalmente culpados e dignos da pena estabelecida por Deus. O Criador havia lhes dito que um só ato de desobediência à sua palavra implicaria na pena de morte (Gn 2.17). O apóstolo Paulo entendeu essa questão doutrinária e declarou que “o juízo veio de uma só ofensa, para condenação” (Rm 5.16).

Portanto, por um só ato pecaminoso contra Deus, Adão tornou-se incapaz de permanecer na presença santa de Deus. Essa ofensa de Adão tornou-se a culpa de toda sua descendência, de toda a raça humana. Perante Deus, legalmente, todos são culpados, “porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23).

Isso significa que todos participaram da transgressão de Adão. A expressão “estão destituídos da glória de Deus” indica a necessidade de recuperação do primeiro estado de glória de Adão antes da Queda. Significa a recuperação daquela realza moral e espiritual que o homem tinha, isto é, a imagem e semelhança de Deus, torcida pelo pecado. Foi o segundo Adão, Jesus Cristo, quem veio a este mundo para recuperar a glória perdida do homem (Rm 3.24-26).

A culpa não significa mera propensão ao castigo. Isso significa que a culpa incorre mediante a transgressão do pecador. Não há na justiça de Deus o conceito de culpa construtiva, porque o pecador é culpado por aquilo que tem praticado. Somos culpados do pecado, tanto em relação a culpa original de nossos primeiros pais quanto pelos pecados

que fazemos hoje. Devemos entender que somos culpados pela natureza pecaminosa herdada de Adão e Eva. Esse é o aspecto coletivo que abrange todos os homens. Porém, cada um de nós é individualmente responsável pelos seus próprios pecados.

A manifestação da culpa na consciência humana. A culpa do pecado se manifesta na consciência que é uma qualidade moral e espiritual centralizada no espírito humano para sinalizar o certo e o errado nas decisões do ser humano (Rm 2.15,16). Pela corrupção moral e espiritual por causa da Queda ao pecado é fato de que há uma disposição geral para o pecado e por esconder ou negar a responsabilidade pelo pecado cometido como fez Adão e Eva (Gn 3.8-14).

Entende-se, portanto, que a acusação de sua consciência contribuiu para assinalar a culpa do pecado. Visto que o pecado é transgressão diante de um Deus Santo, o pecado é merecedor de punição e reprovação divina. A culpa se manifesta como um resultado objetivo, isto é, ela é produzida mediante o fato da prática do pecado e não deve ser confundida com o papel da consciência que produz culpa subjetivamente.

Ora, o que é consciência subjetiva da culpa? O que melhor explica esse aspecto é o que está em Levítico 5.17, quando diz: “e, se alguma pessoa pecar e fizer contra algum de todos os mandamentos do Senhor o que não se deve fazer, ainda que o não soubesse, contudo, será ela culpada e levará a sua iniquidade”.

A expressão “ainda que o não soubesse” indica que a culpa implica inicialmente uma relação com Deus e, depois, uma relação com a consciência. O texto indica que se pratica o pecado por ignorância, por não saber que determinada ação seja pecaminosa. Então a consciência age subjetivamente.

Um determinado teólogo declarou que “o maior dos pecados é não estar consciente de nada”, isso porque a consciência pode ser cauterizada, não havendo, portanto, sensibilidade moral acerca do que é errado ou certo. Por isso, quando conhecemos a Deus e a sua justiça somos santificados do pecado, e a santificação desenvolve em nós a consciência da realidade do pecado.

A culpa tem uma relação com a lei moral de Deus. “A culpa não faz parte da essência do pecado, mas é, antes, uma relação com a sanção penal da lei”. Por isso, a culpa só pode ser removida mediante a satisfação da lei. Visto que a justiça original no homem tornou-se em “trapos de imundícia” (Is 64.6), a justiça requerida tem de ser vicária e

pessoal. Ela pode ser transferida de uma pessoa para outra, e neste caso, nenhuma criatura humana teria condições para assumir os pecados das demais.

Veio Jesus Cristo, da parte de Deus, se fez carne e habitou entre nós (Jo 1.14), assumindo a penalidade da lei da nossa culpa, tornando-se o nosso substituto vicário, justificando o homem dos seus pecados (Rm 4.24,25; 5.1,8). Adão cometeu o pecado e na qualidade de chefe federal da raça humana; por ele foi imputada a todos os seus descendentes a culpa do pecado. A Bíblia reforça esse conceito quando declara que a morte é o castigo do pecado, passando a todos os seus descendentes (Rm 5.12-19; Ef 2.3; 1Co 15.22).

Graus de culpa. Tem havido interpretações equivocadas sobre esse ponto. Não obstante, é fato bíblico que existem vários graus de culpa atribuídos a certos tipos de pecados. Não encontra aqui respaldo a doutrina católica romana que distingue pecados veniais e pecados mortais. Com esse conceito a igreja romana entende que pode determinar o grau do pecado de uma pessoa e aplicar à mesma a penitência equivalente.

Ora, entendemos que todo pecado é venial, isto é, pode ser perdoado. A exceção está no “pecado contra o Espírito Santo” (Mt 12.31). Que tipos de pecados são esses para os quais são atribuídos graus de culpa? Na realidade, existem pecados perdoáveis e os pecados não perdoáveis, ou seja, pecados que são para a morte e pecados que não são para a morte.

Em 1João 5.16,17 está escrito:

Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não é para a morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Toda iniquidade é pecado, e há pecado que não é para morte.

Percebe-se que há um contraste entre o pecado para a morte e o que não é para a morte. Existem as mais diferentes opiniões sobre esta distinção. Uns dizem que o pecado para morte é aquele que, sendo extremamente grave, conduz inevitavelmente à morte eterna; e que o pecado que não é para a morte seria o pecado venial; ou seja, o menos grave. São idéias sem consistência bíblica.

Outros afirmam que esse texto refere-se a “pecados intencionais ou não”, sendo o último o pecado perdoável, e o primeiro, não (Nm 15.22-30). Naturalmente, o sentido da palavra “morte” no

contexto dessa passagem refere-se à morte física, e isso se torna claro quando o autor aconselha a orar para que tenha vida, e diz, literalmente: “orar, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte”.

Entretanto, há os que diferem na compreensão desse texto porque entendem que se trata de “morte eterna”, e não meramente, “morte física”. O que prevalece em nossa doutrina pentecostal é que a doutrina do pecado faz distinção entre Hebreus 10.26 e 5.2, que tratam do ato de pecar voluntariamente depois de conhecer a verdade e o de pecar por ignorância.

Ora, João falou que toda iniquidade é pecado. Portanto, distinguir e graduar os tipos de pecados torna-se uma dificuldade. É bem verdade que, em 1Coríntios 11.30, Paulo fala de um tipo de juízo que afeta o crente que peca até ao ponto de Deus aplicar-lhe disciplina. Mas a morte física, aqui, não significa morte eterna ou punição final, e sim morte que não é final.

Nessa esfera, poderíamos apontar os pecados de ignorância e pecados de conhecimento, como cita Strong; Pecados da carne (Gl 5.19-21); o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12.31,32).

Strong escreveu: ... o pecado contra o Espírito Santo não deve ser considerado como um simples ato isolado, mas também como o sintoma exterior de um coração tão radical e finalmente estabelecido contra Deus que nenhuma força que Deus possa consistentemente usar o poupará. Tal pecado, portanto, só pode ser o clímax de um longo curso de endurecimento de si mesmo e depravação de si mesmo.

Em relação ao episódio da blasfêmia dos fariseus contra Jesus entendemos que o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo refere-se, no ensino do Mestre, à atribuição voluntária e consciente de que a obra que Ele fazia era demoníaca. Tratava-se de uma rejeição presunçosa daquela casta religiosa à pessoa de Jesus e a atribuição de ação demoníaca à obra do Espírito Santo.

IX - REALIDADE DA AÇÃO DO PECADO

Consequências do pecado no mundo. Indiscutivelmente, o pecado trouxe graves consequências ao Universo, especialmente à vida na Terra. A Bíblia faz várias declarações a respeito da universalidade do pecado. Por exemplo, temos no Antigo Testamento alguns exemplos, tais como: “não há homem que não peque” (1Rs 8.46); “porque à tua vista não há justo nenhum vivente” (Sl 143.2).

Paulo, em Romanos, disse: “Não há um justo, nenhum sequer; não há quem faça o bem, nenhum sequer” (Rm 3.10-12); “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). O apóstolo João também disse: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1Jo 1.8).

A escolha preferencial do “eu” em detrimento de Deus. O pecado de Adão e Eva foi uma escolha feita por ambos. Uma escolha preferencial do “eu”, em detrimento de Deus como objeto do sentimento e fim principal de suas vidas. Preferiram atender aos ímpetus do seu ego a fazer de Deus o centro de suas vidas. Renderam-se incondicionalmente ao seu ego em prejuízo do projeto do Criador para suas vidas.

O Dr. E.G. Robinson, citado por Berkhof, escreveu que “enquanto o pecado como estado é dessemelhança em relação a Deus, como princípio é oposição a Deus, e como ato é transgressão à lei de Deus”. Portanto, entendemos que o pecado não é, meramente, algo de fora (ou externo), tampouco é o fruto de coação vinda de fora, mas “é uma depravação dos sentimentos e uma perversão da vontade, que constitui o mais íntimo caráter do homem”. A realidade do pecado traz as consequências inevitáveis que são a culpa e a punição.

X - HEREDITARIEDADE DO PECADO

Como um pecado individual afetou a todos? Independentemente das boas idéias, a Bíblia contém a melhor resposta para entendermos essa questão. Paulo, em Romanos disse “que todos pecaram” (Rm 3.23) e dá a idéia de que todos os seres humanos participaram da transgressão de Adão; e, como indivíduos, tornaram-se pecadores. Ele explica os efeitos do pecado de Adão: “Portanto, por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens” (Rm 5.12).

Paulo não estava falando de pecados factuais, do dia-a-dia, mas da herança do pecado. A morte, como punição do pecado, tem um caráter universal, porque “a morte passou a todos os homens”. Por causa do pecado de Adão, todos os seus descendentes tornaram-se pecadores e culpados. Porém, Deus providenciou a nossa expiação — nas palavras de Paulo — outra vez: “Mas Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8).

Portanto, o pecado é hereditário. A sua universalidade deve-se à corrupção da natureza humana. E a Palavra de Deus afirma que o primeiro homem violou a vontade expressa de Deus, e, por consequência,

toda a vida humana se corrompeu. Inevitavelmente, quando o homem se depara com a idade da consciência moral, está tão identificado com os maus impulsos existentes dentro de si que precisará esforçar-se para manter o equilíbrio moral e espiritual de sua vida.

Não se trata meramente de um impulso momentâneo da sua vontade, mas é algo implícito na sua natureza pecaminosa, que é sinistro e obscuro. A tendência má que se revela numa criança se percebe na semente dessa tendência má. Nesse sentido, toda criança é pecadora, conquanto não tenha culpa pessoal. Não podemos cobrar responsabilidade pessoal de uma criança recém-nascida.

A Bíblia e a consciência moral dão testemunho da responsabilidade que temos de nossa vida, apesar da natureza que temos herdado. Na verdade, a herança do pecado se constitui numa condição de vida, para a qual precisamos da graça salvadora de Cristo para dominá-la. Por isso, mesmo como pecadores regenerados pelo Espírito Santo precisamos negar-nos a nós mesmos, tomar a nossa cruz e sermos crucificados com Cristo (Gl 2.20).

Todo ser humano nasce com uma natureza corrompida. Todos os atos pecaminosos das pessoas são frutos de sua natureza pecaminosa. Ora, o que se entende por natureza no contexto desse estudo? É aquilo que é inato em cada pessoa, porque nasce com ela. Jesus, disse, certa feita aos seus discípulos que “não há árvore boa que dê mau fruto... o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal” (Lc 6.43-45).

Portanto, não há criatura humana neste mundo que não tenha nascido com uma “natureza corrompida”. É algo que faz parte do seu ser e é subjacente à sua própria consciência. Por isso, toda criatura constitui-se pecadora diante de Deus, visto que o pecado em si é herança comum de todas as criaturas sobre a terra.

O salmista Davi declarou que fora formado em iniquidade e concebido em pecado (Sl 51.5). Na verdade, com isso, confessou não o pecado de sua mãe, e sim o seu próprio pecado, e que esse estado — entendeu ele — vinha desde o momento de sua concepção.

A natureza corrompida e congênita de toda criatura humana. O apóstolo Paulo usou uma expressão forte em Efésios, a qual merece a nossa apreciação: “éramos por natureza filhos da ira” (2.3). A expressão “filhos da ira” denota o estado de condenação por causa da herança do pecado que todos recebemos de nossos pais (Adão e Eva). Entende-se por

“natureza” algo inato e original distinto daquilo que se adquire posteriormente.

Sem dúvida, o apóstolo coloca o texto no passado com o verbo “éramos”, para indicar que, ao sermos regenerados pelo Espírito Santo, fomos agraciados pela graça de Deus. A criança é despida de consciência moral, mas congenitamente possui a natureza pecaminosa herdada. Por isso, a morte é a penalidade global que afeta todas as pessoas e, inevitavelmente, afeta as crianças, haja vista elas morrerem como todos os demais seres.

As crianças estão colocadas num estado de pecado e, por isso, necessitam de regeneração e salvação através de Jesus Cristo. Naturalmente, elas são objeto de salvação pela graça de Cristo, que as salva, independentemente da consciência moral. Contudo, a condição dos adultos é diferente das crianças. O adulto precisa de fé pessoal para ser salvo, e a Bíblia declara que Cristo morreu por todos (2Co 5.15).

No Juízo Final, as pessoas serão julgadas mediante o teste da conduta pessoal, enquanto as crianças, mesmo tendo uma tendência para mal, são incapazes de transgressão pessoal; por isso, cremos que elas estarão entre os salvos (Mt 25.45,46).

Adão depois da Queda. Já dissemos anteriormente que Adão e Eva, quando pecaram, perderam o direito do primeiro estado de santidade em que foram criados e vieram a ser objeto de várias mudanças transcendentais:

1) O casal submeteu-se ao domínio da morte espiritual. A penalidade declarada por Deus antes da Queda foi: “porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). Imediatamente ao ato pessoal do pecado, Adão e Eva tiveram a sentença cumprida. Não só se tornaram culpados e submissos à pena do pecado com a limitação da vida física e a morte física posteriormente, mas imediatamente ficaram sob a égide da morte espiritual, perdendo a comunhão livre que tinham com Deus, separando-se da relação com Ele.

2) O juízo de Deus veio também sobre Satanás e a serpente usada por ele (Gn 3.14). A maldição atingiu ao Diabo, materializado na serpente, e sobre a mulher. O Criador predisse, então, o futuro conflito entre Cristo e o Diabo, conforme Gênesis 3.15: “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente, esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.

A semente da mulher foi Jesus Cristo, que, sendo o Filho de Deus, fez-se homem, para identificar-se com os homens, e foi ferido no Calvário. Jesus morreu na cruz, mas não foi retido na sepultura e na morte. Pelo contrário, pelo Espírito Santo foi ressuscitado e venceu a morte e o próprio Diabo. Ele morreu por toda a humanidade; além disso, anulou a sentença da morte eterna aos que o reconhecerem como Salvador e Senhor.

3) Deus lançou um juízo especial sobre a mulher, Eva, a qual experimentaria a dor ao dar a luz seus filhos e seria submissa ao seu marido (Gn 3.16).

4) Quarto, uma maldição especial caiu sobre o homem, Adão, e ele teria que lavar a terra, agora maldita com espinhos e cardos, para obter sua subsistência (v.17).

A terra foi amaldiçoada e o efeito do pecado atingiria a vida dos descendentes de Adão. Foi expulso do Jardim de Deus e começou a experimentar a dor e a luta para sobreviver. Pior de toda esta maldição foi experimentar a morte espiritual e, por isso, perder sua comunhão com o Criador e penalizar com a pena da morte física.

Três imputações. Como resultado imediato da Queda, todo o gênero humano foi atingido. A Bíblia menciona, pelo menos, três imputações decorrentes do pecado de Adão:

1) Seu pecado foi imputado à sua posteridade (Rm 5.12-14).

2) seu pecado foi imputado a Cristo (2Co 5.21).

3) Deus imputou sua justiça sobre os que crêem em Cristo (Gn 3.15; 15.6; Sl 32.2; Rm 3.22; 4.3,8,21-25; 2Co 5.21). Nesse sentido, a Bíblia indica que se efetuou uma transferência de caráter judicial do pecado do homem para Jesus Cristo, que levou sobre a cruz o pecado da humanidade (Is 53.5; Jo 1.29; 1Pe 2.24; 3.18).

Outra verdade, nesse contexto, é o fato de que, de igual modo, Deus efetuou a transferência, de caráter judicial, da justiça de Deus para o crente em Cristo (2Co 5.21), visto que o único modo de justificação ou aceitação diante de Deus era este. Por este ato justificador de Cristo, o crente passa a fazer parte da vida orgânica de Cristo, isto é, do seu corpo e, por conseguinte, participa de tudo o que Cristo é.

Torna-se claro, portanto, que a participação dos homens na Queda ao pecado não se efetua quando cometem seus primeiros pecados,

porque eles têm nascido sob a égide do pecado, como criaturas caídas, procedentes de Adão. Os pecadores não se convertem em pecadores por meio da prática de qualquer pecado individual, mas eles pecam imbuídos pela natureza pecaminosa adquirida, por isso, são pecadores.

O significado de estar debaixo do pecado. O texto de Romanos 3.9 diz, literalmente: “Pois quê? Somos melhores do que eles? De maneira nenhuma, pois já demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado”. Quando Paulo escreveu sobre esse assunto, estava enfrentando discussões e polêmicas entre os cristãos convertidos em Roma, cidade que reunia judeus e gentios.

Cada qual tentava justificar sua posição diante de Deus. Paulo, então, colocou ambos na mesma condição e posição, quando disse: “Todos estão debaixo do pecado”. Uma vez que pecado é transgressão contra a lei de Deus, podemos entender que o judeu possuía a lei de Moisés e pecou contra essa lei.

O gentio, por outro lado, não tinha a lei de Moisés, mas tinha a lei da consciência escrita no coração e não podia justificar-se, tanto quanto o judeu. Paulo mostrou aos Romanos, em 3.10-12, a universalidade do pecado; e terminou dando o veredicto final de Deus contra o pecado em 3.19,20.

Se o judeu tendo a lei de Moisés não conseguiu justificar-se do pecado mediante as obras da lei, mas está incluído na universalidade da frase: “todos estão debaixo do pecado”.

O remédio para o pecado está, não em algum mérito pessoal do pecador, mas no mérito da obra expiatória de Cristo que tira o pecador do estado de pecado e o coloca “debaixo da graça salvadora de Deus através de Cristo Jesus (Rm 5.1).

Entendemos, então, que “o pecador é salvo com uma base meritória, mas é o mérito daquele que foi feito justiça de Deus para ele”.

XI - O CASTIGO DO PECADO

Já dissemos que o pecado é tanto um ato como um estado. É um ato porque o homem mesmo preferiu, por sua vontade própria, desobedecer a lei de Deus, rebelando-se contra Deus. Porém, o pecado implica num estado pecaminoso porque o homem quebrou a comunhão e a relação com o seu Criador, separando-se Dele. Inevitavelmente, segue-se à prática do pecado o juízo, ou seja, o castigo positivo (Gn 2.17; Rm 6.23).

O castigo imediato do pecado. Em pontos anteriores já abordamos sobre o castigo sem aprofundar a sua importância no contexto da doutrina do pecado. A partir do capítulo 3 de Gênesis o autor trata da Queda e dos efeitos imediatos do pecado na vida do homem.

Adão experimentou, de modo imediato, as consequências do seu pecado após ter desobedecido a Deus. Fugiu da presença de Deus no jardim do Éden (Gn 3.8) levando consigo o estigma do pecado tornando-se culpado aos olhos de Deus.

1) O pecado desfigurou a imagem divina do homem. Adão não perdeu completamente a imagem divina porque se mantiveram os elementos de personalidade dessa imagem, na sua alma e no seu espírito. Porém, esses elementos da imagem foram desfigurados pelo pecado. Em que consistia a imagem original de Deus no homem? O texto de Gn 1.26,27 diz que o homem foi criado à imagem de Deus. "Strong define a personalidade, como imagem natural de Deus e a santidade como imagem moral de Deus. Em relação à personalidade, o homem foi criado como ser pessoal e isto o distingue dos seres irracionais".

É a capacidade do homem para pensar, conhecer a si mesmo e relacionar-se com o mundo ao seu redor e determinar o seu "eu" quanto ao certo e o errado, ao que é justo e o que é injusto (Gn 9.6; 1Co 11.7; Tg 3.9). Em relação à imagem moral, o homem foi dotado de sentimento, inteligência e vontade que o capacita a ter escrúpulos e autodeterminação quanto à justiça e santidade. Esse sentido moral da imagem divina no homem revela-se na finalidade da sua criação que é a retidão. Diz a Bíblia que "Deus fez o homem reto" (Ec 7.29) e a justiça é essencial à sua imagem (Ef 4.24; Cl 3.10). Mas ele a distorceu por seu pecado afetando toda a criação e sua descendência (Rm 5.12).

2) O pecado deu origem a um estado pecaminoso que afetou toda a raça humana. Myer Pearlman disse: "O efeito da Queda arraigou-se tão profundamente na natureza humana, que Adão, como pai da raça humana, transmitiu a seus descendentes a tendência ou inclinação para pecar". Neste aspecto toda criatura humana é pecadora porque adquiriu a imagem degenerada e decaída de seu pai.

Ernesto Naville escreveu: "Não digo que todos sejamos malfeitores manifestos, mas, sim, afirmo que em cada um dos homens existe seu princípio de egoísmo que é a natureza do pecado". Há uma disposição entranhada no interior de cada criatura humana para praticar o

pecado (Ef 2.2,3), e Paulo ensina e atribui a universalidade do pecado ao cabeça da raça humana (Rm 5.12).

O apóstolo Paulo tratou dessa doutrina do pecado como ninguém e ele ensina que os cristãos autênticos, antes de terem alcançado a graça de Deus, mediante a obra expiatória de Cristo, andavam em ofensas e pecados, fazendo a vontade do Diabo, da carne e dos pensamentos, e por isso eram considerados “filhos da ira divina” (Ef 2.3).

Mais uma vez Myer Pearlman esclarece esse assunto:

Esta condição moral da alma é descrita de muitas maneiras: todos pecaram (Rm 3.9); todos estão debaixo da maldição (Gl 3.10); o homem natural é estranho às coisas de Deus (1Co 2.14); o coração natural é enganoso e perverso (Jr 17.9); a natureza mental e moral são corruptas (Gn 6.5,12; 8.21; Rm 1,19-21); a mente carnal é inimizada contra Deus (Rm 8.7,8); o pecador é escravo do pecado (Rm 6.17; 7.15); é controlado pelo príncipe das potestades do ar (Ef 2.2); está morto em ofensas e pecados (Ef 2.1); é filho da ira (Ef 2.3).

3) O pecado produziu punições naturais e físicas na vida do homem. Louis Berkhof diz que são “punições naturais e positivas” em que as leis naturais da vida são violadas. São punições de ordem física que resultam em doenças, dores e sofrimentos ao homem. Não se trata de punições imediatas a qualquer prática de pecado, mas se trata daquelas doenças impregnadas na terra, no ar e nas águas. Essas punições naturais resultam da “maldição do pecado” no nosso planeta.

A promessa de cura e redenção da Terra e do homem recai sobre a pessoa de Jesus, o Filho de Deus, que se fez carne, habitou entre nós, para expiar a culpa do pecado dos homens (Gn 3.15; Is 53.4,5; Rm 5.21). Os sofrimentos da vida tornaram-se realidade na vida cotidiana do homem, como resultado da penalidade do pecado.

Seu corpo físico tornou-se presa de doenças e fraquezas provocando mal-estar e desconforto. Sua vida mental e emocional ficou sujeita a angustias, tristezas, paixões sem domínio e desejos conflitantes. Sua vontade perdeu a capacidade de escolha, e conforme disse Paulo, toda a criação ficou sujeita à vaidade e escravidão (Rm 8.20). De certo modo, nosso sofrimento físico nos dá, pela morte física, a esperança de obtermos, um dia, corpos transformados e espirituais.

4) O pecado gerou um contínuo conflito moral e espiritual entre corpo e alma de cada criatura humana. Tão logo o homem pecou,

entranhou-se em seu ser um conflito entre sua natureza superior, expressa por alma e espírito, e sua natureza inferior, manifesta através do corpo. O homem se encontrou dividido em si mesmo, e sua natureza física e inferior, tornou-se frágil e subjugada aos poderes do pecado (Rm 7.24).

O grande pregador Charles H. Spurgeon falou em uma de suas pregações que “o mar todo fora do navio não causa dano enquanto a água não penetra nele e enche-lhe o porão”. Aprendemos com esse ensino de Spurgeon que o perigo mora dentro de nós mesmos. É interno e na linguagem metafórica da Bíblia esse perigo chama-se coração, que é, de fato, o nosso maior inimigo, porque nos engana. A síntese dessa idéia é que devemos ter o coração sob domínio para que ele não nos engane.

Nesse fato está a questão da tentação. Ela em si mesma não se constitui pecado, mas ela pode se tornar em ocasião para o pecado. O Novo Testamento, especialmente, fala constantemente sobre “carne e espírito” como opostos um ao outro (Gl 5.13,16-18). Esse conflito envolve a totalidade da pessoa, porque a “carne” induz a volta ao domínio do pecado, no caso do cristão. Porém, o cristão fortalece o seu espírito para vencer a carne e estar submisso ao senhorio de Cristo Jesus (Gl 5.16; Rm 8.4-14).

5) O pecado despertou a consciência do homem. Diz o texto literalmente: “Então, foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus, e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais” (Gn 3.7). Na verdade, quando os seus olhos foram abertos, os olhos de suas almas, olhos do interior, uma forte convicção de que haviam desobedecido a Deus dominou a ambos. Quando já era demasiado tarde, compreenderam a loucura de haver comido do fruto proibido.

A lei moral de suas consciências deu o sinal quando descobriram que estavam nus. Esta consciência de nudez os fez perceber que haviam perdido todas as honras e encantos da vida no paraíso que Deus havia feito para eles. Outrossim, ficaram envergonhados, porque se viram frente ao desprezo e à perda da comunhão com o Criador. Ficaram sem defesa alguma, porque, a partir da Queda, estavam sós, sem a presença do Criador.

6) O pecado trouxe ao homem a punição da morte física. Paulo declarou que “por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte” (Rm 5.12). A palavra “morte” é *thanatos* (gr.) e significa separação das partes física e espiritual. Indiscutivelmente, a separação de

corpo e alma faz parte da penalidade imediata do pecado. A Bíblia diz que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23).

Pelágio e seus discípulos ensinaram que a morte física fazia parte do primeiro estado do homem antes do pecado e que ele fora criado como um ser mortal. Naturalmente, esse conceito foi rejeitado através da história. A igreja adotou uma posição definida quanto a questão da morte, e tem ensinado que a morte sempre se constituiu uma penalidade do pecado.

O castigo disciplinador. Os teólogos procuram fazer distinção entre castigo, punição e pena e, sem dúvida, há certa distinção que deve merecer a nossa apreciação. Entretanto, preferi usar o termo castigo com abrangência ao modo de tratamento de Deus quanto aos pecados cotidianos dos cristãos e quanto aos pecados que implicam o tratamento final de Deus.

Nesse ponto, especialmente, o castigo disciplinador relaciona-se com o comportamento do cristão, e objetiva corrigi-lo e repreendê-lo, a fim de que não se perca. A doutrina no que tange a esse tipo de castigo revela que é possível até mesmo morte prematura do cristão como modo de disciplina e a salvação da alma (1Co 11.30-32). O autor da Carta aos Hebreus faz uma distinção entre filhos e bastardos (Hb 12.6-8). Neste texto Deus se mostra como “Pai amoroso que corrige os filhos”; por isso, a correção tem sentido disciplinador.

Quando o escritor emprega o termo “bastardo”, faz isso para distingui-lo do filho verdadeiro de Deus, aquele que aceita a correção do Pai (v.8). Chafer escreveu, em sua Teologia Sistemática, que “a disciplina, numa forma ou outra, é a experiência universal de todos os que são salvos; mesmo o ramo que produz fruto é podado, para que produza mais fruto ainda (Jo 15.12)”.²⁰

O castigo (a pena) final do pecado. Se morte física significa separação de corpo e alma e é parte da pena do pecado, entendemos que, de modo nenhum, a morte física venha significar a penalidade final. Nas Escrituras a palavra morte é frequentemente usada com sentido moral e espiritual. Isto significa que a verdadeira vida da alma e do espírito, é a relação com a presença de Deus. Portanto, a pena divina contra o pecado do homem no Éden foi a separação da comunhão com o Criador.

A morte espiritual tem dois sentidos especiais: um sentido é negativo e o outro é positivo. Em relação à vida cristã, todo crente está morto para o pecado, porque a pena do pecado foi cancelada e ele está fora do domínio do pecado (Rm 6.14). Trata-se da separação da vida de

pecado depois que se aceita a Cristo e é expiado por Ele. Porém, em relação ao futuro, o crente terá a vida eterna, isto é, terá a redenção plena do corpo do pecado (Ap 21.27; 22.15).

Porém, o sentido negativo de morte espiritual refere-se à morte no pecado. O crente está morto para o pecado, mas o ímpio está morto espiritualmente no pecado. Significa que o pecador vive um estado de vida separado de Deus e de sua comunhão. Significa estar “debaixo do pecado” e estar sob o seu domínio (Ef 2.1,5). O efeito desses dois sentidos é presente e temporal. O pecador sem Deus, no presente, está numa condição temporal de ex-comunhão com Deus, mas pela graça de Deus poderá sair desse estado e morrer para o pecado (Ef 4.18; Gn 2.17).

A punição final do pecado é a morte eterna, ou seja, o juízo contra o pecado (Hb 9.27). A morte eterna é a culminância e complementação da morte espiritual. Diz respeito à repugnância da santidade divina que requer justiça contra o pecado e contra o pecador impenitente. Significa a retribuição positiva de um Deus pessoal, tanto sobre o corpo como sobre a sua alma e espírito (Mt 10.28; 2Ts 1.9; Hb 10.31; Ap 14.11).

Existem algumas teorias que tentam anular a doutrina bíblica da morte eterna, como castigo final do pecado. O universalismo ensina que Deus é bom demais para excluir alguém da sua presença no Céu, pois Jesus morreu por todos; por isso, ao final, todos serão salvos. O restauracionismo é outra idéia equivocada e antibíblica, porque ensina que Deus vai restaurar todas as coisas ao final da história da humanidade e todos serão salvos.

A idéia do purgatório, ensinada pela igreja romana, de que o purgatório é um período probatório pelo qual, entre a morte e a ressurreição, os pecadores que morreram passarão pela prova e poderão se recuperar e se livrar da pena final de seus pecados. Por último, a teoria da aniquilação: ensina que, ao final de tudo, no juízo, todos os ímpios serão aniquilados; isto é, extinguidos, como quem extingue uma folha de papel no fogo que vira cinza. Interpretam erradamente 2 Tessalonicenses 1.9; substituem a palavra “aniquilar” por “extinguir”. O sentido bíblico de “aniquilar” é “banir” da presença de Deus.

Portanto, morte eterna é a eterna separação (banimento) da presença de Deus e a impossibilidade de arrependimento e salvação. Os ímpios são constituídos por aquelas pessoas que rejeitaram

conscientemente a graça de Deus e, por isso, depois da morte física, serão ressuscitados e comparecerão diante do Grande Trono Branco do Juízo de Deus e receberão a justa retribuição dos seus pecados com a morte eterna, sendo lançados no Geena, isto é, o “lago de fogo eterno” (Ap 20.14,15; Mt 5.22,29,30; 10.26; 23.14,15,33).

Existe uma distinção entre a primeira e a segunda morte. A primeira é física; morre-se uma só vez (Hb 9.27); é temporal e para todas as pessoas no mundo: justos e injustos. A “segunda” morte é espiritual e eterna; a “segunda” tem um sentido moral, porque todos quantos irão passar por ela saberão e terão “consciência” depois da primeira morte (At 24.15). Uma das grandes verdades acerca do castigo do pecado é que a justiça de Deus o exige afim que ninguém o acuse de injustiça. Pelo contrario, Ele é o Senhor que pratica a misericórdia, juízo e justiça na terra (Jr 9.24).

A questão do pecado encontra resposta e solução quando encontramos na Bíblia a declaração de Paulo de que Deus propôs Jesus Cristo como propiciação pelo seu sangue, para receber toda a carga da ira de Deus contra o pecado (Rm 3.25). Significa que a cruz foi a razão pela qual Deus castiga o pecado. O próprio Deus, perfeito em justiça, tornou possível a expiação dos pecados por aquele que se fez nosso justificador completo (Rm 3.26).

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1)  O termo “Hamartiologia” deriva de dois vocábulos da língua grega, a língua do Novo Testamento: *hamartia* e *logos*, os quais significam “estudo acerca do pecado”.
- 2)  O vocábulo “pecado”, conforme se registra em Romanos 5.12 (“por um homem entrou o pecado [errar o alvo] no mundo”), diz respeito ao desvio do alvo por Deus traçado, previsto, determinado, que é a glorificação dEle.
- 3)  O termo hamartema denota errar o alvo, desviar-se do caminho, perder-se (1Jo 3.4a; 5.17b). Já a palavra anomia, contida em 3.4b, implica transgressão, desordem, rebeldia, subversão.

- 4)  O egoísmo é uma forma de rebeldia à vontade e à lei de Deus; existe também o egotismo, endeusamento do homem por ele mesmo.
- 5)  Quanto à prática, há o pecado de comissão, que é fazer ou praticar a coisa errada (Tg 1.15); e o de omissão, que significa deixar de fazer a coisa certa, justa. Assim, pecado não é somente praticar o mal; deixar de fazer a coisa certa é também pecado.
- 6)  O homem, como imagem de Deus, foi dotado de sentido moral, isto é, de justiça original. Porém, essa justiça não era imutável; havia a possibilidade de pecado.

Anotações:

10

Anotações:

Lição V

A Doutrina da Salvação Soteriologia

A DOCTRINA DA SALVAÇÃO:

SOTERIOLOGIA

I – SOTERIOLOGIA OBJETIVA

A salvação é um fato em si, isto é, no sentido objetivo. Ela tem um lado objetivo (o lado divino), e um, subjetivo (o humano). O primeiro mostra Deus como o Doador da salvação; e o segundo apresenta o homem como o recebedor.

No sentido objetivo, a salvação tem três aspectos, todos simultâneos: a justificação, que nos declara justos (esse aspecto tem a ver com a nossa posição diante de Deus: “em Cristo”); a regeneração, que nos declara filhos (tem a ver com a nossa condição espiritual, interior); santificação, que nos declara santos, mediante a nossa fé no sangue derramado de Jesus.

A salvação no seu sentido objetivo, diante de Deus, não tem tempos, mas aspectos ou lados. Ao mesmo tempo em que uma pessoa é justificada, é também regenerada e santificada.

Justificação. É a mudança de posição externa e legal do pecador diante de Deus: de condenado para justificado. Pela justificação passamos a pertencer aos justos. Justificação é o tempo passado da nossa salvação, mas sempre presente em nossa vida espiritual (1Co 6.11; Rm 8.30,33b; 5.1; 3.24; Gl 2.16).

Regeneração. É a mudança de condição do pecador: de servo do pecado para filho de Deus. A regeneração é tão séria diante de Deus, que a Bíblia chama-a de “batismo em Jesus” (1Co 12.13; Gl 3.27; Rm 6.3). Trata-se de um ato interior, dentro do indivíduo. É um termo ligado a família, filhos: “gerar”; é o novo nascimento (Jo 3.5). Mediante a regeneração somos chamados “filhos de Deus” (cf. Gn 2.7; Jo 20.22; 15.5).

Santificação. É a mudança de caráter (mudança subjetiva); e a mudança de serviço (mudança objetiva), “em Cristo” (posicionai), como lemos em João 15.4 e 17.26.

II – SOTERIOLOGIA SUBJETIVA

Na experiência humana, a salvação é subjetiva. A salvação experimental tem três tempos (não aspectos): passado, presente e futuro.

No passado. Justificação; é o que Deus fez por nós. É a salvação da pena do pecado. Ela é referida na Bíblia como ocorrida no passado da vida cristã.

... haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus (1Co 6.11).

E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou... Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica (Rm 8.30,33).

Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 5.1).

Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus (Rm 3.23,24).

Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da lei, porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada (Gl 2.16).

No presente. Santificação em conduta, diante do mundo. É a salvação do poder do pecado. É aquilo que Deus faz em nós agora. Uma frutinha pode ser perfeita, mas não é madura.

Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus (2Co 7.1).

E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (1Ts 5.23).

Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou (1Jo 2.6).

... operai a vossa salvação com temor e tremor (Fp 2.12).

No futuro. Glorificação; é o que Deus fará conosco (1Pe 1.5). Será a salvação da presença do pecado. Trata-se da nossa inteira "conformação" com Jesus Cristo.

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos (1Jo 3.2).

... nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo (Rm 8.23).

E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitamos a fé (Rm 13.11).

E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação (Hb 9.27,28).

Evidências da salvação experimental. São os testemunhos do Espírito em nosso interior (Rm 8.16); da Palavra de Deus (At 16.31); da nossa consciência (1Jo 3.19); da transformação da nossa vida (2Co 5.17); dos frutos produzidos (Mt 5.8); da aversão ao pecado (1Jo 3.9); do cumprimento da doutrina (2Jo v.9); do amor (e comunhão) fraternal (Jo 13.35); e da vitória sobre o mundo (1Jo 4.5).

III – A GRACA DE DEUS

Na matéria Soteriologia, a ênfase recai sobre a graça de Deus para salvar o pecador. E, por essa razão, não discorrermos sobre a graça comum, extensiva a todos os homens: “Abres a mão e satisfazes os desejos de todos os viventes”. Aqui não se trata de graça salvadora; diz respeito ao favor de Deus dispensado bondosamente aos seres humanos, no sentido de prover os meios de subsistência a todos, sem distinção (Sl 104.10-30).

Graça relacionada com a salvação. É a atitude (ou provisão) graciosa do Senhor para com o indigno transgressor da sua lei (cf. Rm 3.9-26). Ela resulta da parte de Deus para com o pecador em: misericórdia (1Tm 1.2; 2Tm 1.2; Tt 1.4; 2Jo v.3; Jd v.21); benevolência (Lc 2.14b); paz (resultado da misericórdia de Deus no coração do homem); gozo (que é mais interior), bem como alegria, beleza e adorno espirituais — que são mais externos (cf. Rm 12.6).

No original, graça é *charis*, donde vêm “charme”, “carismático” (no sentido exato), “caridade”, “agradável”, “atraente”, “agradecer”, “gratidão”.

A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um (Cl 4.6).

... segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado (Ef 1.5,6).

O nosso assunto diz respeito à graça de Deus para salvar. A provisão divina para com o indigno transgressor da lei existia desde o Antigo Testamento (Êx 33.13; Jr 3.12; 31.2). A passagem de Atos 15.10,11 não deixa dúvidas quanto a isso:

Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar? Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também.

No Novo Testamento, a graça de Deus para salvar o pecador é mencionada de maneira mais direta (Ef 2.7,8; 1Tm 1.13,16; Rm 5.20; Jo 1.16,17).

Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens (Tt 2.11).

Mas, quando apareceu a benignidade e caridade de Deus, nosso Salvador, para com os homens, não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo (Tt 3.4,5).

De acordo com Efésios 2.5,6, o pecador está morto, e nessa condição não pode ajudar em nada. Como efetuar a sua própria ressurreição? Assim como não pudemos ajudar em nada quando do nosso primeiro nascimento, muito menos em nosso segundo (novo) nascimento. Tudo é pela graça, para que o homem não tenha de que se gloriar.

Tudo é pela graça de Deus. Na vida do crente, ela gera crescimento na fé (2Pe 3.18). É por meio dela que triunfamos contra o mal (Rm 6.14; Hb 13.9; At 4.33; 2Co 12.9) e trabalhamos para o Senhor (Hb 12.28; 1Co 3.10; 15.10; 2Co 6.1). Por ela, falamos (Sl 45.2; Cl 4.6); cantamos (Cl 3.16); e tratamos (Rt 2.10).

É pela graça também que somos capacitados a dar a Deus e ao próximo (2Co 8.1,6,7). Essa liberalidade pela graça, para dar a Deus, leva-nos a fazer isso em quatro sentidos:

- 1) Dar-nos a nós mesmos inteiramente ao Senhor.
- 2) Dar o nosso tempo; a nossa vida.
- 3) Dar os nossos talentos.
- 4) Dar o nosso dinheiro.

A Palavra de Deus menciona, no Antigo Testamento, a liberalidade do crente para com o Senhor: “E ali trareis os vossos holocaustos, e vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta alçada da vossa mão, e os vossos votos, e as vossas ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas” (Dt 12.6). Vemos aqui sete tipos de ofertas, todas implicando finanças.

Nós devemos tanto a Deus, que, no viver para com Ele, e no trabalho dEle, mesmo fazendo o nosso melhor e máximo, não vamos além do dever (Lc 17.1). Ou seja, nunca ingressaremos no mérito! Nesse caso, a graça de Deus é mais abundante na vida daqueles que são humildes (Tg 4.6). A humildade é, pois, o fio condutor da graça (1Pe 5.5).

A graça de Deus em resumo. Diante do exposto, a graça de Deus é o dom da salvação em Cristo, como dádiva de Deus ao pecador, indigno e merecedor do justo juízo de Deus (Tt 2.11).

Ela é o poder sustentador de Deus, que nos mantém firmes e perseverantes na fé, depois de salvos (2Co 12.9), como lemos em 2 Timóteo 2.1: “Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus”.

A graça do Senhor é a dádiva das bênçãos diárias que recebemos dEle, sem merecê-las (Jo 1.16). É, ainda, a dádiva da capacitação divina no crente, para este realizar a obra de Deus (1Co 15.10; Hb 12.28). Atentemos, pois, a recomendação da Palavra de Deus, em 1Coríntios 3.10: “Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele”.

IV - A EXPIAÇÃO PELO SANGUE

Em Isaías 53.10, está escrito acerca da obra expiatória de Cristo:

Todavia, ao Senhor agradou o moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os dias; e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão.

A doutrina em apreço é chamada de hilasmologia. Expição, para nós do Novo Testamento, é a morte de Jesus em nosso lugar para poder nos remir do pecado; salvar-nos do pecado — expiar é tirar o pecado: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Expição tem a ver com o pecado (Lv 4; 16; 23).

Quatro palavras para a salvação. Há quatro grandes palavras doutrinárias empregadas na Bíblia para nos revelar a extensão do valor da morte de Jesus, isto é, do seu sangue remidor, para tirar os nossos pecados. Tão vasto e infinito é o alcance da obra efetuada por Jesus que um só vocábulo das Escrituras não pode resumi-la.

A palavra “expição” aplica-se à salvação em relação ao pecado quanto ao seu alcance, que é infinito (Sl 103.12; Is 53.10). Já “redenção” diz respeito à salvação em relação ao pecador e seu pecado. Outro termo, “propiciação”, aplica-se à salvação quanto à transgressão; isto é, a salvação considerando o ser humano como o transgressor. E a quarta palavra é “imputação”, que se relaciona com a salvação quanto ao seu “creditamento”. Ou seja, a justiça de Deus “lançada em nossa conta”, pela fé no próprio Deus (cf. Fp 4.17; Mt 6.12; Fl v.18). Portanto, a salvação é tão grande e tão rica que uma só palavra não abarca o seu significado! Glória a Deus!

Definição de expiação. Tecnicamente, a palavra “expiar” — hb. *kipper* — significa “encobrir”, “cobrir”, “ocultar”, “tirar da vista”. A primeira menção dessa palavra nas Escrituras está em Gênesis 6.14 (hb. *kaphar*, “betumarás”, ARC; “calafetarás”, ARA) e ilustra muito bem o seu emprego através da própria Bíblia, como a Palavra de Deus.

Biblicamente, expiar é pagar, quitar, tirar os pecados de alguém, mediante um sacrifício reparador exigido, mas também propiciador. Expiar, pois, é tirar o pecado mediante a morte de alguém como substituto do culpado e condenado. No nosso caso, foi Jesus que morreu por nós, pecadores perdidos (Is 53.10; Jo 1.29; Ap 13.8; 2Co 5.21). Sem expiação pelo sangue não há perdão do pecado (Lv 4.35).

A expiação aplaca o Legislador, por satisfazer a sua Lei, violada que foi, pela culpa do pecado como ato praticado (Lv 5), bem como manchada e ultrajada pelo pecado como estado, na natureza do pecador (Lv 4). Nesta passagem, vemos quatro categorias universais de pecadores e a expiação de seus pecados mediante o sangue expiador.

Mas a expiação vai além. Ela também torna o Legislador benevolente para com o transgressor perdoado. Essa decorrência da expiação é chamada de propiciação.

A necessidade da expiação. A expiação pelo sangue foi necessária para dar satisfação à Lei divina — caso contrário, essa Lei seria vã — e seu Legislador zombado. A pecaminosidade da natureza e dos atos do homem também tornou necessária a expiação divina.

Jesus, para expiar nossos pecados, bastava morrer por nós na cruz; mas, para nos justificar diante de Deus e sua Lei violada, era preciso que Ele ressuscitasse (Rm 4.25; 5.10). Desse modo, a nossa ressurreição espiritual (isto é, a nossa regeneração) dependia da ressurreição dEle (1Pe 1.3; Cl 3.1). Glória a Deus porque Jesus ressuscitou!

Há diferença entre a expiação, a redenção e a propiciação, todas realizadas por Jesus Cristo. A expiação é do pecado do pecador; a redenção é da pessoa do pecador; e a propiciação tem a ver com Deus em relação ao pecador já perdoado (cf. Lc 18.13; 1Jo 2.2). A salvação de criancinhas inocentes — apesar de pecadores por natureza — decorre da expiação efetuada por Cristo, e não primeiramente da redenção.

A obra expiatória de Cristo. No Antigo Testamento, a expiação dos pecados na nação “durava” um ano apenas! O que ocorria anualmente no solene Dia da Expiação, mencionado em Levítico 16, era que a sentença de morte que pairava sobre todos, por causa do condenável e criminoso pecado, praticado pelo povo diariamente, era prorrogado por mais doze meses. Ora, isso apenas aumentava a dívida espiritual desse povo para com Deus, cada ano que passava (Hb 9.25; 10.1-3).

Cristo na cruz, pelo seu sangue expiou os nossos pecados uma vez para sempre — “... porque isso fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo” (Hb 7.27); “Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hb 9.26) —, mas a salvação só se realiza na vida de cada pecador quando este aceita o Redentor.

V – A REDENÇÃO

Como já vimos, redenção tem a ver com a pessoa do pecador. Ela é realizada por Jesus Cristo: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça” (Ef 1.7). Pois “... por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção” (Hb 9.12).

Definição de redenção. Nos dias bíblicos, redenção é a libertação de um escravo, mediante um resgate — gr. *lutron* (este termo aparece em Mateus 20.28) —, além de retirar esse escravo do mercado de escravos. Redenção sempre requer o preço a ser pago para garantir a liberdade do escravo.

Há sete principais palavras originais no Novo Testamento para redenção:

- 1) **Agorazo**, “compraste” (Ap 5.9). Comprar na praça. O pecador estava na praça do mercado de escravos, vendido ao pecado e servindo a Satanás: “Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus” (Rm 7.4).
- 2) **Exagorazo**, “resgatou” (Gl 3.13). Comprar o escravo na praça e retirá-lo de lá, para que não fosse mais exposto à venda: “Ele nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13).
- 3) **Lutroo**, “resgatados” (1Pe 1.18,19). Pagar o preço exigido pelo resgate de um escravo e libertá-lo.
- 4) **Lutrosis**, “redenção” (Hb 9.12). Libertar mediante o pagamento de resgate. É um termo mais vigoroso do que *lutroo*.
- 5) **Apolutrosis**, “redenção” (Ef 1.7). É empregado em Lucas 21.28 para significar soltura, libertação, livramento, desprendimento do povo de Deus, ao sair deste mundo opressor e escravizador, para ficar eternamente com o Senhor. Este termo é uma forma mais vigorosa que *lutrosis*.
- 6) **Antilutron** (1Tm 2.6). A troca de uma pessoa por outra; ou seja. a redenção de vida por vida, no caso de um cativo, escravo ou prisioneiro.
- 7) **Lutron**. O resgate pago pela redenção de um cativo, escravo ou prisioneiro de guerra.

A redenção dos pecadores. A nossa redenção espiritual foi planejada e decidida por Deus antes da fundação do mundo (1Pe 1.18,19; Ap 13.8). Essa redenção, em Cristo, é formosa e claramente ilustrada em Levítico 25 — principalmente nos versículos 25, 48 e 49 — e Rute 2.20; 3.9-13; 4.1-9. Nessas passagens, o termo *goel* significa “parente remidor”, o qual tinha de ser consanguíneo. Vemos claramente no papel desse parente remidor um tipo de nosso Redentor, o Senhor Jesus (Tt 2.14).

O triplice resultado da redenção. A nossa redenção efetuada por Jesus resulta na conversão da alma, pois esta foi perdida pelo homem, na sua Queda (Gn 2.17; Ez 18.20).

Outro resultado da redenção é a nossa ressurreição, isto é, a redenção do corpo. O homem perdeu o seu corpo ao perder o direito a comer da árvore da vida, no Éden, devido à Queda: “Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente” (Gn 3.22).

A redenção resulta também em domínio da terra. O ser humano perdeu a terra ao pecar (Gn 1.28). Em João 1.29, vemos que Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (cf. Ap 5.1-5,9). Na Segunda Vinda de Cristo, começará a redenção da terra, que fora amaldiçoada depois da Queda: “maldita é a terra” (Gn 3.17).

VI – A PROPICIAÇÃO

Em Êxodo 32.30, está escrito: “E aconteceu que, no dia seguinte, Moisés disse ao povo: Vós pecastes grande pecado; agora, porém, subirei ao Senhor; porventura, farei propiciação por vosso pecado”. Propiciar é aplacar; tornar benevolente o ofendido, mediante uma oferta judicial e expiatória, e que seja aceita.

A propiciação resulta da expiação. A palavra portuguesa “propiciação” deriva do latim propitio, “unir”, “reconciliar”, “pacificar”. O conceito pagão de propiciação é aplacar um deus irado, vingativo (cf. 1Rs 18.26,29). Mas, à luz da Palavra de Deus, implica satisfazer a Lei divina violada e, desse modo, remover aquilo que impedia Deus de fazer extravasar e fluir o seu amor, sua benevolência e suas bênçãos sobre o homem, salvando-o.

Propiciar a Deus não foi só satisfazê-lo, reparando a sua Lei e a sua vontade ultrajadas, mas torná-lo benevolente e abençoador do ofensor. Aqui na Terra quanto o próximo é ofendido e reparado, ele não quer ser benevolente nem abençoador do ofensor.

Jesus é a nossa propiciação (Rm 3.25; 1Jo 4.10). Como nosso Sumo Sacerdote, Ele é tanto a nossa propiciação, como o nosso propiciatório. “E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (1Jo 2.2).

A reconciliação do homem com Deus é resultado da propiciação pelo sangue de Jesus — gr. *katallage*, “reconciliação” (Rm 5.11). Assim como a expiação leva à propiciação, esta leva à reconciliação. Cristo, ao consumir a expiação dos nossos pecados, consumou também a nossa reconciliação com Deus e com o nosso próximo (Ef 2.16,17).

Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação (Rm 5.10,11).

Em 2Coríntios 5.18,19, está escrito: “E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação”. Vemos, aqui, que Ele nos deu o ministério da reconciliação (v.18) e pôs em nós a palavra da reconciliação (v.19).

A reconciliação que vem da expiação efetuada por Cristo abrange tudo o que foi criado, na terra e nos céus (Cl 1.20; Hb 9.12). Cristo, pelo seu sangue, promoveu a paz, já que nós não podíamos. Em hebraico, um dos termos para salvação é *shalom*, “paz”, “saúde”, “integridade”.

Ilustração de propiciação. Em Lucas 18.13 (ARA) está escrito: “Ó Deus, sê propício [gr. *hilaskomai*] a mim, [o] pecador”. Literalmente, o publicano da parábola mencionada em Lucas 18.9-14 estava dizendo: “Deus, olha para mim, o pior pecador, assim como tu olhas para o sangue propiciador aspergido sobre o propiciatório, na arca da aliança”. Deus teve prazer em responder à sua oração!

VII – A FÉ PARA A SALVAÇÃO

Fé não é crer sem provas — ela é baseada na maior de todas as provas: a Palavra de Deus. A fé é um fato, mas também um ato (Tg 2.17,26; Mt 17.20); manifesta-se por ações, por obras — “como um grão de mostarda”. Há dois aspectos da fé: ativo e passivo. A fé ativa diz respeito a nosso viver, nosso agir, nosso trabalhar para Deus. Já a passiva se relaciona com a fidelidade do crente ao Senhor e sua firme perseverança.

Como a fé salvífica se manifesta. A fé salvífica tem a ver com o pecador em relação a Deus (Ef 2.8,9; At 16.31), pois "... sem fé é impossível agradar-lhe, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6).

A pergunta que o jovem rico devia ter feito, em Mateus 19.16, seria: "Em quem devo crer para ser salvo?", e não "Que devo fazer para me salvar?" Salvação não é o que eu devo fazer, mas em quem devo crer para me salvar (At 16.31).

Em Romanos 10.9,10 está escrito: "Se, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação". De acordo com a passagem acima, o pecador confessa a Cristo e crê nEle como Senhor e Salvador — rende-se a Ele (Jo 9.38; Rm 4.3).

A fé natural. É a fé "da cabeça", natural, que não resulta em salvação. A Palavra de Deus diz que até os demônios crêem que há um só Deus e estremecem diante de tal fato (Tg 2.19). A fé que Tomé teve, inicialmente, foi meramente "da cabeça". Daí Jesus lhe ter dito: "Porque me viste, Tomé, creste" (Jo 20.29a). Isso também aconteceu com Marta (Jo 11.24,40).

Uma pessoa pode, por conseguinte, crer só com a mente, e não com o coração. A fé natural — também chamada de "pensamento positivo" — é de grande utilidade nas relações humanas, mas inoperante e sem valor para a salvação.

A defesa da fé. Textos como 2 Timóteo 4.7 e Filipenses 1.16 mostram que o crente deve defender a sua fé nesse mundo de tanta confusão. O apóstolo Paulo disse: "Combati o bom combate (...) guardei a fé". Isso significa que devemos viver pela fé a cada dia, sem esmorecer, defendendo o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. A fé deve ser conservada, pois é essencial à vida cristã (Rm 1.17; Gl 2.20; 2Pe 1.5; Hb 11.6).

Outras expressões da fé. A significação do termo "fé" varia, no Novo Testamento. Em Gálatas 5.22, como uma das virtudes do fruto do Espírito, expressa fidelidade. Há ainda outras expressões da fé: um dom do Espírito (1Co 12.9), o evangelho completo (2Tm 4.7), uma confiança absoluta em Deus, proteção ou "escudo" (Ef 6.17), além de uma fé que santifica (Fp 3.9).

VIII – O ARREPENDIMENTO

A fé se relaciona com Deus; o arrependimento, com o pecado. O arrependimento, pois, é uma doutrina básica quanto à salvação (Mt 3.2; 4.17; Lc 13.3; Mc 6.12). Foi por isso que Jesus ordenou que “em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém” (Lc 24.47).

O verdadeiro arrependimento é o que produz convicção do pecado; contrição do pecado; confissão do pecado; abandono do pecado; e conversão do pecado. Se essas cinco reações por parte do homem não ocorrerem, não se trata de arrependimento verdadeiro, completo, mas apenas tristeza e remorso: “Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte” (2Co 7.10).

Para que o homem não se glorie, o verdadeiro arrependimento é obra de Deus (At 5.31; 11.18; 2Tm 2.25; Rm 2.4). Até o abrir do coração do pecador para o evangelho vem de Deus: “E certa mulher, chamada Lídia (...) nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia” (At 16.14). Isso ocorre pela exposição da Palavra de Deus, que conduz a pessoa ao arrependimento, sendo ela crente ou não (At 2.37,38,41; Jn 3).

Uma das características sempre presente nos verdadeiros avivamentos, bem como entre um povo que se mantém avivado espiritualmente, é o arrependimento profundo.

O arrependimento deve sempre acompanhar o crente durante toda a sua vida. Isso demonstra sua humildade e fá-lo zeloso de Deus e de suas coisas. Davi, por exemplo, era um crente que sabia se arrepender e chorar diante de Deus; e por isso venceu. O filho pródigo iniciou o caminho de subida, de volta ao pai, a partir do momento em que começou a se arrepender.

IX – A CONFISSÃO E O PERDÃO

No original, o verbo *homologeio* (gr.) e o substantivo *homologia* são os termos para confissão. Confessar é dizer de coração o que Deus diz sobre nós na sua Palavra (Rm 10.9,10; Lv 5.5; Sl 38.18; 1Jo 1.9). No sentido bíblico, confissão não se refere primeiramente a confessar pecados. Significa concordar com o que Deus diz sobre nós — e dEle — na

sua Palavra, bem como reconhecer os nossos pecados e faltas como sendo nossos e admitir os nossos erros, falhas, pecados e declará-los (At 19.18).

Vemos em Hebreus 3.1 que Jesus Cristo é o Sacerdote da nossa confissão, isto é, a quem confessamos quanto à nossa salvação e tudo o mais pertinente à fé. Em 1João 1.9, está escrito: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”.

Elementos da confissão. De acordo com o 1João 1.9, a confissão deve ser uma contrita e definida: “nossos pecados”. Observe que são “pecados” (plural). Outro elemento é a renúncia ao pecado (Pv 28.13). E, quanto for o caso, a confissão deve ser com restituição.

Confissão secreta. É a confissão feita somente a Deus. Confissão de pecados cometidos pelo crente e conhecidos somente por ele e Deus. Tais pecados devem ser confessados secretamente ao Senhor, dependendo isso da base bíblica desse crente e da confiança plena e firme no que Deus declara na sua Palavra.

Confissão pessoal. É a confissão feita a pessoas contra quem pecamos. Nesse caso, antes de irmos a Deus contritamente, temos de tratar com o ofendido ou o cúmplice, pois a comunhão espiritual é tanto vertical (comunhão com Deus) como horizontal — comunhão com o próximo (1Jo 1.7a).

Confissão pública. É a confissão feita à igreja, à congregação. São pecados conhecidos, cometidos contra a coletividade cristã.

É importante distinguir perdão divino (1Jo 1.9) de perdão humano (Cl 3.13). Do lado divino, perdão é a cessação da ira moral e santa de Deus contra o pecado, e o seu cancelamento ou anulação. Visto do lado humano, o perdão é o alívio ou remissão da culpa do pecado, que oprime a consciência culpada.

Perdão é a remissão da punição do pecado, o qual conduz à perdição eterna (Nm 23.21; Rm 8.33,34). Para nós, seres humanos, que, pela Queda, herdamos uma natureza pecaminosa e pecadora, parece fácil o perdão, e parece fácil Deus nos perdoar; isso por sermos todos uma raça de pecadores. Porém, com um Deus santíssimo em quem não há pecado, o caso é diferente!

Ora, até o homem acha difícil perdoar quando é injustiçado. Quanto mais Deus! Deus nos perdoa porque Ele é amor; mas saibamos que o seu perdão é baseado na mais perfeita justiça (1Jo 1.9).

Perdão judicial. É para o descrente. A condição exigida por Deus para esse perdão é a conversão do pecador: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham, assim, os tempos do refrigério pela presença do Senhor” (At 3.19). O meio exigido, portanto, é a fé em Deus.

Perdão doméstico. É para o filho de Deus; da casa de Deus. A condição exigida é a confissão dos pecados com arrependimento e o abandono desses pecados (*1Jo 1.9; Pv 28.13*).

O meio exigido é também a fé em Deus, e segundo a Palavra. Se a condição exigida por Deus para perdoar o crente faltoso fosse uma nova conversão, seria necessário nos convertermos constantemente...

As consequências de o crente não querer perdoar. O crente se recusar a perdoar, não querer perdoar de forma alguma, é uma atitude que afeta comunhão com Deus, individual e coletivamente. Afeta, ainda, a nossa comunhão com os irmãos — com a igreja —, bem como o nosso caráter cristão e a nossa saúde em geral (cf. Mt 18.34,35).

Jesus, no seu ensino, no “Pai Nosso”, o único assunto que Ele repetiu três vezes foi o perdão; isto é, perdoarmos aos outros (Mt 6.12,14,15). O momento ideal para o crente perdoar o seu ofensor é durante a oração (Mt 11.25). Até nisso a oração é uma bênção! Crente que ora pouco, também perdoa pouco (ou nunca).

Além do perdão entre os irmãos, deve haver reparação, quando for o caso (cf. Ef 5.28; At 16.33; Lv 4-6).

Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Dize aos filhos de Israel: Quando homem ou mulher fizer algum de todos os pecados humanos, transgredindo contra o Senhor, tal alma culpada é. E confessará o pecado que fez; então, restituirá pela sua culpa segundo a soma total, e lhe acrescentará o seu quinto, e o dará àquele contra quem se fez culpado (Nm 5.5-7).

X – A REGENERAÇÃO ESPIRITUAL

O termo regeneração tem a ver com a nossa inclusão na família de Deus (1Pe 1.3,23; Tt 3.5). Em Gênesis 1.27, temos a criação natural do homem; em Efésios 2.10, temos a sua criação espiritual.

Regeneração é o ato interior da conversão, efetuada na alma pelo Espírito Santo. Conversão é mais o lado exterior e visível da

regeneração. Uma pessoa verdadeiramente regenerada pelo Espírito Santo é também convertida (cf. Lc 22.32).

Sendo regenerado pelo Espírito Santo, o crente é declarado filho de Deus (Jo 1.12,13). O que ocasiona a regeneração espiritual não é primeiramente a justificação pela fé, mas a comunicação da vida de Cristo — da “vida eterna” ao pecador arrependido. Justificação tem a ver com o pecado do pecador; regeneração tem a ver com a natureza do pecador. Justificação é imputada por Deus; regeneração é comunicada por Deus.

Bem vês que a fé cooperou com as suas obras e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada, e cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus (Tg 2.22,23).

XI – A IMPUTAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS

Imputação é o lançamento ou creditamento da justiça de Cristo a nosso favor, mediante a nossa fé em Cristo (Rm 4.3ss; Gl 2.16ss; 3.6-8; Gn 15.6; Tg 2.23). “O Senhor Justiça Nossa” (Jr 23.6). “Mas vós sois dele em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus (...) justiça” (1Co 1.30).

O princípio da doutrina da imputação da justiça de Deus é visto em passagens como Gênesis 3.21; 6.14 (hb.); e 15.6. Em Filemom v.18 e Filipenses 4.17 vemos a imputação ilustrada na prática natural:

E, se te fez algum dano ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta. Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que aumente a vossa conta.

Assim como a justiça divina é imputada ao que nEle crê, ao ímpio impenitente são imputados os seus pecados contra Deus (Sl 32.2). E também, da mesma forma, à nossa conta podem ser imputados males que cometemos contra o próximo (2Tm 4.16; At 7.60; 1Ts 4.6; Mt 6.12 — “as nossas dívidas”).

Somos feitos justos diante de Deus, não primeiramente pela influência da moral cristã sobre nós, mas primordialmente pela imputação da justiça (retidão) de Deus sobre nós, pela fé em Jesus Cristo. Aleluia ao Deus Trino!

Respondida está, por Deus, a pergunta de Jó, de antanho: “Como seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce da mulher?” (Jó 25.4).

XII – A ADOÇÃO DE FILHOS

A adoção de filhos é mencionada em textos como Romanos 8.15; Efésios 1.5; e João 1.12.

Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.

[Deus Pai] ... nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade.

Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome.

A expressão “adoção de filhos” é uma única palavra no original: *huiothesis* — de *huiois*, “filho”, e *thesis*, “posição”. A idéia da adoção de filhos também se encontra no Antigo Testamento (Êx 2.10 com Hb 11.24; Êx 4.22 Com Os 11.1 e Mt 2.15).

Em Efésios 1.4,5 está escrito que fomos predestinados por Deus para adoção de filhos, antes da fundação do mundo; portanto, antes da existência do homem. Isso exclui qualquer mérito humano e somente revela a graça infinita de Deus.

Na antiga Grécia. A adoção de filhos, na antiga Grécia, nada tinha a ver com a filiação da criança, e sim com a sua posição em relação à família (gr. *huiothesis*). Por meio do ato da adoção, o “filho”, ao atingir a idade necessária, passava à posição de herdeiro da família. Daí a expressão bíblica “adoção de filhos” (Gl 4.4,5).

O ato da “adoção de filhos” passou dos gregos para os romanos, e assim chegou aos tempos do Novo Testamento e da igreja. Biblicamente, então, Deus “adota” a quem já é seu filho.

No presente. Há bênçãos desfrutadas já nesta vida, decorrentes da adoção, como: o nosso nome de família: “chamados filhos de Deus” (1Jo 3.1; Ef 3.14,15); o testemunho do Espírito Santo em nosso interior, de que somos filhos de Deus (Rm 8.16); o recebimento do Espírito Santo (Rm 8.15; Lc 11.11-13); a disciplina da parte de Deus que nos é ministrada, como seus filhos: “Se estais sem disciplina (...) sois então bastardos, e não filhos” (Hb 12.8; cf. vv.6-11); a nossa herança celestial, declarada e garantida por Deus (Rm 8.17); e a redenção do nosso corpo.

Por meio da adoção, os nossos nomes foram registrados no livro da vida do Cordeiro (Lc 10.20; Fp 4.3; Ap 17.8; 3.5; 13.8; 20.12,15; 21.27). Tudo indica, segundo as Escrituras, que Deus tem três classes de livros (ou registros). Ele tem um livro para cada ser humano; outro, com o nome de cada salvo; e um terceiro com as obras de cada ser humano (cf. Êx 32.32,33; 2 Sm 1.18; Sl 56.8; 139.16; 69.28; Dt 29.18-20; Dn 12.1; Mt 3.16).

No futuro. Em Romanos 8.23, vemos que os nossos privilégios quanto à adoção de filhos de Deus têm ainda um lado futuro: "... gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo". Isso se dará à vinda de Jesus para levar a sua Igreja.

Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso, o mundo não nos conhece, porque não conhece a ele. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro (1Jo 3.1-3).

XIII – A SANTIFICAÇÃO

A justificação efetuada por Deus para nos salvar põe-nos em correto relacionamento com Ele. Já a santificação comprova a realidade da justificação em nossa vida, manifestando seus frutos em nós; em nossa vida.

Santo é aquele crente que vive separado do pecado, do mal, do mundo (mundanismo), e dedicado a Deus e ao seu serviço. Observe as palavras de Paulo em Atos 27.23: "*Porque, esta mesma noite, o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo*".

O cristão tem duas naturezas: uma humana, herdada de Adão, pela geração natural; e outra, divina, através da geração espiritual (1Pe 1.23). Daí a santificação do crente ter dois aspectos: um diante de Deus, e outro, diante de si mesmo e do mundo (1Jo 3.3; 2Co 7.1; Hb 12.14; Mt 5.16). Essas duas naturezas do crente são vistas em Gálatas 5.17 e Romanos 6—8.

Em Levítico 20.8 — "Eu sou o Senhor que vos santifica" — vemos a santificação do crente diante de Deus, mas, no versículo 7, menciona-se a santificação crente diante de si mesmo e do mundo: "Santificai-vos e sede santos" (cf. 1Pe 1.15).

Santificação de objetos, eventos, datas, pessoas, animais.

Esse aspecto da santificação é muito comum em relação ao Tabernáculo e seus objetos, e seus oficiantes, os quais pertenciam somente a Deus, como vemos nos livros de Êxodo e Deuteronômio. Esse aspecto da santificação implica um só sentido, que é a posse de Deus, e a dedicação e separação desses elementos para o serviço de Deus.

Nesse sentido, os templos atuais da igreja são santificados a Deus, bem como os objetos dedicados ao serviço dEle.

Santificação de pessoas. Há dois principais sentidos de santificação do crente em relação a Deus. O primeiro diz respeito à separação do mal para pertencer a Deus — “Ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo” (Lv 20.26). É o sentido negativo da santificação, pois se ocupa do “não farás isso; não farás aquilo”, etc.; é separar-se para Deus.

O segundo sentido de santificação do crente é o positivo. O crente, já separado do mal, dedica-se a Deus para o seu serviço, ocupa-se em fazer algo para Ele: “De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor e preparado para toda boa obra” (2Tm 2.21). Paulo, ao falar de Deus, disse: “de quem eu sou e a quem eu sirvo” (At 27.23).

A santificação é dúplice. Ser santo não é somente evitar o pecado, mas também servir ao Senhor, com a vida; com os talentos; com os dons; com os bens; com a casa; com o tempo; com as finanças; com os serviços, inclusive mão de obra. Por isso, muitos crentes não conseguem viver uma vida santa; eles não vivem pecando continuamente, mas não querem nada com as coisas do Senhor, nem com a sua obra, para zelar por ela e promovê-la.

Os tempos da santificação. A santificação de pessoas quanto à vida cristã abrange três tempos:

1) Santificação passada e instantânea (1Co 6.11; Hb 10.10,14; Fp 1.1; 1Co 1.2; Jo 15.4). É aspectual e posicional, isto é, o crente estando “em Cristo” (Cl 1.20; Fp 1.1). O crente posicionalmente “em Cristo” não pode ser mais santo do que o é no momento da sua conversão, pois a santidade de Cristo é a sua santidade (cf. 1Jo 4.17). Na Igreja Romana, alguns são “canonizados” (feitos santos) depois de mortos, mas no Reino de Deus é diferente: os salvos são santos aqui, enquanto estão vivos!

2) Santificação presente e progressiva (2Co 7.1). É temporal, vivencial. É a santificação experimental, ou seja, na experiência humana, no dia-a-dia do crente (1Ts 5.23; Hb 13.12 — “para santificar o seu povo”). A santificação posicional e a experimental (progressiva) são vistas juntas nestas passagens: Hebreus 12.10 com 12.14; Filipenses 3.15 com 3.12; João 15.4 com 15.5; 1Coríntios 1.2; Filipenses 1.1; e Levítico 20.7 com 20.8.

3) Santificação futura e completa (Ef 5.27; 1Ts 3.13). É plena; trata-se da santificação final do crente (1Jo 3.2). Ela ocorrerá à Segunda Vinda de Jesus, para levar os seus (1Jo 3.2; Ef 5.26,27). Seremos então mudados: “num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Co 15.52).

Alerta divino. A Palavra de Deus tem um alerta para a igreja quanto à santificação: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

E ainda: “Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça” (Ec 9.8). Tenhamos cuidado com a falsa santidade, enganosa, sectarista, farisaica e exclusivista (2Tm 3.5); sigamos a verdadeira santidade (Ef 4.24).

XIV – A PRESCIÊNCIA DE DEUS E A ELEIÇÃO

A presciência de Deus é o seu pré-conhecimento de todas as coisas (1Pe 1.2; Rm 8.29). Ela é parte do seu atributo de onisciência. Ele pré-conhece todas as coisas sobre o homem, mas não as evita, por ser o homem livre e responsável por seus atos. No caso do pecado de Adão, o Senhor sabia disso na sua presciência; porém, não o evitou, por ter Adão livre-arbítrio.

No caso de Judas Iscariotes, vemos que ele, que foi escolhido por Jesus como um dos doze (Jo 6.70; Lc 6.13), “tirava” — e não “tirou” — da bolsa o que ali se lançava, o que indica um ato voluntário, preconcebido e continuado (Jo 12.6). E mais: a Palavra de Deus diz que Judas “se desviou”, o que denota ato voluntário, consciente e gradual (At 1.25). É importante enfatizar que ele não nasceu marcado para trair o nosso Senhor; apenas enquadrou-se nas condições da profecia sobre aquele que seria o traidor.

O rei Saul — que fora enviado por Deus (1 Sm 9.15-17); ungido por Ele (1 Sm 10.1); mudado (1 Sm 10.9); possuído pelo Espírito (1 Sm 10.10); o qual profetizara pelo Espírito (1 Sm 10.10-13); edificara um altar ao Senhor (1 Sm 14.35) — também desviou-se, ao edificar “uma coluna para si” (1 Sm 15.12) e envolver-se, em seguida, em práticas espíritas. Por fim, morreu como suicida; distânciado de Deus.

Demas foi um obreiro que trabalhou com o apóstolo Paulo, porém se desviou, como lemos em 2 Timóteo 4.10: “Porque Demas me desamparou, amando o presente século...” Outros que também “naufragaram na fé”, desviando-se do caminho da verdade, foram Himeneu e Alexandre (1Tm 1.19,26). Basta ler a sucinta biografia desses obreiros para chegar à conclusão de que eles escolheram o seu próprio caminho, haja vista a presciência de Deus não forçar a livre-vontade do homem.

O Todo-Poderoso, como onisciente, conquanto conheça de antemão os que o rejeitarão, não interfere, por ter Ele criado o homem dotado de livre-arbítrio. Deus não viola esse princípio. Sim, o Senhor não criou o homem como um autômato, um robô, mas como ser moral, responsável por seus atos, com a faculdade de decisão e livre-escolha — se bem que essas faculdades estão grandemente prejudicadas pelo efeito deletério do pecado, principalmente incredulidade e rebeldia.

“Eleição” e “escolha” são apenas um termo, no original: *ek-lego*. A eleição “olha” para o aspecto passado da nossa salvação (1Pe 1.2; Ef 1.4). Eleição divina é, pois, a nossa escolha para a salvação, feita por Deus. Nós, pecadores por natureza, não sabemos escolher, mas o Senhor nos escolhe (Jo 15.16). É claro que a eleição, em si, não implica salvação:

Mas devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade (2Ts 2.13).

eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: graça e paz vos sejam multiplicadas (1Pe 1.2).

Na Bíblia mencionam-se a eleição divina coletiva, como a de Israel (Is 45.4; 41.8,9) e a da Igreja (Ef 1.4); e a individual, como a de Abraão (Ne 7.9) e a de cada crente (Rm 8.29). A vocação e a eleição do crente, do lado humano, são imperfeitas, como lemos em 2Pedro 1.10:

“Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca, jamais tropeçareis”.

A escolha divina ocorre da maneira como é descrita em 1 Tessalonicenses 1.4-10. Ela se dá pelo recebimento do evangelho, pela fé, e permanência em Cristo, mediante a santificação daqueles que se convertem dos ídolos ao Deus vivo e verdadeiro, a fim de servi-lo “e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura” (v.10).

Deus não elege uns para a salvação, e outros, para a perdição. O homem é capaz de fazer a livre-escolha. Cristo não morreu apenas pelos escolhidos. E a graça de Deus não é irresistível, como muitos ensinam, valendo-se do falacioso chavão “Uma vez salvo, salvo para sempre”.

XV – A PREDESTINAÇÃO

A predestinação “olha” para o aspecto futuro de nossa salvação (Rm 9.29; Ef 1.5,11). Segundo as Escrituras, ela é o nosso pré-destino. A salvação não é um decreto divino, pois isso seria um fatalismo cego e impróprio atribuído a Deus.

O decreto de Deus. A expressão em apreço, conforme mencionada em Romanos 8.28 (gr. *prothesis*) aparece em outras passagens como “decreto”, “propósito” (Rm 9.11; Ef 1.11; 3.11; 2Tm 1.9). Trata-se do eterno propósito de Deus, segundo o desígnio de sua própria vontade, pelo qual Ele preordenou, para a sua glória, tudo o que acontece. Esta definição é geral e não abrange especificamente a salvação da humanidade, como a que se segue.

Deus decretar é uma coisa; a execução por Ele desse decreto, outra, como lemos em 2 Timóteo 1.9: “[Deus,] que nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos”.

Alguns fatores implícitos na execução do decreto de Deus são:

- O tempo determinado por Deus, isto é, o “quando” do Senhor.
- A condicionalidade ou a incondicionalidade do seu decreto (2Tm 1.9).

O decreto da criação do mundo, que teve lugar na eternidade passada, só foi executado por Deus “no princípio” (Gn 1.1). Apesar de o decreto do advento de Jesus vir da eternidade (Ap 13.8; 1Pe 1.20), o seu cumprimento só ocorreu em Belém. O Reino, preparado desde a fundação do mundo, só será desfrutado no futuro (Mt 25.34).

Da mesma forma, o decreto da nossa eleição para a salvação é eterno, mas só começou a se cumprir quando Cristo veio (2Tm 1.9; Rm 8.28; 9.11,23,24; 16.25; Ef 1.9; 3.11).

... [Deus, o Pai] nos elegeu nele [Cristo] antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade (Ef 1.4,11).

E os gentios, ouvindo isto, alegraram-se e glorificaram a palavra do Senhor, e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna (At 13.48).

Predestinação divina e livre-escolha humana. Na Bíblia temos tanto a predestinação divina como a livre-escolha humana, em relação à salvação; mas não uma predestinação em que uns são destinados à vida eterna, e outros, à perdição eterna. Mas a Palavra de Deus não apresenta uma livre-escolha humana, como se a salvação dependesse de obras, esforços e méritos humanos.

Os extremos nesse assunto (e noutros) é que são maléficos, propalando ensinamentos que a Bíblia não contém. A ênfase inconsequente à soberania de Deus no tocante à salvação leva a pessoa a crer que a sua conduta e procedimento nada têm com a sua salvação. Por outro lado, a ênfase inconsequente à livre-vontade (livre-arbítrio) do homem conduz ao engano de uma salvação dependente de obras, conduta e obediência humanas.

Ora, somos salvos não por aquilo que fazemos ou deixamos de fazer para Deus, mas pelo que Jesus já fez por nós, uma vez para sempre. Há muitos tendo a salvação dependente de suas obras, obediência, conduta, santidade, etc. Não é de admirar que os tais caiam e não se levantem, e que quando pequem duvidem da sua salvação.

Na realidade, parece incoerente e irreconciliável que algo predestinado por Deus admita livre-escolha ou livre-vontade. Mas, só porque não entendemos algo, ou entendemo-lo apenas em parte, deixa ele de existir? A conversão, por exemplo, tem muito de misterioso:

Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito. Nicodemos respondeu e disse-lhe: Como pode ser isso? Jesus respondeu e disse-lhe: Tu és mestre de Israel e não sabes isso? (Jo 3.7-10).

Há muitas coisas com as quais convivemos em nosso dia-a-dia, e que não as entendemos bem, ou quase nada, e, contudo, não queremos passar sem elas: o sono (semi-hibernação), os sonhos (o mundo onírico), o metabolismo basal, a teoria eletrônica, a eletricidade, o vento, a água suspensa no espaço (infinitas toneladas!), etc.

Há quem afirme que uma pessoa verdadeiramente salva não poderá jamais perder-se. Mas, quanto a isso, precisamos ver o que realmente a Bíblia diz, não esquecendo os princípios da exegese bíblica, e o que essas pessoas deduzem do que a Bíblia diz.

Calvinismo e arminianismo. Muitos têm seguido cegamente a João Calvino — teólogo francês, radicado na Suíça, falecido em 1564 —, o qual pregava a predestinação fatalista, que inclui eleição arbitrária de indivíduos, graça irresistível e impossibilidade de perda da salvação.

Outros têm seguido as idéias de Jacobus Arminius, holandês falecido em 1609, o qual pregava doutrinas perigosas quanto à salvação e a segurança dela. Um perigo fatal a que pode levar o arminianismo é o crente depender de suas obras, de sua conduta, de seu porte, de sua obediência pessoal, para a sua salvação (Hb 9.12). Nesse extremo campeia a falsa santidade, sendo o homem enganado pelo seu próprio coração (Jr 17.9).

No caso da predestinação e da livre-escolha, no tocante à salvação, a tendência humana é rejeitar uma ou outra. Os arminianistas extremistas rejeitam a predestinação, e os calvinistas extremistas rejeitam o livre-arbítrio.

Entretanto, um exame atento e livre de preconceito da Palavra de Deus mostra que, através da obra redentora de Jesus, Deus destinou de antemão (predestinou) todos os homens à salvação: “quem quiser, tome de graça da água da vida” (Ap 22.17; Is 45.22; 55.1; Mt 11.28,29; 2Co 6.2; 1Tm 2.4). De acordo com João 12.32, todos podem ser atraídos a Cristo. Mas não são todos que seguem a Cristo.

A predestinação segundo os predestinalistas. Estes dizem que o homem, decaído como está, no seu estado de depravação total, é incapaz de fazer livre-escolha concernente a sua salvação, pois está incapacitado espiritualmente para isso. Então Deus elege o homem para a salvação. Segundo essa teoria, Deus elege uns para a salvação, comunicando-lhes também a fé. Os demais, não-escolhidos, estão perdidos. Isso equivale a dizer que Cristo morreu apenas pelos “escolhidos”.

Do raciocínio acima decorre outro: que a graça de Deus é irresistível, isto é, a graça de Deus não pode ser recusada por aqueles a quem Deus escolhe salvar. Segundo o predestinalismo, a salvação é um decreto divino, e a conversão é simplesmente o início da execução desse decreto. O termo “decreto” é extraído de textos como Romanos 8.28: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto”.

Afirmam também os predestinalistas que a vida eterna em Cristo é um dom de Deus, e que uma vez recebida não pode ser jamais perdida em consequência de qualquer ato ou determinação da vontade humana. E que se, de fato, o crente nasceu de novo, está eternamente salvo. Caso venha a desviar-se, comprometerá, sim, o seu galardão, mas jamais perderá a sua salvação, nem cairá em apostasia. É como alguém que, estando a bordo de um navio, escorrega e cai, porém continua a bordo.

Finalmente, dizem que o crente salvo “está escondido com Cristo em Deus” (Cl 3.3), e que o Inimigo jamais o achará, nem jamais o arrebatará dessa posição. Em abono dessa predestinação fatalista, os predestinalistas citam textos como João 6.37; 10.28,29; Romanos 8.28-30; Efésios 1.4,5; 2 Tessalonicenses 2.13; Eclesiastes 3.14; Filipenses 1.6; 1Pedro 1.2; e Apocalipse 17.8 — mas sem interpretá-los à luz de seus respectivos contextos imediato e remoto.

Ora, proceder como acima exposto é adaptar a Bíblia ao raciocínio humano; ou seja, ao modo humano de pensar, como se a Palavra de Deus dependesse de argumentos humanos.

A Bíblia é contrária ao predestinalismo. A Palavra de Deus não afirma que Cristo morreu apenas pelos eleitos. Cristo morreu por todos, e não somente pelos eleitos (1Tm 2.4,6; 1Jo 2.2; 2Pe 3.9; At 2.21; 10.43; Tt 2.11; Hb 2.9; Jo 3.15,16; 2Co 5.14; Ap 22.17). Ora, aqui não se

trata somente de “eleitos”, mas de “todos” que quiserem ser salvos. O falso ensino de que Cristo teria morrido apenas pelos eleitos pode conduzir a um desinteresse pela evangelização, haja vista Deus já ter escolhido os perdidos que vão para o inferno.

Qualquer pessoa que crê em Jesus torna-se um dos escolhidos de Deus, pois somos eleitos em Cristo (Ef 1.4). Em Mateus 22.1-14, vemos que todos os convidados foram “chamados”; porém “escolhidos” foram os que aceitaram o convite do rei. No versículo 14, a expressão “muitos são chamados, mas poucos escolhidos” revela, portanto, que das multidões que ouvem o evangelho apenas uma pequena parte crê em Cristo e o segue.

Deus elegeu a si um povo chamado Igreja, e não indivíduos, isoladamente. Somos predestinados porque somos parte da Igreja de Deus; não somos parte da Igreja porque fomos antes, individualmente, predestinados. Se, na Igreja, como Corpo de Cristo, alguém individualmente se desvia, e não volta, a eleição da Igreja não se altera.

De igual modo foi a eleição de Israel. O Senhor elegeu aquele povo para si; não indivíduos de per si. É tanto que milhares de israelitas se desviaram, porém a eleição de Israel, como povo, prosseguiu.

A livre-escolha do homem é uma realidade inconteste. A Bíblia acentua a cada passo a responsabilidade do homem no tocante à sua salvação. Deus oferece a salvação e, mediante o seu Espírito, convence o pecador do seu pecado, da justiça e do juízo. O homem aceita a salvação ou rejeita-a (Is 1.19,20; Js 24.15; Dt 30.19; Jo 1.11,12; 3.15,16,19; Ap 22.17; Lc 13.34; At 7.51; 1Rs 18.21; 1Tm 4.1; 2 Cr 15.2; Mc 16.16; Hb 2.3; 3.12; 12.25).

Não existe graça irresistível. O homem através dos tempos tem resistido a Deus, por suas incredulidade e rebeldia (At 7.51; 1Ts 5.19; Pv 1.23-30; Mt 23.37; 2Pe 2.21; Hb 6.6,7; Tg 5.19). Ora, a ação do Espírito Santo no pecador, para que se salve, é persuasiva, e não compulsória: “Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens à fé, mas somos manifestos a Deus; e espero que, na vossa consciência, sejamos também manifestos” (2Co 5.11).

Um cristão salvo pode vir a se perder; pode, sim, desviar-se, cair em pecado e perecer, caso não se arrependa ante a insistência do Espírito Santo (Ez 18.24,26; 33.18; Hb 3.12-14; 5.9; 1Tm 4.1; 5.15; 2Pe 3.17; 2.20-22; Rm 11.21,22; 1Ts 5.15; Dt 30.19; 1 Cr 28.9; 2 Cr 15.2; 1Co 10.12; Jo 15.6). Essa verdade fica ainda mais evidente quando

consideramos o “se” condicional quanto à salvação (Hb 2.3; 3.6,14; Cl 1.22,23), bem como a condição “ao que vencer”, que aparece sete vezes em Apocalipse 2—3.

As palavras de Jesus em João 6.37 — “Todo o que o Pai me dá, esse virá a mim, e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” — significam que Deus destinou à salvação, não somente este ou aquele indivíduo, mas sim todo aquele que nEle crê (Jo 3.16). Ou seja, tal passagem refere-se ao fato de Deus aceitar o pecador quanto este vem a Ele.

Outro texto empregado pelos predestinalistas é João 10.27,28: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará das minhas mãos”. Note que o versículo 27 mostra as condições da ovelha, para que ela nunca venha a perecer, nem sair das mãos de Jesus e do Pai (cf. Jo 6.67).

Se não há perigo de queda definitiva para o crente, por que a Bíblia adverte com tanta ênfase para que ninguém caia (1Co 10.12; Hb 3.12; Jo 15.6; 1Tm 4.1 [“apostatarão”]; 2Ts 2.3 [“apostasia”]; Pv 16.18; 28.14; Ap 2.4,5)?

Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis... (Rm 8.13).

Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca, jamais tropeçareis (2Pe 1.10).

Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado (1Co 9.27).

... porquanto vos desviastes do Senhor, o Senhor não será convosco (Nm 14.43).

O verdadeiro significado da predestinação. Em 1 Timóteo 2.4, está escrito: “[Deus] quer que todos os homens se salvem”. Nisto está incluído o mundo inteiro que queira. De fato, todos os que verdadeiramente crêem se salvam; somos testemunhas disso. O Senhor predestinou à salvação todo aquele que aceitar a Jesus. A própria aceitação já é um dom de Deus, para que ninguém se glorie julgando que assim contribuiu para a sua salvação.

A predestinação fatalista da alma, como ensinada pelos calvinistas, bem como a dependente de obras humanas, propalada pelos arminianistas, não têm apoio na Palavra de Deus. O termo original de onde provém a nossa palavra “predestinação” (gr. pro-oridzo) significa “destinar de antemão”, “predeterminar”, “preestabelecer”, “prefixar”, “preeleger”, etc.

Esse vocábulo aparece seis vezes no Novo Testamento, variavelmente traduzido, dependendo da versão utilizada. Na versão Revista e Corrigida (ARC), a palavra aparece nas seguintes passagens:

 Atos 4.28 — “anteriormente determinado”.

 Romanos 8.29 — “predestinou”.

 Romanos 8.30 — “predestinou”.

 1Coríntios 2.7 — “ordenou antes”.

 Efésios 1.5 — “predestinou”.

 Efésios 1.11 — “predestinados”.

A predestinação que a Bíblia realmente ensina não é a de uns para a vida eterna e a de outros para a perdição eterna. A predestinação é para os que quiserem ser salvos, conforme lemos em 2 Tessalonicenses 2.13 e 2 Timóteo 2.10: “Deus nos escolheu desde o princípio para a salvação”; “Escolhidos para que também alcancem a salvação”.

Predestinação é o ato divino pelo qual Deus decide ou destina de antemão, segundo a sua soberana e perfeita vontade. Ela depende da eleição e seus propósitos. Eleição é o ato divino pelo qual Deus escolhe ou elege um povo para si, para salvá-lo (2Ts 2.13). Predestinação é o ato de Deus determinar o futuro desse povo. No Novo Testamento, esse povo é a Igreja, o Corpo de Cristo, do qual — se somos salvos mesmo! — somos parte (Ef 1.22,23).

Na predestinação de Deus para a Igreja está a sua conformação à imagem do Filho de Deus (Rm 8.29), a sua chamada para a salvação (Rm 8.30), a sua justificação (Rm 8.30) e a sua glorificação (Rm 8.30). Essa conformação depende de chamada, justificação e glorificação. E depende, ainda, da santidade de Deus (Ef 1.4) e da adoção de filhos (Ef 1.5).

Outrossim, a eleição divina não consiste somente na soberania de Deus, mas também na sua graça (Rm 11.5). Em relação a indivíduos, isoladamente, a predestinação e a eleição somente têm lugar se a pessoa estiver incluída “em Cristo” (Ef 1.4), bem como permanecendo “santa e irrepreensível” (Ef 1.4b; Cl 1.22,23; 1Co 1.2; Cl 1.2; 1Jo 2.6).

XVI - A JUSTIFICAÇÃO

Justificação é o ato judicial de Deus, pelo qual Ele declara justo o pecador que põe sua fé para a salvação em Jesus, ficando assim isento de culpa e condenação (Rm 8.30). A justificação é um ato e também um processo, como a santificação experimental na vida do crente; ela é primeiramente um ato de Deus.

O que é justificar? É Deus declarar justo diante dEle o transgressor que crê em Jesus como o seu Salvador pessoal (Rm 4.3-5; 8.33). Justificar, como Deus justifica, é mais que perdoar. Na teologia sistemática, a justificação precede a santificação, mas na Bíblia a santificação precede a justificação (1Co 6.11), que também é um processo — “justificação de vida” (Rm 5.18).

Diferenças entre justificar e perdoar. O perdão remove a condenação do pecado; a justificação nos declara justos diante de Deus; isto é, como se nunca tivéssemos pecado! Que maravilhosa graça!

Somente Deus pode perdoar e também justificar a um só tempo. O homem jamais pode fazer isso; ele pode relativamente perdoar, mas não justificar — declarar justo um transgressor da lei. Como é possível um Deus perfeitamente justo perdoar e também justificar o ímpio, transgressor, sobrecarregado de delitos e pecador?

Mediante o seu amor, Deus substituiu o culpado pelo inocente. O imaculado Cordeiro de Deus, no Calvário, pelo amor divino, nos substituiu, levando sobre si os nossos pecados.

Verdades fundamentais da justificação pela fé. As verdades fundamentais da justificação pela fé em Deus são cinco: (1) a sua origem é a graça de Deus (Rm 3.24; Tt 3.7); a sua base, o sangue de Jesus (Rm 5.9); o seu meio, a fé (Rm 5.1; 3.25); o seu testemunho perante os homens são as obras (Tg 2.24); e a sua causa instrumental é a ressurreição de Jesus Cristo (Rm 4.25).

XVII - A SEGURANÇA DA SALVAÇÃO

O crente está seguro quanto à sua salvação enquanto permanecer em Cristo (Jo 15.1-6). Não há segurança fora de Jesus e do seu aprisco. Não há segurança espiritual para ninguém, estando em pecado (cf. Rm 8.13; Hb 3.6; 5.9). Jesus guarda o crente do pecado; e não no pecado.

Somos mantidos em Cristo pelo seu poder, mediante a nossa fé nEle (1Pe 1.5; Jd v.20; 2Co 1.24b). A salvação é eterna para os que obedecem ao Senhor (Hb 5.9; 1Co 15.1,2).

Estamos em pé pela fé em Cristo, e não pela predestinação: “tu estás em pé pela fé” (Rm 11.20); “se é que permaneceis firmes e fundados na fé” (Cl 1.22,23); “Deus é salvador de todos, mas principalmente dos fiéis [lit. “dos que crêem”]” (1Tm 4.10).

Há vários outros textos que também mostram a segurança do crente somente enquanto este está em Cristo:

Pois que tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei num alto retiro, porque conheceu o meu nome (Sl 91.14).

Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim; por isso que ele está à minha mão direita, nunca vacilarei (Sl 16.8).

Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim (Hb 3.14).

... eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia (2Tm 1.12).

[Senhor Jesus Cristo,] o qual vos confirmará também até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo (1Co 1.8).

O crente deve obedecer a Deus; não para que a sua obediência o salve ou o mantenha salvo, mas como uma expressão da sua salvação, do seu amor e da sua gratidão para com aquEle que o salvou.

Não nos tornamos salvos por aquilo que fazemos ou deixamos de fazer, mas pela fé em Jesus Cristo (At 16.31). A conservação da salvação também vem pela fé em Cristo, pois está escrito: “O justo viverá da fé” (Rm 1.17).

A doutrina da predestinação como ensinada pelo calvinismo só leva em conta a soberania de Deus, e não a sua graça (Rm 11.5; Tt 2.11) e a sua justiça (Sl 145.17; Rm 3.21; 1.17; 10.3).

Em Ezequiel 18.23 e 33.11 vemos que Deus quer que o ímpio se converta, e não apenas os eleitos e predestinados. Deus jamais

predestinaria alguém ao inferno sem lhe dar oportunidade de salvação. Isso aviltaria a natureza dEle.

Se todos já estão predestinados quanto ao seu destino eterno, então não há lugar para escolha, decisão ou livre-arbítrio por parte do homem. Entretanto, temos essa escolha em vários textos bíblicos, como vimos.

Que Deus nos conceda cada dia uma visão espiritual cada vez mais ampla e profunda, a fim de compreendermos a sublimidade da gloriosa salvação que Jesus Cristo consumou; da qual, pela graça de Deus, já somos participantes. Glória, pois, a Ele!

A doutrina da predestinação situando o crente na presciência de Deus não está na Bíblia para motivar choques de idéias, especulações ou coisas semelhantes; mas para, de modo carinhoso, Deus encorajar o crente.

Através dela, o Senhor está mostrando que antes que o mundo existisse, e o homem nascesse, Ele antecedeu-se e antecipou-se a tudo, prevendo problemas e dificuldades em nosso caminho e nos mostrando que é poderoso para nos levar a salvo para o seu Reino celestial (2Tm 4.18, ARA).

Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo (Fp 1.6).

Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória (...) seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém! (Jd vv.24,25).

ATIVIDADES – LIÇÃO V

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☒ A salvação é um fato em si, isto é, no sentido objetivo. Ela tem um lado objetivo (o lado divino), e um, subjetivo (o humano). O primeiro mostra Deus como o Doador da salvação; e o segundo apresenta o homem como o recebedor.
- 2) ☒ Na matéria Soteriologia, a ênfase recai sobre a graça de Deus para salvar o pecador. E, por essa razão, não discorrermos sobre a graça comum, extensiva a todos os homens.

- 3)  A graça do Senhor é a dádiva das bênçãos diárias que recebemos dEle, sem merecê-las (Jo 1.16). É, ainda, a dádiva da capacitação divina no crente, para este realizar a obra de Deus.
- 4)  Tecnicamente, a palavra “expiar” — hb. *kipper* — significa “encobrir”, “cobrir”, “ocultar”, “tirar da vista”.
- 5)  A fé se relaciona com Deus; o arrependimento, com o pecado. O arrependimento, pois, é uma doutrina básica quanto à salvação.
- 6)  A presciência de Deus é o seu pré-conhecimento de todas as coisas (1Pe 1.2; Rm 8.29). Ela é parte do seu atributo de onisciência. Ele pré-conhece todas as coisas sobre o homem, mas não as evita, por ser o homem livre e responsável por seus atos.

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANKERBERG, John & WELDON, John. *Criação e Evolução*. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, 1995.
- _____. *Os fatos sobre os anjos*. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, 1995.
- AQUINATIS, S. Thomae. *Suma Theologiae*. Marietti Editori Ltd., 1952, Romae-Italy.
- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*, Volume II, São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARCHER, Gleason. *Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas*. Editora Vida, 1998, São Paulo-SP.
- ARISTÓTELES. *Metafísica de Aristóteles*, Edición Trilingüe (Valentín García Yebra, Editor). Madrid: Editorial Gredos, 1999.
- BALZ, Horst & SCHNEIDER, Gerhard. *Diccionario Exegético Del Nuevo Testamento*, 2ª. ed., 2 vols. Salamanca, España: Ediciones Sigueme, 2001.
- BANCROFT, E. H. *Teologia Elementar*, Imprensa Batista Regular, Rio de Janeiro, 1989.
- BAUMGARTNER, Koehler. *The Hebrew & Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 2 vols. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2001.
- BERARDINO, Angelo di. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis, RJ/São Paulo: Editora Vozes/Paulus, 2002.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- _____. *História das Doutrinas Cristãs*, São Paulo, 1992, PES.
- _____. *Manual de Doutrina Cristã*, Patrocínio-MG, 2ª Edição, 1992.
- CABRAL, E. *Romanos*, Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, 4 vols. 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- CARLSON, Raunond G. *Salvation — What the Bibles Teaches*, GPH, MO-USA.
- CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*, 4 vols. São Paulo: Hagnos, 2003.
- _____. *Systematic Theology*. Dallas Seminary, TX-USA.
- CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado — Versículo por Versículo*. Editora Milenium. Vol. I: MT 2.1-12, 1982
- _____. *O Novo Testamento Interpretado — Versículo por Versículo*. Editora Candeia, São Paulo-SP.
- _____. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Editora e Distribuidora Candeia, 4ª ed., 1997, São Paulo-SP.
- _____. *O Antigo Testamento Interpretado — Versículo por Versículo*. CPAD, HAGNOS, 2ª ed., 2001, Rio de Janeiro-RJ.
- COSTA, Samuel. *Psicologia Pastoral*. Editora Silvacosta, 2005, Rio de Janeiro-RJ.
- _____. *Psicoteologia Geral*. 2ª ed., janeiro de 2005, Rio de Janeiro-RJ.
- ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. Edições Vida Nova, 1ª ed., 1997, reimpressões 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2005, São Paulo-SP.
- EVANS, William. *The Great Doctrines of the Bible*. Moody Press, Chicago-USA.
-

- FRANCISCO, Waldomiro. *A Doutrina dos Anjos e Demônios*. Estudo exegético acerca dos anjos e demônios à luz das Escrituras. CPAD, 2005, Rio de Janeiro-RJ.
- FRODSHAM, Stanley H. *With Signs Following*. Gospel Publishing House, Springfield, MO-USA.
- GRUDEM, W. *Manual de Teologia Sistemática*. Editora Vida, 1ª. Edição, 2001.
- HANEGRAAF, Hank. *Cristianismo em Crise*, 1990, Rio de Janeiro, CPAD.
- _____. *A Armadura Espiritual. O plano de Deus para proteger você do mal*. CPAD, 2005, Rio de Janeiro-RJ.
- _____. *Ressurreição*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- HENDRIKSEN, William. *Comentários do Novo Testamento — Filipenses*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- HENRY, Mathew. *Classic Sermon Outlines*. Hendrickson Publishers, 2001, second printing november 2002, Peabody, Massachusetts-USA.
- _____. *Comentário Bíblico*, Ed.CLIE, 1999
- HIPÓLITO. *Refutação de Todas as Heresias e Homília Sobre a Heresia de Noeto*.
- ROBERTS, Alexander, D.D. & DONALSON, LL.D. *Ante-Nicene Fathers*, 10, vols. Massachusetts, USA: Hendrickson Publishers, 1994.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. HAGNOS, 1ª ed., março de 2001, reimpressão julho de 2001, agosto de 2003, São Paulo-SP.
- HOLLADAY, William L. *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, Eerdmans, Grand Rapids, Michigan, USA, 1993.
- HOLLOMAN, Henry. *O Poder da Santificação*, 2003, Rio de Janeiro, CPAD.
- HORDERN, William E. *Teologia Contemporânea*, Hagnos, São Paulo, SP, 2004.
- HORTON, Stanley M. & MENZIES, William W. *Doutrinas Bíblicas — uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- HORTON, Stanley M., *Teologia Sistemática*, Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- JOHNSON, Phillip E. *Ciência, Intolerância e Fé*. Viçosa: Editora Ultimato, 2004.
- KEEFAUVER, Larry. *O Poder dos Anjos*. Editora Atos, 2004, Belo Horizonte-MG.
- KEENER, S. Craig. *Comentário Bíblico Atos, Novo Testamento*, 2004, Editora Atos Ltda, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- KELLY, J.N.D. *Doutrinas Centrais da Fé Cristã*, São Paulo, 1994, Edições Vida Nova.
- LACUEVA, Francisco. *Curso de Formación Teológica Evangélica II - Un Dios en Três Personas*. Barcelona, España: Editorial Clie, 1993.
- LACY, G.H. *Introducción a la Teologia Sistemática*, 1886, El Paso, Estados Unidos, Casa Bautista de Publicaciones.
- LANGSTON, A.B. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: JUERP, 1977.
- LEAKEY, Ricard E. *Comentário: o Pensamento Vivo de Darwin*. S.data.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. *O Homem em Três Tempos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- LIMA, Elinaldo Renovato de. *Células-tronco — uma visão ética e cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- MCCRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*. São Paulo: Shedd

- Publicações, 2005.
- MENZIES, William W. *Doutrinas Bíblicas. Uma perspectiva pentecostal*. CPAD, 1995, Rio de Janeiro-RJ.
- MORRIS, Henry M. *A Bíblia e a Ciência Moderna*. S. Paulo: Imprensa Batista Regular, 1965.
- _____. *O enigma das origens – a resposta*. San Diego-Califórnia: ABPC, 1974.
- MOUNCE, William D. *Basics of Biblical Greek — Grammar*. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan Publishing House, 1993.
- MULLER, H.J. *Radiation damage to the genetic material*. American Scientist, Vol 38 (janeiro de 1950 apud MORRIS, Henry M. *O enigma das origens*. San Diego-Califórnia: ABPC, 1974.
- MULLER, Richard A. *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1993.
- NELSON, Wilton M. *Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia*. Nashville, TN/ Miami, FL, USA: Editorial Caribe, 1998.
- _____. *Nuevo Diccionario Ilustrado de La Biblia*. Editorial Caribe, 1998, printed in USA.
- OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. *As Grandes Doutrinas da Bíblia*, Rio de Janeiro, 1987, CPAD.
- _____. *Anjos, Homem e Pecado. O relacionamento das criaturas com o criador*. EETAD, 4ª ed., 2001, Campinas - SP.
- PACKER, J.I. *Teologia Concisa*, Editora Cultura Cristã, Campinas, SP, 1999.
- PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, Emprevan, 1968.
- PENTZ, Croft M. *Outlines on the Holy Spirit*, Baker Book House, fourteenth printing january 1999, Grand Rapids, Michigan-USA.
- PFEIFFER, F. Charles. *Comentário Bíblico Moody*, São Paulo, SP, 1991, Imprensa Batista Regular.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- PRATNEY, Winkie A. *A Natureza e o Caráter de Deus*, Editora Vida.
- RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*. Trad. Gordon Chown. Edições Vida Nova, São Paulo: 1995.
- ROBERTS, Alexander, DD & DONALSON, LL.D. *Tertuliano — Contra Práxeas. Ante-Nicene Fathers*, 10, vols. Massachusetts, USA: Hendrickson Publishers, 1994.
- ROBERTSON, A.T. *Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento*, 6 tomos. Barcelona, España: Editorial Clie, 1990.
- SCHAFF, Philip. *The Creeds of Christendom*, 3 vols. Grand Rapids, Michigan, USA: Baker Books, 1993.
- SHEDD, R.P. *O Novo Dicionário da Bíblia*, 3 vols. São Paulo: Edições Vida Nova, 1981.
- SILVA, Severino Pedro da. *A Doutrina Bíblica dos Anjos*. Estudo sobre a natureza e ofício dos seres celestiais. CPAD, 13ª ed., 2004, Rio de Janeiro-RJ.
- SMITH, James. *Handfuls on Purpose*. Hendrickson Publishers, volume 3, january

-
- 2004, Peabody, Massachusetts, USA.
- SPANGLER, Ann. *Encontros com Anjos*. Editora Vida, 1996, São Paulo-SP.
- STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. S. Paulo: Editora Teológica, 2002.
- TASKER, R.V.G. *Comentários Bíblicos da Série Cultura Bíblica*, 20 volumes, Edições Vida Nova, 1ª ed., 1980, reimpressão 1982, 1988, 1991, 1999, 2005, São Paulo-SP.
- TAYLOR, Richard S. *Diccionario Teológico Beacon*. Kansas City, MO, USA: Casa Nazarena de Publicaciones, 1995.
- THAYER, Joseph Henry. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan Publishing House, 1991.
- VÁRIOS. *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2008.
- _____. *Catecismo na Igreja Católica*. Editora Vozes, Paulinas, Edições Loyola, Editora Ave-Maria, 1993, São Paulo-SP.
- _____. *Guia Prático de Missões EMAD*, CPAD.
- WEBBER, Marilyn Carlson e outro. *Anjos. Quem São? Onde Vivem? O que Fazem?* Editora Vida, 1997, São Paulo-SP.
- YOUSSEF, Michael. *Conheça o seu Real Inimigo*. As estratégias de Satanás e as sutilezas de seus ataques. CPAD, 2005, Rio de Janeiro-RJ.



O ensino teológico além das fronteiras.

CETADEB - Centro Educacional Teológico das Assembleias de Deus no Brasil

**Rua Antônio José de Oliveira, 1180 - Vila São Carlos
Caixa Postal 241 - 86800-472 - Apucarana - PR
Fone/Fax: (43) 3426-0003**

Celular Claro: (43) 8806-6976

Celulares Tim: (43) 9960-0910 / (43) 9960-8886

Celulares Vivo: (43) 9133-3953 / (43) 9157-1462

Celulares Oi: (43) 8455-4830 / (43) 8455-4831 / (43) 8455-4832

E-mail: contato@cetadeb.com.br - Site: www.cetadeb.com.br